

RevelaçãoRe-velada

ou

**da Reconstrução
do Templo**

2011

RAMÓN P. MUÑOZ SOLER

RevelaçãoRe-velada

ou

**da Reconstrução
do Templo**

2011

Muñoz Soler, Ramón Pascual _ 1919
RevelaçãoRe-velada ou da Reconstrução do Templo /
Ramón Pascual Muñoz Soler
Edição do Autor – 2011

Título original: *RevelaciónRe-velada o de la
Reconstrucción del Templo*

1. Mística 2. Transcrição Biológica da Evolução Espiritual

Página web: www.egoencia.uno

Tradução para o Português e capa: equipe VL

Edição do Autor - 1ª edição

Esta obra não é para ser *lida*,
mas para ser *ouvida*:
trata-se de poder escutar
o *tom fundamental*
em que fala a própria obra.

ÍNDICE

DEVO JUSTIFICAR-ME	9
REVELAÇÃO-VELADA OU DA RECONSTRUÇÃO DO TEMPLO	
I. RADIAÇÃO PRO-FÉTICA	15
<i>Mais simples que o simples</i>	19
<i>A Nova Revelação não veio Na forma que havíamos imaginado</i> ...	24
<i>A-bertura inicial</i>	30
<i>Overture semântica</i>	35
II. SINAIS ANUNCIADORES	43
<i>A-sombro</i>	47
<i>Pacto sagrado</i>	50
<i>Energia in-versa</i>	54
<i>Circulação da luz</i>	59
III. SENTIDO DA OBRA	63
<i>Ruptura de Simetria</i>	67
<i>REVERSIBILIDADE DE VALORES</i>	70
<i>GEN-ÉTICA SOCIAL</i>	73
<i>HOMO SOLARIS</i>	76
<i>UMA PAUSA NO CAMINHO</i>	81
IV. RE-CONSTRUÇÃO DO TEMPLO	83
<i>RE-CONSTRUÇÃO DO TEMPLO</i>	85
Corpo alternante	88
Língua Mãe	92
Ópera Magna	100
Canto dos “não nascidos”	108
V. ALÉM DO HORIZONTE E AQUÉM DO TEMPO	123
<i>ALÉM DO HORIZONTE</i>	125
<i>Chaves de poder</i>	127
Ruptura da forma	128
Ressonância pro-fética!	129
Um forte vento sopra do deserto	131
“Outro estado da matéria humana”	131
“Som” inicial!	132
A “ONDA PRO-FÉTICA” reverte em implosão de massa	135
<i>Homo universitas</i>	139
Ciência sagrada	139
Rota das proteínas?	140
A teoria da ciência se adianta à revolução social	147

Linguagem “vibratória” da nova idade	150
Reversibilidade de valores	154
“Retorno ao Templo com os demais reinos”!	157
Moléculas mensageiras!	159
Na vanguarda de insuspeitados acontecimentos	159
<i>Trans-missão gen-ética</i>	162
“Corpo social” em gestação	170
Economia orgânica do corpo social	171
Advento dos mensageiros que preparam a nova idade do mundo	174
Individuação da matéria!	179
Custódios-mensageiros.....	180
VI. COMO RAIO QUE MURALHA PARTE!	183
<i>PONTE GEN-ÉTICA ENTRE A ÁRVORE DO CONHECIMENTO E A</i>	
<i>ÁRVORE DA VIDA</i>	185
Divino nascimento	185
Fermento na massa	186
Ruptura da barreira cósmica.....	188
Ponte gen-ética entre a árvore do conhecimento e a árvore da vida.....	189
Nas fronteiras do tempo, o “guerreiro sagrado” se mede com o poder	
dos gigantes	190
Qual é o signo <i>arkhetípico</i> da revelação re-velada?	193
Chave energética do coração.....	194
VII. ONDE MORREM AS PALAVRAS.....	199
<i>NASCE UM NOVO SOL</i>	201
<i>Bibliografia</i>	207

DEVO JUSTIFICAR-ME

Por que me decidi a interrogar a Serpente de Fogo? Por que tento correr o véu que oculta o sentido profundo da história, sabendo de antemão que o desígnio dos deuses escapa ao olhar do homem?

Simplesmente o faço, porque não posso evitá-lo!

As estrelas celestes que *hoje* marcam o signo do tempo perguntam por meu lugar no mundo e devo responder-lhes com *minha* própria voz.

Começamos a vislumbrar segredos da vida, antes jamais pensados!

Nossa alma vive um tempo de penúria, ficamos à intempérie, sem chão onde apoiar nossos pés, sem lar onde albergar o fogo de nosso coração.

Porém, pre-sentimos uma Nova Aliança e, por momentos, adiantamo-nos a outros domínios do conhecimento e penetramos em outras dimensões da vida: tremenda tensão da inteligência entre os altos cumes do espírito e os profundos abismos da matéria. Já não se trata somente de construir a Terra, mas de Re-construir o Templo. Tarefa perigosa, muitos ficam pelo caminho: “Fui golpeado por Apolo”, exclama Hölderlin, em sua exaltação poética.

Nosso tempo é portador de enigmáticos sinais: o homem de hoje pergunta pelo cosmos, mas também o cosmos pergunta pelo homem. E a resposta a esta interlocução silenciosa (*inter-locus*) já não é resolvida pela ginástica do pensamento dialético nem pelo desvelamento metafísico do ser nem pelas equações de campo unificado da ciência, mas pelo próprio Drama da Revelação.

Por que digo “drama”? Porque a mensagem secreta da Revelação é representada como movimento intrínseco da luz, linguagem essencial dos deuses, homens e demônios no cenário do mundo: mensagem que *é* fora do tempo, mas que se manifesta nos jogos e caminhos do tempo e da história. A

própria palavra “revelação”, carregada de interpretações doutrinárias, figuras e símbolos do passado, nem sempre é adequada para nomear a energia, o ritmo e o sentido de uma “RevelaçãoRe-velada” que *funda* (desde o sagrado) os movimentos científicos, sociais e espirituais da era que se inicia.

Começamos a “pre-sentir” o advento de uma palavra profética que dá novo sentido à história.

Começamos a prestar “ouvidos” não só aos fatos, mas à alma dos fatos.

Começamos a decifrar enigmáticas “pegadas” do universo sagrado, nas moléculas da vida.

Ao querer abordar estes temas, algumas palavras fundamentais – a modo de hierogramas – saem a nosso encontro, talvez para guiar-nos pela obscura senda:

RADIAÇÃO PRO-FÉTICA

SINAIS ANUNCIADORES

SENTIDO DA OBRA

Uma pausa no caminho

RE-CONSTRUÇÃO DO TEMPLO

PARA ALÉM DO HORIZONTE

COMO RAIOS QUE MURALHAS PARTEM!

ONDE MORREM AS PALAVRAS

REVELAÇÃO RE-VELADA
OU DA RECONSTRUÇÃO
DO TEMPLO

I. RADIAÇÃO PRO-FÉTICA

*Lasciate ogni argomento, o voi que entrate.
Dante Alighieri*

A Luz da mensagem chegou antes que a palavra dos Mensageiros.

Entramos em uma nova era, mas nos escapa a essência das ideias e o sentido da obra. A primazia da técnica, na mente do homem contemporâneo, oculta a “sonoluminiscência” da radiação de fundo da Revelação.

Ao dizer “Revelação” não tento entrar no terreno da teologia dogmática, da filosofia da história ou dos mitos cosmogônicos, mas acolher em mim mesmo “aquilo que não é do presente nem de ontem, senão que constantemente se essencia, vive em todos os tempos e ninguém sabe a partir de onde apareceu tal coisa” (transcrevo o dizer de Antígona, no diálogo com Creonte). Em outras palavras, tento “ouvir” o que me diz a mensagem, mais do que interpretar o que dizem os mensageiros.

Da diversidade de formas, passamos à unidade de função; giro do pensar: das palavras ao silêncio e do silêncio à palavra.

Não necessitamos de mais palavras, necessitamos de mais vida.

Das doutrinas da Revelação (enquanto formas cristalizadas no tempo) passamos à *experiência* da Revelação (que é como dizer: ficar expostos ao vento do deserto).

Mas tudo isto, que pertence a uma ordem transcendente de intuições primordiais, choca de imediato com as estruturas do entender racional e das formas da fala cotidiana que ocultam, uma e outra vez, a essência do resplendor primeiro, para ater-se somente aos dados do conhecimento objetivo.

Se, desde o mundo das coisas e dos fatos (do “quintal dos objetos”, como diria Rodolfo Kusch) pergunto – “o que é Revelação?” – certamente que não encontrarei nenhuma resposta.

Minha alma chega a pre-sentir (*clarossentir*) o suave resplendor que anuncia o fim da noite do mundo, mas minha mente não chega a reconhecer o vínculo, a “energia de enlace” entre a mensagem da luz primeira e os problemas e as necessidades do homem.

Por que nos é difícil decodificar a mensagem da nova Revelação?

Porque a procuramos onde não está:

é mais simples que o simples,
não veio sob a forma que havíamos
imaginado,
é abertura inicial,
fala uma Língua que havíamos
esquecido.

MAIS SIMPLES QUE O SIMPLES

Aproximo-me, o mais que posso, do mistério da Revelação; mas, dou-me conta de que só chego a uma “distância mínima”. Quero entender com clareza, mas tropeço na barreira da sombra.

E, pergunto-me: pertence a Revelação a uma ordem sobrenatural separada da vida humana ou se trata de um valor transcendente que é do homem, mas nos escapa continuamente das mãos? Essa “distância mínima” é realmente uma muralha impossível de cruzar ou é apenas uma “porta” e só temos que bater para que se abra? Não será que nós mesmos levantamos uma barreira que nos fecha a passagem à morada do Deus desconhecido?

A “distância mínima” existe, tanto no mundo físico (10^{-17} metros) quanto no reino espiritual: também há uma distância mínima na ordem do conhecimento e na poesia do amor.

A verdade revelada se faz não-revelada quando tentamos explicá-la: sua palavra fala desde o Silêncio, desde o Mistério (*Mysterium*). Porém, o “mistério” não é alheio à vida do homem, mas constitutivo do Ser do homem.

E novamente, sai a meu encontro uma pergunta fundamental.

Se o “mistério” é constitutivo de meu próprio ser, por que não posso decifrá-lo? Por que me detenho ante o umbral do Desconhecido?

Também se detêm ali os filósofos, os cientistas, os artistas, os poetas!

Nosso claro pensar se detém ante o enigma da “matéria escura”.

Outra pergunta: A revelação do santo é diferente da revelação do sábio, de natureza diferente ou se trata de uma mesma função sagrada, mas que se revela de modo e em medida diferentes?

Protágoras dizia: “O homem é a medida de todas as coisas”. Os poetas românticos dialogavam em segredo com a alma do mundo. Albert Einstein recebe a iluminação, ao modo dos místicos: “Uma esplendente luz se fez dentro de mim”.

A investigação científica penetrou em domínios da natureza e do cosmos, até agora jamais explorados, desde os enigmáticos quasares e os não menos misteriosos buracos negros, até o código genético, a atividade intrínseca da matéria e a irreversibilidade do tempo; mas, até os mais audazes investigadores se detêm ante o “mistério” das constantes cósmicas, do limite da velocidade da luz, das transições de fase. O que há “além” da velocidade da luz? O que há “aquém” da constante de Planck? Especulações metafísicas, responderão os cientistas acadêmicos. Não sabemos! Dirão os sábios místicos.

As revelações do “além” ocuparam (e continuam ocupando) um lugar preponderante na tradição espiritual da humanidade e, de alguma maneira, é a “forma” de Revelação que nos é mais acessível: é o in-pulso primigênio que mobiliza a fé, a busca do conhecimento, o esforço de superação e de perfeição de milhões de seres humanos sobre a Terra; e é o fogo sagrado que funda as grandes religiões, inspira artistas e sábios, e acende o entusiasmo e a paixão dos povos nas epopéias da história. Mas, também há uma revelação do “aquém”, revelação de “proximidade”, “mais perto que o perto”, “mais próximo que o próximo”, “mais simples que o simples”. Esta “Revelação de proximidade” nos toca *tão de perto* que não nos dá tempo para nada (coloca-nos “aquém do tempo”).

Tratarei de explicar-me. Posso estar próximo de um mestre e não reconhecê-lo. Posso estar próximo de meus pais, de minha esposa, de meus filhos, de meus amigos e não reconhecê-los (em seu ser). Posso ouvir de perto a voz que me aponta minha vocação, meu destino e não reconhecê-la (em lugar de ouvi-la, interpreto-a, pergunto o que quer dizer,

a quem se dirige). Minha mente quer investigar o complexo, minha sensibilidade está demasiado ocupada em desenredar o que está enredado; não chego a escutar a voz que se dirige a mim mesmo, não a ouço, está demasiado perto, é demasiado simples (mais simples que o simples).

E volto ao ponto de partida e volto a perguntar: o que *é* Revelação?

O cintilar *inicial*, aquilo que “não-é” no tempo e que, no entanto, “é” a origem do por-vir. Mas também é o *fim*, o *consummatum est*, a radiação do mais obscuro que o obscuro.

O espaço aberto pela revelação científica e tecnológica nos convida a explorar estruturas e processos de complexidade crescente. A evolução nos aparece como orientada para organizações cada vez mais complexas: as moléculas da vida são organizações complexas, e são complexas as sociedades humanas e as sociedades dos insetos. Mas, os cientistas-filósofos se perguntam: “Existe um limite para a complexidade?” É uma pergunta que supera os padrões intelectuais de medida para respondê-la! Se, em lugar de querer respondê-la, “detenho-me” ante o umbral do desconhecido, chego a ver (revela-se) que o desenvolvimento evolutivo em direção à máxima complexidade alcança um ponto crítico que “dá passagem ao lado oposto”, movimento de signo contrário e igual medida: reversibilidade de valores, “invariância” na Arte da Fuga, o “outro lado” da circulação da luz, “RevelaçãoRe-velada”.

A revolução científica que hoje nos orgulha só nos legou a metade da fórmula. Ao reduzir as leis do homem às leis da natureza (baseadas na nota comum de irreversibilidade do tempo: Ilya Prigogine), substituímos os antigos mitos cosmogônicos por novos mitos cosmológicos: Homo-natura, em escala cósmica.

O paradigma dominante (vontade de poder) ocultou a transcendência do ser: homem incompleto, mundo fragmentado.

Corrida do espaço, engenharia genética, rede eletrônica de comunicações, nanotecnologia... só a “metade da fórmula”. O desafio que temos diante de nós (e por dentro) é aceder à “outra metade”: pelo a-mor, pelo sacrifício, pela reversibilidade de valores. E, se nos perguntassem, para quê? Responderíamos: simplesmente “para ser”, para “re-construir o Templo”, para “fundar sobre outro código Gen-ético” a civilização que vem.

Re-construção do Templo quer dizer “voltar à fonte”; o Evangelho diria: “Voltar a ser crianças”; os cosmólogos diriam: “Voltar às condições iniciais do universo”. Em outras palavras: “deixar ser” as funções essenciais da vida que foram esquecidas, reprimidas ou mutiladas em aras de um mundo que se transformou em prisão da alma. E surgem algumas perguntas: quais são os “valores de saída”? Uns dizem, a vontade de poder; outros dizem, o amor, o conhecimento, o sacrifício. Mas, qual é a via para “sair” do campo gravitacional da “matéria escura”: o caminho da ciência ou o caminho da fé?

Ainda se pudéssemos responder a todas estas perguntas, ficaria um interrogante chave: como alcançar o valor crítico da “força de escape”?

Quantas teorias foram fabricadas ao redor do amor!

Mas o Amor é um valor *simples*, que não vai nem vem, senão que simplesmente se revela.

Quantas metafísicas, filosofias, epistemologias foram construídas em torno da pergunta sobre a verdade do conhecimento!

Mas a Verdade é simples resplendor do ser: não requer teorias, argumentos, interpretações; é tão simples, que sua palavra se resolve no silêncio.

Quantas doutrinas surgiram a partir das Revelações espirituais que fundam a tradição dos diferentes povos da Terra!

Mas o valor espiritual
é um dom da alma,
uma voz-*simples* mas certa
que marca o rumo ao caminhante.

Hoje, estamos nos afogando em um mar de palavras, de teorias, de interpretações: com o agravante de que as “palavras” já não nos dizem nada e que tanto a “reflexão” quanto a “reflexão da reflexão” já disseram tudo o que tinham a dizer. A água das fontes e dos rios já não acalma nossa sede, a luz se oculta e penetramos na “escura noite da alma”. Mas, ainda não é tempo de despertar: a hora presente nos chama a experimentar a “noite escura da matéria”. E, quando “tudo está acabado”, damos-nos conta de que algo novo nasceu, algo que sempre esteve aí e que havíamos esquecido. Esse “algo essencial” se revela em:

- A fé *simples*
- O olhar *simples*
- A palavra *simples*
- A verdade *simples*

A NOVA REVELAÇÃO NÃO VEIO NA FORMA QUE HAVÍAMOS IMAGINADO

Uma pergunta: o que até agora chamamos de Revelação é a palavra divina transmitida à humanidade uma só vez e fixada canonicamente para sempre ou devemos reconhecer sinais proféticos renovadores na trama do tempo?

Rodolfo Kusch se aventura pelo Caminho do Inca em busca das pegadas deixadas pela “caminhada do deus no mundo”.

Em meu modo de ver, uma coisa é a “forma” da Revelação e outra o “poder” da Revelação. E, visto desde o lado do homem, uma coisa é a “notícia” da Revelação e outra a “experiência” da Revelação.

Experiência da Revelação? Tocamos aqui, um ponto delicado!

Há falsos profetas, místicos alucinados, poetas malditos. Porém, tudo isto não nega a possibilidade de um autêntico contato da alma humana com a luz divina. Que depois, esse “toque” primordial seja distorcido, interpretado, falseado ou ocultado (pelas teorias psicológicas, pelas doutrinas políticas, pelo fanatismo religioso), tampouco nega a realidade efetiva de um fogo sagrado que quer morar no coração do homem.

Em nosso tempo de crise, há sinais evidentes de mudanças fundamentais no cenário do mundo: rupturas de simetria, violências sociais, esvaziamento de significados. Compreendemos pouco de todas estas coisas, mas presentimos a irrupção de um poder que quer dizer-nos algo. A mensagem de vanguarda já não é teológica, sociológica, política nem sequer científica ou técnica: chamo-a de “pro-fética”.

Por que “pro-fética”? Porque é, *antes* de toda palavra!

Em 1905, Albert Einstein, em um dos cinco trabalhos publicados na revista científica *Annalen der Physik*, descobre a ação da luz sobre a matéria: “efeito fotoelétrico”. Hoje, em nosso mundo interior, começamos a descobrir a ação da luz in-visível sobre as moléculas da vida: estranhas “pegadas” da Revelação que já não podem ser representadas por uma ideia, um conceito, uma fórmula matemática, uma metáfora poética. É difícil para mim, encontrar uma palavra para nomear estas “ressonâncias” primordiais, estas “sonoluminiscências”, esta *in-scriptura* simbólica do Deus desconhecido no coração do homem.

A mensagem da era que começa vem como enigmático “signo de poder”, como “hieróglifo” (*hieros*: sagrado), cuja geometria pre-sentimos, antes de compreender.

É difícil falar nessa “língua”, com alguém cuja mente não quer (ou não pode) escutar. Qual é o obstáculo? Um certo “estado da matéria” que opõe resistência à passagem da luz.

Sobre a base de minha própria experiência, dei-me conta de que as “antigas formas” da Revelação, animadas devocionalmente por milhões de fiéis que pisaram os caminhos religiosos da história, fixadas dogmaticamente pelo pensamento ilustrado de influentes escolas filosóficas e teológicas, operam no inconsciente coletivo como poderosos arquétipos que marcam a direção do desenvolvimento espiritual, social e mesmo científico de todo um povo, de toda uma cultura, uma tradição, uma raça¹. É muito difícil subtrair-se ao olhar dos antigos deuses e, mais difícil ainda, escapar do campo magnético que esses “corpos” celestes deixam como “energia residual”, na alma coletiva da humanidade. Continuamos vendo a luz de estrelas mortas.

¹ O conceito de raça, desde um ponto de vista étnico, descreve tipos físicos. Existem, inclusive, preconceitos que se apoiam na palavra raça, como descritiva de povos, culturas, religiões, em forma pejorativa. No entanto, o conceito de raça, utilizado pelo autor, está estritamente relacionado com as etapas de evolução da Humanidade. (N.T.)

Continuamos presos no campo gravitacional de antigas revelações, depois de séculos e milênios de a luz originária haver desaparecido: continuamos vivendo de cópias e reproduções, quando o original foi perdido!

A Nova Revelação não veio sob a forma que havíamos imaginado.

No começo do século, no círculo hermético da Sociedade Teosófica, falava-se da iminente vinda do Bodhisattva Maitreya, o Instrutor do Mundo, e que o corpo escolhido era o de Krishnamurti, que fora educado durante vários anos para cumprir essa missão; mas, em 1929, este dissolve a Ordem da Estrela, da qual era presidente, e fixa sua nova posição: “Eu não quero pertencer a nenhuma Organização Espiritual”.

Anos depois, um discípulo lhe pergunta: “Significa algo, para o senhor, a palavra “Maitreya”?”. “Não”, responde Krishnamurti, de acordo com o que ele conta em sua biografia.

Porém, a expectativa messiânica não havia terminado. Em meados de 1982, apareceu em grandes títulos nos principais jornais do mundo e em diversos idiomas, um anúncio espetacular sobre a iminente reaparição do Cristo: “Toda a humanidade conhecerá Maitreya, o Mestre do Mundo, o Cristo, o Bodhisattva, o Messiah, o Iman Mahdi, o quinto Buda”. De acordo com os promotores deste novo advento, na primavera de 1982, o Maitreya “teria a oportunidade de dirigir-se ao mundo inteiro, através da rede global de rádio e televisão”; alguns anúncios precisavam a data e asseguravam que “O Instrutor do Mundo tomaria essa rede – a modo de intervenção pirata – durante a cerimônia inaugural da Copa do Mundo em Barcelona”. Nada de tudo isto ocorreu. O que aconteceu? Tratou-se de uma falsa profecia? Ou a mensagem foi real, mas mal interpretada, mal lida?

Não é fácil olhar o sol de frente, mas quando vemos sua imagem refletida nas águas, abundam as interpretações. Da luz que ingressa, só vemos o universo visível: as “sombras” na caverna de Platão, a hélice de ADN que se “expressa” em

genética molecular, as galáxias que se afastam velozmente no cosmos em “expansão”. Em resumo, só conhecemos a “metade da fórmula” (Marshall McLuhan o diz de outra maneira: “Só estamos conscientes do ambiente velho”). Mas, o que acontece com a Revelação?

Em nosso tempo, a mensagem da Revelação gira sobre si mesma e ilumina-ocultando-se: RevelaçãoRe-velada.

A radiação pro-fética muda a face do mundo e fala com voz de trovão, mas muitos têm ouvidos e não ouvem. No entanto, há um fato que se torna cada dia mais evidente para nós: se bem que possamos fechar os ouvidos às vozes profundas da alma, não podemos evitar seu impacto vibratório na matéria.

Outra vez, na era que nasce, estamos ante um acontecer originário, mas a luz inicial se reflete como “pauta inversa”, nas águas da mente. Tratemos de esclarecer. A luz que ilumina a inteligência de Einstein em seu êxtase místico se “traduz”, por seu inter-me(d)io, em teoria da relatividade, mas não se deve confundir a essência do cintilar inicial com a formulação matemática. Talvez o Maitreya já tenha vindo em seu Ser (e continue *sendo*), mas não tenha vindo sob a figura do Maitreya esperado. Quase poderíamos dizer que a mente coletiva da humanidade “se defende” da mensagem da Revelação, não quer recebê-la: ante o resplendor da luz que ingressa, o homem cobre seu rosto com o véu dos antigos mitos (para continuar sonhando, para continuar recordando o que foi, para continuar vivendo no marco seguro dos velhos paradigmas: enquanto Moisés sobe ao monte sagrado, em busca da nova lei, o povo rende culto ao bezerro de ouro).

A luz nascente pode golpear nossos olhos e podemos não vê-la, porque o marco teórico de interpretação do mundo a vela e a reduz, e quer explicá-la e calculá-la com base no conhecido; nossa sensibilidade, adaptada à geometria do quarto reino, só quer que o espetáculo continue, que continuemos vendo no firmamento as mesmas estrelas, ainda que nos digam que já faz muito tempo que morreram.

Mas há uma realidade ainda mais profunda que perturba nosso sono: a insuportável presença do Mal.

Leio nos jornais de junho de 1995: “A Organização das Nações Unidas, às portas de um fracasso nos Bálcãs”, “a democracia americana é colocada em xeque, pelo narcotráfico”. Continuo lendo: AIDS, droga, novos ensaios nucleares, desemprego, explosões sociais. O que é que acontece? A Luz que ingressa põe a descoberto o poder da Sombra! Mas, a “Sombra” é diferente da luz da Revelação ou é a própria RevelaçãoRe-velada?

A física quântica nos ajuda a entender um pouco melhor estas coisas. A luz se comporta como *partícula* *onda*. Talvez, a antigravidade exista (a “repulsão cósmica”); os cosmólogos não a negam, mas para dar-lhe carta de apresentação, em suas teorias da grande unificação, não têm mais remédio que introduzir um hipotético meio cósmico com tensão *negativa*. Também os sociólogos modernos (Jean Baudrillard) começam a descobrir a “energia inversa” que alimenta nossa atual sociedade de consumo (que faz *massa*). E, muita gente (não só os físicos e sociólogos) está se dando conta de que o Mal, o ocultamento da luz (a Sombra), a discórdia (*a-dixia*), o terrorismo, a corrupção, todas estas forças obscuras dão testemunho, a seu modo (como *contraessência*), da irrupção da luz (luz invisível, logicamente).

Talvez o Maitreya já tenha vindo e seja sua própria radiação pro-fética re-soando em nosso olhar, o que nos permite “ver” coisas que antes não víamos e que, muitas coisas que víamos (ou que acreditávamos ver) se ocultem de repente e desapareçam do cenário do mundo. A Revelação veio, mas não veio sob a forma que imaginávamos!

Uma última pergunta: Para quê veio?

Para fechar uma porta?

Ou para abrir um caminho?

Talvez, essa forma de perguntar corresponda ainda à antiga lógica do tempo.

Quando a Revelação que vem, já veio,
o tempo do fim co-incide
com a palavra do princípio.

A-BERTURA INICIAL

O signo de nosso tempo é enigmático: estamos vivendo um futuro que não podemos reconhecer. Quando falo de Revelação, estou me referindo a um a-contecer que se anuncia a si mesmo como palavra interior: A-bertura que *inicia* o caminho do conhecimento, do amor, da vida.

Mas, o que *é* “o inicial”? É a pré-pergunta de todas as perguntas.

Em nossa linguagem comum, falamos uma e outra vez de “abertura inicial”, mas quando perguntamos o que *é* “início”, não nos é fácil responder.

O início é o começo de algo? O *fiat lux* (“faça-se a luz”) do Gênese bíblico? O Big Bang, acontecimento inicial nas teorias cosmológicas? As “condições iniciais” nos processos fisicoquímicos (por exemplo, quando se diz que a máxima entropia é o esquecimento das condições iniciais)? Ou o “esquecimento do ser” em metafísica, quando se diz que nossa cultura se caracteriza pela perda de algo que se deu na origem e do qual perdemos a memória (Martín Heidegger)? E, se passarmos ao domínio da vida humana, a que chamamos de “o inicial”? O “pranto inicial” do recém nascido? O “batismo inicial”? Ou a “palavra inicial do homem” à presença de Deus?

Volto à pergunta: O início é a “Iniciação”, a “Revelação”, a “Origem”? Convém precisar os termos.

Em espanhol, costumam-se usar, indistintamente, as palavras “*inicio*” (início) e “*comienzo*” (começo) para significar princípio, origem e raiz de uma coisa. Em alemão, diferencia-se com maior nitidez *Anfang* (início) de *Beginn* (começo). A diferença não é só linguística, mas metafísica. O início, o princípio, não é na ordem do tempo, enquanto que o começo pertence ao tempo. A ciência moderna não faz essa diferenciação; o pensamento de físicos, biólogos e cosmólogos ficou aprisionado na “seta do tempo” e essa

visão reducionista da temporalidade lhes fecha a passagem para o instante transcendente do início. No entanto, nos modelos matemáticos que tentam representar a estrutura do universo, os cosmólogos não podem deixar de incluir um símbolo que escapa a toda medida de tempo; refiro-me à “singularidade”: tudo pode ser calculado e medido, menos o que acontece “ali” (que tampouco é um lugar), onde colapsam todas as leis da física.

E hoje, em nossa leitura do novo fenômeno humano, para além da reflexão sobre as diferentes visões do mundo, para além dos limites de nossa racionalidade técnica, também presentimos uma “singularidade” onde, ao mesmo tempo que colapsam as leis sociais e a matemática da história, é anunciado o nascimento de uma nova ordem da vida.

Milhões de seres humanos pre-sentem uma transição do caos para a ordem; mas, quando tentam trazer à linguagem este acontecer inicial, têm que reconhecer que não podem dizer nada.

É que “o inicial” não pode ser definido: simplesmente se *revela*! O que chamamos de “A-bertura Inicial” não pode ser determinado por parâmetros conhecidos ou por situações prévias: não podemos dizer que se produza “por” ou que a abertura se tenha produzido em tal ou qual lugar, em uma instituição ou em outra, em um acontecimento ou em outro. Talvez pudéssemos aproximar-nos deste acontecer, dizendo que é uma “transição de fase”. Mas, o que é transição de fase?

É uma mudança súbita de estado: a determinada temperatura, a água se converte em gelo. Em físicoquímica se fala de rupturas de simetria; em epistemologia genética se destaca a transição de um estado de menor complexidade, para outro de maior complexidade; no caminhar da alma, falamos de conversão. Em todas estas mudanças, podem ser determinadas as condições do estado A e as novas leis do estado B, mas ninguém sabe o que acontece “no meio”. E,

quando falamos de A-bertura Inicial, queremos dizer algo sobre “o que acontece no meio”: sem poder dizê-lo.

Algo pre-sentimos hoje, sobre uma “transição” que não podemos explicar. Transição para o quê? Para um supermercadismo universal? Para uma sociedade sem classes? Ou para uma civilização fora da Terra, em plataformas espaciais? Em nossa era técnica, neste tempo de penúria, nesta época de “deuses que fugiram, que tiveram seus tempos” (Friedrich Hölderlin), a A-bertura Inicial se revela como *comoção que sela nosso destino futuro*: dito de outra maneira, como raio que parte as águas da vida. Por isso, animo-me a falar de “radiação pro-fética” e não de “profetas”. Mas, acaso a Revelação, enquanto A-núncio do sagrado, não se manifesta no mundo por diversos sinais que mudam o rumo da história? Eu diria que sim, mas aquilo que chamamos de o “Inicial”, a “palavra anterior”, não nos fala pelos fatos e sim, pela “alma dos fatos”.

E voltamos a perguntar: o que é “palavra anterior”? Talvez devamos perguntá-lo aos poetas, mais que aos filósofos. Borges nos diz, em seu *“El Aleph”*: “Desci secretamente, rodei pela escada vedada, caí e, ao abrir os olhos, vi o Aleph”. E, quando quer explicar o que viu, reconhece: “Por incrível que pareça, eu acredito que há (ou que houve) outro Aleph, acredito que o Aleph da rua Garay era um falso Aleph”.

A palavra anterior, a alma dos fatos, oculta-se uma e outra vez a nosso olhar.

O que procurava André Breton? De acordo com o que Octavio Paz diz em *Corriente Alterna*:

Toda sua busca foi a reconquista de um reino perdido: a palavra do princípio, o homem anterior aos homens e às civilizações. O surrealismo foi sua ordem de cavalaria e sua ação inteira foi uma *busca* do Graal.

E os pais da ciência moderna, também viram o “Aleph”, tiveram algum contato com a “palavra anterior”?

Einstein e Planck, enquanto “mensageiros” da nova ciência, não acrescentaram nada ao que já existia no mundo físico, mas puderam ver algo que sempre esteve ali e que, no entanto, não víamos.

O que *é* esse algo?

O Inicial não é um “o quê”, é um pré-estado: voltamos à ideia de palavra-anterior. Se eu tivesse que dizer algo, acerca desta *palavra* que *não* se determina pelos fatos, senão que ressoa na alma dos fatos, diria que:

Início é aquela força
que *sustenta*
o sentido da Obra
do princípio ao fim.

E, se este modo de aproximar-nos do alento primigênio que “sustenta o sentido” fosse demasiado metafísico e fosse mais próprio da palavra de Deus que da palavra do homem, animo-me a dizer que também há uma força de início que marca as obras do homem, do princípio ao fim:

É a *palavra de honra*
o Verbo na boca do homem,
energia do Coração que se converte em vida:
código sagrado que se pronuncia
uma só vez.

Como trans-crever – já não em fórmulas matemáticas, metáforas poéticas, filosofias sociais, doutrinas religiosas, mas em “funções da vida” – este código secreto que continua re-soando em níveis profundos da matéria?

Não se trata de filosofia da linguagem e sim, como diz Heidegger, de “aprender a olhar o lugar onde já não falamos nós, senão que fala a Fala”. Ao chegar a esta morada, caem as

formas da poesia, da ciência, da metafísica e só nos fica a-guardar que nos seja dada a “nota Inicial” da Palavra que advém: é o lugar do Templo, onde a-guardar quer dizer guardar a essência do sagrado.

Quando todo um mundo de significados
desmorona,
quando o drama da história desemboca na
tragédia do homem,
quando (tal como o viu poeticamente Leopoldo
Marechal)
Tirésias, o guia espiritual, o sacerdote,
o condutor profético, foi substituído por Crespo,
como Símbolo de absolutização do poder
material,
da riqueza e do dinheiro, os custódios do fogo
sagrado
se retiram para o coração do Templo.

E nós voltamos ao Coração do povo,
para entoar “com eles” o primeiro acorde de uma
nova
sinfonia cósmica: Overture semântica.

OVERTURE SEMÂNTICA

Perguntas, na atual encruzilhada histórica: possui a Revelação uma linguagem própria que possamos ouvir e falar? A linguagem dos profetas bíblicos também pode ser a nossa? Os pais da física moderna foram também profetas, mas falavam uma língua que já não entendemos?

“Cibernética” e “profecia” são duas palavras chave que configuram o circuito integrado *profético-técnico* da era que se inicia. A tecnologia eletrônica “empacota” a cultura da era mecânica (por retroalimentação, por feedback), dispondo o caminho para uma cintilação fotoprofética: luz que anuncia as revoluções científicas e prepara as transformações sociais.

Quem são os profetas do tempo novo? São como partículas, em um campo de ondas: quando nos aproximamos para individualizá-los, desvanecem-se. Mas, não são acaso, pessoas vivas, mensageiros de vanguarda nos campos do conhecimento, do amor e da vida? Sim, são, mas a chave para o porvir não são os profetas e sim, a radiação profética: não o dom de uns poucos, mas a possibilidade de todos.

E, uma vez mais, perguntamo-nos: O que é radiação profética? Eu diria que é palavra de fogo: anuncia e denuncia, desintegra e ilumina; re-sonância inicial: prefigura a direção do tempo e põe a descoberto o sentido da história. Mas, este código simbólico requer ser traduzido à linguagem da época e transmitido: é a função *gen-ética* dos “mensageiros” chamem-se bardos, trovadores, *Minnesänger*, poetas anunciadores, “profetas do Renascimento” (como os chama Édouard Schuré), profetas do deserto ou profetas da ciência moderna.

A “ressonância profética” da nova era é uma radiação de fundo que desestabiliza o antigo sistema: não só transfere o pensamento racional a uma nova dimensão profético-científica, senão que con-figura uma trama de relações sociais, econômicas e políticas, em função de um novo

código Gen-ético. Sem percebê-lo, o código de sentido variou, o padrão de relações humanas não é o mesmo: até os próprios vínculos de parentesco ficaram fraturados. “Esta é uma geração de filhos sem pais”, diz a destacada antropóloga estadunidense, Margaret Mead.

Época de des-encontro: de repente, os afetos mais ternos, o companheirismo mais estreito, as lealdades mais juramentadas se quebram.

Ainda mais, não só os pássaros podem chegar a “não diferenciar” os próprios filhos dos estranhos, senão que os tecidos de meu próprio corpo podem tratar o que lhes é próprio como estranho: enfermidades de autoimunidade.

Mas também é uma época de
encontros providenciais.

Uma nova linguagem vibratória une os que estão separados e separa os que estão unidos.

Não é fácil entender o que nos quer dizer esta linguagem de “ressonância profético-científica”.

Para aproximar-nos – nós, herdeiros do *logos* grego e da civilização do Ocidente, desse idioma que a tradição espiritual da humanidade preservou sob herméticos símbolos, ainda mais, para tentar *ouvir* não a mensagem que foi dita e representada, mas a palavra originária de uma Revelação viva (que pre-sentimos, mas que não chegamos a reconhecer) – temos que dar-nos conta de que a Revelação “não é” um acontecimento e sim, um “protoacontecimento”. E isto não é um jogo de palavras, senão que tento escutar o que se revela *entre* os acontecimentos, *entre* os fatos, *entre* as palavras.

Eu havia ouvido falar de todas estas coisas, também havia ouvido dizer que há muitos que têm ouvidos e não ouvem, mas agora começava a escutar por mim Mesmo, o som in-audível da mensagem: para além dos fatos, falava-me a alma dos fatos.

Para os fatos, são suficientes os dados, a informação, é suficiente a Internet. Mas, o que é a “alma dos fatos”? Os grandes poetas o sabiam. Hölderlin escreveu:

Eu reconheço a alma da natureza, nesse fogo
tranquilo,
nessa vacilação, dentro de sua potente pressa.

Eu diria que a “alma dos fatos” é uma linguagem cósmica carregada de sentido: funda os fatos desde o Ser. Isto, dito desde a filosofia, mas não quero reduzir a ideia-sentimento que fala desde o coração, a uma metafísica de princípios fundamentais; porque essa metafísica, apesar de seu inestimável valor como ferramenta metodológica de desvelamento do ser, não deixa de ser outro “véu” que oculta, por trás da linguagem formal, o verdadeiro Drama da Revelação.

Um drama que pode ser também tragédia!

Por que Drama?

Porque dispor-se a receber a Revelação significa “ficar exposto” (sem véus, sem encobrimentos, sem restrições), a um jogo de forças desconhecidas, no cenário do tempo: é o “lugar” da Revelação, a “cadeira perigosa”, “meu” lugar. E digo Drama que pode ser tragédia porque aqui também é jogado “meu” destino!

Instante sagrado! Nem sempre nos dispomos a ficar “expostos”. Mais de uma vez, o simulacro substitui a verdade; o fluxo cotidiano de informação se alimenta de sua energia contrária: constante ocultamento do ser, reiterado encobrimento do real, contínua interpretação dos fatos. O conhecimento dos fatos, incluídos o conhecimento científico e a reflexão filosófica, oculta-nos uma e outra vez, a mensagem silenciosa da “alma dos fatos”. Mas, quando chega o instante da Revelação, “de repente” caem as máscaras, rasga-se o véu do templo, cai a decoração social onde era representado o drama sacro; os próprios fatos se

esfumam e fica a descoberto a alma dos fatos: que nos fala com sua própria linguagem. A “verdade da Revelação” não é a verdade objetiva da ciência nem a verdade intuitiva da filosofia: aqui, já não há palavras nem interpretações nem lógica do sentido, mas simplesmente, *interpenetração de estados* (energia de re-sonância).

Por que digo “de repente”? Primeiro porque “não me dá tempo” e, segundo, porque “me golpeou”. Eu também posso dizer como o poeta-metafísico: “Apolo me golpeou”. Quando me recupero do golpe, dou-me conta de que a Revelação me “tocou”: não só me *esclareceu* (reducionismo iluminista), senão que me *marcou*. Se a Revelação é um acontecer real e não uma fantasia, deixa sua “marca”, sua “pegada”, sua “signatura”, sua *in-pressão*: não só nos delicados tecidos da alma, mas nos caminhos da história e nas moléculas da vida.

Detenho-me aqui.

Não é meu propósito elaborar uma teoria geral da linguagem da Revelação, mas simplesmente prestar ouvido a sinais anunciadores de novas funções da vida. Hoje, o tempo é outro, o mundo mudou e a Revelação irrompe na história com uma linguagem diferente: já não vem como “uma Voz que clama no deserto” nem como um Verbo essencial que requer estar vestido com a filosofia grega para ser reconhecido, senão que nos *fala* e nos toca *como*

um “tornado”

que nos arranca de raiz.

Se bem que a Nova Revelação fale com a Mesma linguagem sagrada dos profetas bíblicos, a Mesma linguagem metafísica dos filósofos pressocráticos, a Mesma linguagem artístico-simbólica dos construtores das catedrais góticas e dos profetas do Renascimento, “fala-nos” com uma mesma linguagem essencial, “toca-nos” hoje com uma *energia* diferente. E, para escutar o que nos quer dizer e dar-nos conta de para onde nos quer levar, já não é suficiente a

intermediação dos antigos símbolos, ritos, metáforas e paradigmas, senão que se requer co-responder à mensagem, com a própria vida. Porque hoje, o Drama da Revelação já não é representado no cenário das tragédias gregas, dos concílios religiosos, tribunais do Santo Ofício, poemas dramático-musicais de Richard Wagner, revoluções sociais, senão que é vivido, sofrido, compreendido (ou não compreendido) como drama *ad inferus* do homem: ao chamado do Fado, das Musas, do Destino, do *Deus Absconditus*, responde o “coro” da humanidade com um *de profundis* que arranca sua energia das próprias entranhas da Terra.

Tentemos “ouvir” um pouco mais de perto o sibilar da serpente. Para isso, farei uma breve incursão no terreno da tradição espiritual e da filosofia da história.

Há ciclos de luz e obscuridade, de expansão e retraimento das correntes da vida. Há uma mística iluminativa (*Clara visa Deo*) e uma mística da noite escura da alma (*Deus Absconditus*). Há uma gnose de iluminação da inteligência (*Ísis sem Véu*) e uma alquimia de transmutação da matéria (*Nigredo* no processo alquímico). A arte do Renascimento projeta a síntese metafísica do Ocidente. No afresco de Rafael *A Escola de Atenas*, Platão aponta para cima, para o mundo das ideias arquetípicas e Aristóteles aponta para baixo, para o mundo da forma, dos conceitos, da matéria. E hoje, no novo templo da ciência, Einstein olha para cima, para o contínuo espaço-tempo e Max Planck olha para baixo e descobre a quantificação da energia (descontinuidade do mundo físico).

Uma nova síntese se antecipa a nossa chegada. A civilização racionalista nos conduziu ao desenvolvimento unilateral das funções humanas: absolutização do poder da inteligência e dessimbolização do mundo, momento de máximo perigo; e digo expressamente “perigo”, porque ao chegar a este extremo do caminho, o homem não só pode “ganhar o mundo e perder sua alma”, senão que pode morrer

em vida, por falta de vida. Na atual encruzilhada da história, produziu-se a ruptura de simetria do *logos do mundo* (Carlos Castaneda, em *Tales of Power*, fala da “retração do tonal”). A luz que ingressa põe a descoberto o poder da sombra; vemos sem saber e sabemos sem ver: paradoxo de RevelaçãoRevelada.

A-contecer fundante. Overture semântica. Primeiro acorde que dá início à ópera. Não temos formas “lógicas” da linguagem para fazer “audível” esta Overture semântica. Não podemos dar nome a uma Revelação que se oculta por trás da Comoção.

Liberou-se no planeta
um Poder
que vai além da medida do homem,
mas que toca o coração do homem:
força verdadeiramente sobrenatural
porque ultrapassa a medida
da antiga natureza.

A nova Revelação não vem interpretada em linguagem filosófica, mas “cantada” em clave energ-ética.

No horizonte do novo signo do tempo ressoam os primeiros acordes de uma Língua de ritmo analógico que funda, *desde o ritmo*, a linguagem das ciências do homem. Para entender a vida, já não partimos da ideia, do conceito, do *eidos*: partimos do “ritmo” que nos leva à origem, à raiz da própria vida. Já não falamos aqui de filosofia dos valores, mas de coreografia gen-ética.

Overture semântica, mudança de ritmo da matéria humana: o sentido da Revelação foi in-corporado como “função” nas moléculas da vida. Roçamos aqui um tema de “ressonância cósmica”, mais próprio de musicólogos que de filósofos. Nesta “ressonância”, ritmo e rito configuram um único “gesto simbólico”, uma “organização harmônica” entre a forma musical, atividade bioelétrica do corpo humano, e as

forças vivas do universo, como explica János Maróthy, em um documentado estudo de musicologia experimental: “Ritmo e rito. Dagli schemi comportamentali alle strutture musicale”.

Neste lugar de re-sonância da Língua, o advento da Palavra pode reverter-se em Overture semântica da Obra: força de plasmação.

Já não estamos sobre a Terra, outras estrelas iluminam nosso céu interior, outros sinais marcam nosso destino.

II. SINAIS ANUNCIADORES

*A Terra estava desolada e vazia.
Os guardiões do Templo dormiam.
Uma fresca brisa vinha do Mar.*

Por que *anunciadores*?

Porque a-nunciam! Anunciam não o que vai vir, mas o que já veio.

Trata-se de explorar um caminho, até agora ainda não transitado. O sinal pro-fético é enigmático por natureza, não descobre a totalidade de seu sentido, só insinua, abre um caminho, marca uma direção. Convida-nos a nomear com novas palavras o que já veio.

E, quais são algumas destas palavras?

- A-sombro
- Pacto Sagrado
- Energia In-versa
- Circulação da Luz

A-SOMBRO

Um forte vento do deserto se abateu sobre o mundo do homem e varreu os antigos significados. A Terra ficou desolada e vazia, e todos ficamos à intempérie.

Nietzsche havia se adiantado demasiado: “Será possível? Este santo varão, metido aí em seu bosque, não ouviu ainda que Deus morreu!” É o assombro do poeta-filósofo da modernidade. Ninguém o entendeu nesse momento. Não muito tempo depois, outro profeta, desta vez cientista, também se assombrava, mas de outra maneira: “Uma esplendente luz se fez dentro de mim”. Tampouco o entenderam (passariam trinta anos, antes que o grande Arthur Eddington comprovasse experimentalmente a visão do sábio).

A-contecimento fundacional de uma nova era: algo extraordinário havia ocorrido! Ante o primeiro resplendor da luz que ingressa, fogem os antigos deuses e desmoronam os modernos mitos.

Até 1945, ainda podíamos entender a mensagem da Revelação ao modo dos pressocráticos (des-ocultamento do ser), ao modo dos místicos (iluminação espiritual) ou ao modo dos cientistas (iluminação intuitiva), mas a partir da primeira explosão atômica, todo um mundo de valores veio abaixo e a luz da Revelação já não se ocultava timidamente sob o véu da poesia romântica, senão que arrasava a Terra como fogo devorador.

E hoje, perguntamo-nos: O que ficou do sistema monetário internacional, nascido do pacto de Bretton Woods? O que ficou da Aliança para o Progresso, da Internacional Socialista? O que ficou da Revolução Verde? E o assombro cresce. O que ficou do antigo pacto com a natureza? O que ficou da Terra, como morada do homem?

De qualquer modo, os antigos deuses e os modernos mitos *não* morreram, foram desintegrados só em parte pela luz que ingressa, fugiram para o inconsciente coletivo e, desde ali,

como poder residual, continuam exercendo poderosa influência no mundo do homem.

As coisas já não são como antes. Temos outro olhar. E voltamos a nos assombrar! Algumas coisas claras se vão, *antes* de tornarem-se obscuras; e outras obscuras ficam, para tornarem-se mais obscuras: dupla face de um movimento único de RevelaçãoRe-velada.

Cada vez vemos mais claro (ainda que, de momento a momento, se torne mais obscuro para nós) que, em meio às turbulentas águas da vida, nasceu algo novo: gestação divina na matéria humana!

Como não nos havíamos dado conta antes?

De repente, abriram-se nossos olhos: o mundo já não *é* o que parecia. O que os pais da ciência moderna viram na fronteira entre dois mundos, também nós o vimos (ainda que não pudéssemos explicá-lo em linguagem técnica): o mistério da luz, a atividade intrínseca da matéria, a degradação da energia, as flutuações críticas da vida.

Ainda mais, começamos a pre-sentir algo que eles não viram: a “outra metade da fórmula”, a reversibilidade dos valores, o poder Gen-ético das revoluções perdidas.

O A-contecer originário de uma cultura ou de uma raça escapa ao marco do entendimento humano, do tempo e da história. Mas, fica-nos a palavra dos Fundadores que, como pegada gen-ética, marca todo um ciclo evolutivo, do princípio ao fim: como uma radiação de fundo de micro-ondas, no desenvolvimento das civilizações. Se não fosse assim, não se explicaria a influência perdurável dos gigantes do espírito. E depois deles, o que vem? Vem outra coisa ou não vem nada! O que veio depois de Albert Schweitzer, o místico em ação que levou ao coração da África a ciência do Ocidente que cura o corpo, e a música de Bach que eleva a alma? O que veio depois de Gandhi, o místico revolucionário que levou à Índia a doutrina da não violência, da tolerância religiosa, da economia do trabalho, da humildade e do sacrifício? O que veio depois de Einstein, Planck,

Heisenberg, Pauli? A maioria dos homens e das mulheres de hoje não se formulam essas perguntas. Respeitam os Fundadores no ideal, mas na prática, a única coisa que lhes interessa é que o jogo continue; e, quando o sistema homem-máquina percebe que o jogo termina, de imediato aparece na tela do espaço virtual a mensagem de sedução: *“Insert coin to continue”*.

De repente, a luz da Revelação primeira (que faz história) se oculta ao olhar do homem e o que fica é a história com minúscula, o espetáculo sem conteúdo, a palavra sem mensagem, o altar sem fogo, a técnica sem homem: fica a sombra e vem o A-sombro. O homem moderno vive na ausência de Deus. Porém, teremos que ouvir Nietzsche: “Deus morreu” ou Isaías: “Por certo que és um Deus que se oculta”? Hoje, encontramos-nos ante o umbral de um novo mistério: a revelação do Obscuro. Os signos de catástrofe ocultam sinais anunciadores: o obscuro se torna claro e o claro se torna mais obscuro que o obscuro. Dito de outro modo, a Revelação que ilumina é, ao mesmo tempo, uma Revelação que A-sombra: RevelaçãoRe-velada.

A linguagem volta a tornar-se
insuficiente:
penetramos na
noite escura da matéria.

Já não há aqui, céu nem terra. Apagaram-se as luzes da inteligência. Um novo pacto sagrado assinala o caminho do homem.

PACTO SAGRADO

Perguntamos pela pedra angular da civilização que vem.

Quando tudo acabou (por perda de sentido), quando ficamos à intempérie (por desenraizamento, por ruptura do antigo pacto com a natureza), quando antes de seguir adiante, detemo-nos à borda do abismo, ali, nessa fronteira crítica, perguntamos ao céu: sobre qual fundamento edificaremos a nova cidade do homem?

Quando as filosofias políticas de liberação terminam em guerras de extermínio, quando o mito tecnológico desemboca no desemprego universal, quando a engenharia financeira que sustenta o desenvolvimento econômico nos lega uma dívida impossível de pagar... em poucas palavras, quando a alma do homem já não encontra água para acalmar sua sede, pergunta uma e outra vez onde encontrar uma nova morada para viver e para ser.

E, na espessura do bosque clareia uma resposta: já não é possível tentar a reconstrução do mundo, com base no mesmo sistema de valores que desencadeou a crise. Acaso, um novo “contrato social”? Um novo pacto de Bretton Woods? Um novo “pacto ecológico” com a mesma natureza que destruímos? Um novo pacto das Nações Unidas? Ou faremos “pacto com a técnica”, pondo toda nossa fé na engenharia genética, para criar uma nova natureza, novas plantas híbridas, novos animais transgênicos, novos corações transplantados?

Para onde vamos? Para o homem transcendente ou para o cibernântropo?

A pergunta – para onde vamos? – já não encontra resposta. Mas, sim, podemos perguntar-*nos* – onde estamos? E a resposta não tarda em chegar: estamos no deserto. As filosofias da existência foram recebidas, sobretudo pela juventude, como mensagem de liberação: uma nova “saída do Egito”? Mas, ante as primeiras carências da alma no caminho

do deserto, não puderam responder mais que com interpretações, “ao modo existenciário”: a angústia, o nada, o nihilismo, a perda da imagem do mundo. Só uns poucos começaram a pre-sentir que as “penúrias do deserto” se apresentavam como sinais anunciadores de uma “nova aliança”.

A nova biologia molecular utiliza o termo “nova aliança”, sem muita precisão linguística (*coupling, linkage, religio*) para caracterizar um tipo de acoplamento coevolutivo que se produz em processos físicoquímicos e biológicos, quando os sistemas alcançam um ponto crítico de instabilidade, longe do equilíbrio termodinâmico: ruptura de simetria, enlace entre processos cósmicos e biológicos. Os cientistas observam no laboratório que “algo novo” nasce nesses pontos críticos, mas a interpretação do fenômeno, em termos de uma lógica do tempo (auto-organização), oculta o “pacto implícito” que entra em jogo nas “fronteiras de catástrofe” da vida. A teoria de catástrofes e sua lógica matemática não são suficientes para explicar o mistério de transformação e sublimação da vida, mas a investigação científica nos permite compreender hoje que, *sem ruptura de simetria não há evolução* e que *em certos pontos críticos de catástrofe de um sistema, anunciam-se possibilidades para uma nova aliança*.

E o que acontece, em escala humana, na evolução antropológica? O que acontece nas grandes transformações da história, nas sucessivas “catástrofes” do planeta, no drama cósmico de criação e aniquilação de mundos? Só nos ficam, a palavra dos Livros Sagrados, os indícios residuais das mudanças de polaridade do campo magnético da Terra, a onda de energia residual da primeira explosão do universo.

Para compreender o que acontece em nosso tempo, nesta era de flutuações críticas de todos os valores, neste novo estado da matéria humana no cenário do mundo, para compreender todas estas coisas que escapam ao cálculo matemático, à filosofia da história, à ontologia da linguagem, necessitamos conjugar em uma língua única, a teoria de

catástrofes (que vem da ciência moderna) com a ideia de Pacto Sagrado (que nos foi transmitida pela tradição espiritual da humanidade).

“Não permanecerá para sempre meu espírito no homem” (Gên. 6:3). E veio a Arca. E veio o Dilúvio. E veio o sinal de um novo “pacto com a terra”. Trata-se de “outra” linguagem, da Mesma linguagem que se oculta por trás do véu da teoria de catástrofes, da lógica quântica, das estruturas dissipativas (Prigogine), da radiação do buraco negro; é a Mesma linguagem que começamos a *ouvir* hoje (quando entramos no deserto), apenas conseguimos liberar nosso pensar do “domínio da lógica” e do “domínio da técnica”. Em todas estas “formas” da linguagem, intuímos a presença de um mesmo “fogo”, fogo que desintegra e ilumina, que destrói e cria; e começamos a pre-sentir que a chave para o porvir da humanidade não é uma nova teoria da linguagem (uma linguística), mas uma nova aliança com o potencial genésico da árvore da vida; assim como em genética evolutiva, nos pontos críticos que marcam as grandes transformações biológicas, a chave não é uma nova teoria da evolução, mas uma nova molécula.

A nota chave desta “nova aliança” permanece hoje *in-audível*, em meio ao ruído da informação que agita as águas da mente coletiva. Conhecemos, sim, o pacto sagrado selado em pedra no cume do monte: as “tábuas escritas pelo dedo de Deus” (Êx. 31:18), mas nos escapa (por surdez espiritual) o A-corde fundante que reúne, em um mesmo ritmo, o canto das Musas e o código genético.

Da assinatura sagrada da pedra, passamos à ressonância cósmica da molécula: molécula analógica.

Molécula analógica!

Podemos escutar o que nos quer dizer esta língua?

Ficamos sem albergue.

O forte vento cessou.

Só escutamos o rumor

do fogo da lareira.

Havíamos chegado demasiado longe; fazia muito tempo que não ouvíamos o sino do Templo. A vontade do homem se fez onipotente, chegou ao extremo do conhecimento, da técnica, do poder; mas, nem a filosofia nem a ciência, tampouco a religião, puderam “guardar” a essência do sagrado. Teria chegado o homem a tomar posse da árvore da vida e se sentia igual aos deuses? Moustapha Safouan, discípulo de Jacques Lacan e autor de *A Palavra e a Morte*, em uma entrevista de Hugo Beccacece para *La Nación*, diz: “Os homens são hoje, como divindades”, e conclui: “A falta de ética destes tempos, a imoralidade, a corrupção nos mais altos níveis do poder, têm suas raízes em uma questão metafísica: o assalto à morada dos deuses”.

Hoje (como ontem, como sempre), o Pacto Sagrado restabelece o desvio (a desmesura) dos homens, anjos e demônios: uma poderosa corrente de energia in-versa nos conduz, uma vez mais, ao cume do monte.

ENERGIA IN-VERSA

Tento fazer audível o código energ-ético da mensagem in-audível.

Quando falo de Pacto Sagrado, Código Gen-ético, ressonância por similitude, não me refiro a uma marca estática do deus na matéria do homem (como a pegada do astronauta no solo da Lua), tampouco me remeto a uma palavra profética perdida nas areias do tempo. Quero decifrar o código de energia-sentido que marca as moléculas de minha própria vida.

Muito se falou nas antigas tradições, geralmente sob o véu do símbolo e da metáfora, de uma corrente de energia fundamental que cria e destrói os astros do céu, e abre e fecha os caminhos da história: “sarça ardente”, “serpente de duas cabeças”, “kundalini”, “palavra de fogo do profeta”, “espada mágica do herói mítico”, “fogo sagrado do lar”. Mas, em nosso tempo, a partir de 1945, essa Mesma energia sagrada já não fica prisioneira na rocha do Cáucaso, senão que foi liberada pelo engenho do homem: a partir daqui, foi selado um novo “pacto do deserto” (pacto do qual ainda não tomamos consciência enquanto “pacto”). Que a explosão atômica tenha sido interpretada como conquista técnica (reducionismo racionalista), não quer dizer que, por trás do véu da energia física, não se oculte o mesmo poder sagrado que cria e destrói os mundos. Um pouco além, na investigação, quando pudemos penetrar no mundo subatômico e nas colisões entre partículas, descobrimos a liberação de um tipo de energia que nos havia escapado das mãos: “energia de enlace”, “ressonâncias de muito curta vida”. Tudo isto ocorria no deserto do Novo México, em Hiroshima ou nos aceleradores de partículas: ocorria no caminho da ciência e da técnica. Mas, ao mesmo tempo, abria-se outro caminho de investigação por dentro e começávamos a ouvir o sibilar da Serpente de Fogo que

circula pelos canais invisíveis da árvore da vida: “re-sonância espiritual”, energia inversa.

Ingressávamos em um âmbito de ciência e investigação, totalmente novo.

Trata-se de descobrir, tanto no laboratório do físico, do bioquímico, do biólogo, quanto no próprio coração do homem, certos “pontos críticos” de interação de forças que possam dar passagem a novos estados da matéria e a novas dimensões da vida. Falávamos de “ressonâncias”. Porém, o que é uma “ressonância”? Uma partícula? Uma onda? Um estado intermediário? É energia? É matéria? Os físicos preferem dizer que se trata de algo que “acontece”. Ou é algo que se revela? É curioso; quando nos aproximamos desses pontos críticos de transição de fase, chegamos a dar-nos conta de que a linguagem se unifica: o físico, o metafísico, o bioquímico, utilizam a mesma palavra “acontecer” para aquilo que o místico chama de “revelação”. Ainda mais, também nos damos conta de que o que até agora havíamos chamado de “enlace”, com uma significação demasiado romântica, demasiado mística ou demasiado mecânica (*bounding forces*) leva consigo uma “nota” energ-ética que havíamos passado por alto. Sob esta nova ótica, o próprio conceito de “força” vem abaixo, para ser substituído por teorias mais abstratas que são formuladas como “intercâmbio de valores-energia”.

Na escala humana em que hoje se desdobra nossa vida – a nível de funções, ofícios e ferramentas que con-figuram a trama simbólica da Gen-ética social, no trabalho dos astronautas nas plataformas espaciais, na investigação silenciosa dos cientistas-místicos da nova idade solar – toda a teoria da comunicação, tal como a construímos até agora, cai sob seu próprio peso (crise de incomunicação no mundo moderno), abrindo caminho para uma nova linguagem de re-sonância cósmica: ritmo de reversibilidade de valores, em função de energia in-versa.

Para pôr o pé no caminho da nova história, não se trata somente de recuperar a essência da linguagem, por esquecimento do ser (tarefa metafísica), liberar a energia atômica ou controlar a energia de fusão (tarefa técnica), mas de assumir uma tarefa muito mais delicada: liberar a energia humana para não ficar preso nas redes do tempo.

Muitas teorias foram dadas sobre “expansão de consciência”, “desenvolvimento social”, “liberação espiritual”. Por afirmação de valores, por vontade de poder, penetramos no mundo da matéria; agora, falta-nos aprender o manejo da energia in-versa: para encontrar o caminho de “saída”. E, “saída” não é evasão, nirvana, êxtase: é recuperar a “outra metade” da fórmula, o poder de criação.

Muitos se perguntarão: poder de criação para quê: para criar o super-homem ou para fabricar o cibernântropo? Para dominar a Terra ou para instalar reatores atômicos e depósitos de lixo em outros planetas? Não, simplesmente para ter vida (porque nossa alma está morrendo por falta de vida). Mas, acaso, a ciência e a técnica não nos deram mais bem estar, mais vacinas, mais bens de consumo, mais conhecimento? Sim, mas não nos deram mais vida. O paradoxo de nossa civilização é que vivemos melhor, mas com “energia degradada”. Os físicoquímicos utilizam este mesmo termo para indicar aumento de entropia, máxima desordem, perda de energia livre. Sim, pode-se viver com energia degradada, mas o preço social é muito alto: é preciso compensar a queda qualitativa com mais droga, mais psicofármacos, mais hospitais, mais cárceres, mais desemprego, mais repressão.

Energia livre! Em escala humana hoje, não sabemos muito bem o que é. A única coisa que posso dizer é que é algo mais que a liberdade sexual, a liberdade social, a liberdade política, a liberdade de informação e algo mais que a filosofia da liberação.

Uma última pergunta. Se, como dissemos, já foi selado um novo pacto do deserto, se já foi quebrada a simetria da

matéria, se a casa que habitávamos ficou sem sustento, por que não chegamos ainda a reconhecer o “Código da nova Revelação”? Porque esse Código vibra como linguagem energ-ética!

Ainda não conhecemos a geometria da luz. Só entendemos, em parte, a mensagem da luz que ilumina, mas não chegamos a ter notícia de uma luz que A-sombra.

Alguns fenômenos “obscuros” (para não dizer macabros, sinistros, terroríficos), que configuram boa parte da patologia social de nosso tempo, podem ajudar-nos – se abriremos bem os olhos – a des-cobrir a energia inversa da luz. Quando as forças da vida não podem sair para cima, *refluem* para “baixo” e “mais baixo que o baixo”; quando isto ocorre, *vemos* que há crimes que já não são crimes, mas “ritos”, “cerimônias”, “pactos”, com forças sub-terrâneas (muitos destes “crimes” não podem ser esclarecidos, porque aqui não há criminosos e sim, “poderes da sombra”); e, ainda há um “refluxo”, tanto ou mais perigoso que o anterior (porque se apresenta legitimado pela biotecnologia) que é o “pacto secreto” com o animal ou o cruzar “para trás” de uma barreira evolutiva: os *xenotransplantes* (produção de animais com genes humanos) que são justificados “moral e tecnicamente” pela falta (no mercado) de órgãos para transplantes.

Refluxo da corrente da vida “para baixo” e “para trás”! O que se procura? No fundo, o que se procura desesperadamente é uma “energia degradada” para manter, a toda custa, uma matéria que desmorona por dentro. Mas, isso tem um limite:

Há um limite para a “corrupção” da vida!

Estamos nos aproximando de uma fronteira perigosa: onde termina o discurso filosófico, ético, teológico. A corrente de energia in-versa nos trouxe “mais perto que o perto”.

Também a investigação astrofísica descobre estados de “alta densidade da matéria”: onde as chamadas “partículas

atômicas” estão mais perto que o perto. A filosofia alquímica do Medievo havia reconhecido ali a substância do mal e o espiritualismo moderno falaria de materialismo extremo. Mas, nenhuma destas linguagens nos esclarece o mistério da “força obscura” de nosso coração. Ao topar com a barreira da sombra, não entendemos nada, mas pre-sentimos que:

Há zonas obscuras de nosso
próprio corpo,
onde a luz fica “apresada”
pela matéria.

E vem uma pergunta: qual é a ciência que pode dar-nos a chave para abrir esta armadilha e deixar livre o caminho da circulação da luz?

CIRCULAÇÃO DA LUZ

Na escura noite, ressoam passos de misteriosa iluminação.

RevelaçãoRe-velada é uma Língua de signos visíveis e invisíveis, um Código em dupla hélice. Em genética molecular, o ADN transcreve uma só das hélices. Na linguagem comum, acontece o mesmo; desde os gregos, vimos somente uma face da Revelação: des-velamento (*alétheia*), iluminação, mundo objetivo, filosofia do ser. Mas o ritmo, o in-pulso, a respiração da Língua fundamental, é a essência reversível da própria vida: o que *é* já deixou de ser, o que vai vir já veio, o escuro que havia se tornado claro volta a fazer-se mais escuro que o escuro.

O signo de nosso tempo nos conduz, por fase in-versa e complementar da luz, a conhecer o lado escuro da vida, o potencial luminoso da sombra: Stephen Hawking descobre a radiação de buraco negro, Jean Baudrillard dirige seu olhar à “transparência do mal”. Como momento reversível da grande expansão da inteligência, estamos experimentando em carne própria, o drama abismal da alma: aqui se ganha perdendo.

Ruptura de simetria para baixo, em direção à “noite escura da matéria”. Dante canta esta reversão da luz em poéticos versos:

Era tão negro e fundo e nebuloso
que afundando com fixidez o olhar
não alcançava seu fundo tenebroso.
(Dante, *Inferno*, IV, 12)

O *I Ching* representa “o abismal” como a “água que se precipita desde cima e origina toda vida na Terra”. Aplicado ao homem, é a alma encerrada no corpo, o luminoso contido no interior do escuro.

Em nossa era técnica, como descobrir o sentido deste duplo “código” da luz? Como compatibilizar este abismo

existencial, esta noite da matéria, esta tenebrosa escuridão da alma, esta filosofia do não-ser, com o maravilhoso céu de sóis que se acendem e se apagam? Trata-se da experiência em uma dimensão que até agora só havíamos conhecido em mitos cosmogônicos e lendas heróicas, mas que, em nosso tempo, faz parte da iniciação espiritual da humanidade. De alguma maneira, a ciência se havia adiantado, ao revelar a dupla face do mundo físico e a técnica pôs em nossas mãos o laser: raio que desintegra e ilumina, símbolo técnico da luz que cura e mata.

A antiga mente, a racionalidade do homem fragmentado, havia separado estes dois reinos de luz e escuridão; depois, tentou uni-los por síntese dialética, sem consegui-lo; a nova mente os re-une por reversibilidade de valores, por filosofia do ser-e-do não-ser. Ao descobrir em nós mesmos o movimento In-verso na circulação da luz, começamos a liberar um potencial de energia, até agora cativo em funções humanas de baixo nível de consciência: esta energia liberada pelos prot-agonistas do futuro é a chave para pôr em movimento a maquinaria sociogen-ética do mundo que vem.

É uma “chave” que perdemos, algo muito simples, mas de inestimável valor: princípio da “circulação da luz”. Mas, acaso a luz não circula? Isto que parece tão óbvio, ante uma leitura superficial do mundo físico, torna-se questionável em funções de leis da vida; seria como perguntar se na economia de mercado, “circulam” realmente os bens da vida. Circula a informação. Mas, “circula” a luz?

“Circulação da luz”! Tema profundo. Aqui, tropeçamos com uma forte insuficiência da linguagem para nomear “outra linguagem”. O mestre Lü Tzu, em *El Misterio de la Flor de Oro*, diz: “A luz executa o movimento de rotação por lei própria, se não se interrompe seu movimento espontâneo”. O *I Ching* nos fala do “movimento de retorno da luz, quando a obscuridade passou”. Stephen Hawking descobre que, a luz que desaparece em um buraco negro pode, de alguma

maneira, sair por “efeito túnel”. Em todas estas referências, estamos falando da mesma luz?

Este tema da “circulação da luz”, exumado do antigo contexto de especulações filosóficas e mítico-religiosas, volta à consideração das ciências do homem como “circuito chave” de *Gen-ética* social. Neste circuito de “trans-missão”, a verdade do conhecimento se transcreve em bens da vida. E, se falamos de “gen-ética” e não simplesmente de “ética” é porque cruzamos a barreira metafísica que condiciona o pensamento habitual e penetramos na dinâmica subjacente da matéria que sustenta a unidade essencial do conhecimento e da vida: “configuração gen-ética”. Dito em outros termos: trata-se de sustentar a chama em minha própria matéria.

Roçamos aqui, o mistério da
radiação humana:
“corpo de luz”.

É outra fisiologia, uma alquimia-mística de
reversibilidade de valores:
a única força que pode quebrar o modelo
reducionista da sociedade de consumo.

Quando me disponho a cruzar a barreira da sombra e me arrisco a saltar para o vazio em busca da liberdade total, chego a experimentar o mistério de expansão de consciência-e-radiação de energia: poder atômico do coração. Tentarei explicar-me.

O pensamento científico (com Einstein, Planck, Heisenberg) havia dado um grande salto com a teoria da “grande unificação das forças”; o pensamento filosófico, com outro grande salto (com Heidegger) havia chegado a cruzar a barreira da antiga lógica e a estender a ponte entre metafísica e técnica; e a investigação biológica (com Prigogine) descobre o salto qualitativo da matéria, em função da irreversibilidade do tempo. Tudo isto foi obra de gigantes: passo extraordinário na exploração dos ramos da árvore do

conhecimento. Mas, faltava tomar contato com as raízes da árvore da vida; nas teorias da “grande unificação”, faltava uma peça chave: o próprio coração do homem. Ou melhor, o coração ainda não havia sido descoberto: faltava o salto místico que, por reversibilidade de valores, libera a energia humana que dá sentido à obra.

III. SENTIDO DA OBRA

*Caminhávamos pelo bosque.
Havíamos perdido a trilha.
Deixamos de falar
e nos fazíamos perguntas em silêncio:
Para onde vamos?
De que lado sopra o vento?
Qual é o sentido da história?*

É lamentável que os sindicatos operários só lutem pelo salário e não pela obra.

Mas, o que *é* a Obra? É sinfonia cósmica, circulação da luz, criação e destruição de mundos. Sentimento de participação na ordem sagrada da vida.

A linguagem se torna pobre quando tenta representar o que não é representável. O que sim podemos dizer é que a ideia de Obra é algo fundamental que perdemos.

Primeiro foi o Paraíso Perdido. Depois, durante séculos e de mãos dadas com as grandes religiões, não vacilamos em perder o mundo para salvar a alma. Hoje, pelo caminho da ciência e da técnica, conquistamos o mundo e perdemos a alma. E, quando começamos a perder o trabalho e perder a vida, perguntamo-nos, uma vez mais: O que *é* a Obra?

A Obra é algo mais que o contrato social, algo mais que a fraternidade universal, algo mais que a Sociedade das Nações, algo mais que o mercado comum. Também é algo mais que o trabalho do homem, porque é a Obra que dá sentido ao trabalho. Os antigos mitos destinaram ao homem um lugar no universo, mas hoje perdemos esse lugar e já não nos lembramos da palavra dos deuses.

Há algum novo Deus, por quem
valha à pena entregar a vida?

Por quê vamos lutar?

- Pelo produto interno bruto?
- Pela dívida externa?
- Pelas taxas de lucros?
- Pelas instituições sem alma?

Chegamos demasiado longe! Apagaram-se as sagradas pegadas que marcavam os caminhos da história. Esquecemos o sentido transcendente das funções da vida. E, quando detemos nossa veloz corrida para ouvir o rumor das estrelas,

não encontramos palavras para dizer em voz alta, o que elas nos dizem em silêncio.

Mas, quando nos decidimos a entrar na grande corrente que move os mundos, a Obra nos revela seu sentido, através de enigmáticos sinais:

- Ruptura de simetria
- Reversibilidade de valores
- Gen-ética social
- *Homo solaris*

RUPTURA DE SIMETRIA

Foi quebrado o molde.

Penetramos em um novo espaço, mas ainda não sabemos navegar nele. Quais são os sinais que marcam o rumo ao caminhante?

É mais fácil descobrir pegadas fósseis, em antigos cemitérios: em muitas rochas, ficou gravada a direção que foi impressa pelo campo magnético da Terra, na época em que essas rochas se formaram (paleomagnetismo). Mas hoje, a pergunta é outra: para onde aponta a seta de destino, na matéria do homem?

Heidegger dizia em sua *Ciência da Lógica*: “Toda grande obra de um povo é levada adiante por um forte estado fundamental de ânimo”. Bastaria recordar o impulso que levou a alma grega a penetrar no coração da Ásia com as hostes de Alexandre; o sonho da Europa cruzando os procelosos mares nas nave vikings e nas caravelas de Colombo, pondo o pé nas terras do Novo Mundo; ou o ideal de liberdade universal da Revolução Francesa projetando-se como gesta libertadora, nos mais distantes povos da Terra. Evidentemente, estas e outras façanhas épicas foram realizadas por um “forte estado fundamental de ânimo” que conseguiu plasmar-se em revoluções políticas e sociais.

Mas hoje, na era da revolução científico-técnica, da globalização dos mercados, da rede informática, pressentimos algum “estado fundamental de ânimo” (em escala global), que nos permita indagar por algum novo rumo na ordem evolutiva da vida, isto é, já não dirigida para tal ou qual obra ou empreendimento de povos, nações, instituições, mas direcionada para o que poderíamos chamar de a “grande obra da humanidade”? Em outras palavras, prestando ouvidos às correntes profundas do magma social, chegamos a ouvir o rumor de algum in-pulso genésico que nos arraste (como

humanidade) em direção a outro destino pelo qual valha à pena arriscar a vida?

Ao fazer-me, eu mesmo, estas perguntas e sensibilizar meu coração para o som in-audível da luz que circula por dentro, chego a dar-me conta de que os “sinais anunciadores do novo destino” não vêm como símbolos tradicionais, vozes da alma, arquétipos do inconsciente coletivo. Vêm como ressonância de novos estados da matéria. Porque, foi rompida a simetria do mundo. E quebrou-se o molde da antiga linguagem.

A geometria da matéria marca o limite para a filosofia da linguagem.

No começo do século, José Ortega y Gasset, em *El Tema de Nuestro Tiempo*, antecipava-se ao tempo por vir e caracterizava o que chegava como “Pegadas sutilíssimas no puro pensamento, leves ondulações deixadas pelo sopro inicial, na quieta pele do estanque”. Na década seguinte – já o dissemos – Heidegger reconhece o in-pulso que move as grandes obras dos povos como “estado fundamental de ânimo”. Até 1968, estes “sinais anunciadores”, seja como “sopro inicial no pensamento” ou como “estado fundamental de ânimo”, ainda tinham alguma vigência. Mas, a partir de então, com o desabamento das revoluções da juventude, o predomínio da civilização técnica e o dilúvio da informação, multiplicaram-se as vozes sem mensagem e se apagaram as luzes do coração. Hoje, já não há lugar para o “puro pensamento” nem se adverte nenhum “estado fundamental de ânimo” que, como sinais anunciadores, marquem para nós o rumo em direção a uma aventura do espírito. A única coisa que a atual sociedade “que faz massa” (Jean Baudrillard) quer é que o espetáculo continue: *insert coin to continue*.

Desapareceu a “Grande Obra” como função essencial da vida? Não, mas nós a perdemos de vista.

Este “sentido da Obra” já não pode ser recuperado por alguma nova “cosmovisão” científica, filosófica, religiosa, por algum novo contrato social ou por algum novo

ordenamento político-técnico do mundo, senão que o estamos recuperando (muito duramente), por um “sacrifício coletivo”. Porque, não só a luz da inteligência unifica a visão do mundo – equações matemáticas da “grande unificação” – senão que também o Sacrifício, desde os abismos da matéria, gera uma “comunicação in-visível” entre todos aqueles que não têm registrado seu nome nos arquivos da história. E, a partir do sacrifício, voltamos a recuperar o sentido de participação na Grande Obra: com os que são, os que foram e os que virão.

A ruptura de simetria da matéria deixou nossa casa sem sustento. O que *é* já deixou de ser (recorde-se *A Sociedade dos Poetas Mortos*) e o que foi voltará a ser (“retorno dos mensageiros do espírito”). E, neste contraste de luzes e sombras, na fronteira do tempo, iniciamos a grande obra de “re-construção do templo”, com uma nova ferramenta: reversibilidade de valores.

REVERSIBILIDADE DE VALORES

Qual é a chave simbólica da civilização que vem? Irreversibilidade do tempo ou reversibilidade de valores?

Já não vivemos no mesmo mundo. Castaneda o diz de outro modo: “Foi movido o ponto de encaixe da consciência”. Que é como dizer: “Dividiram-se as águas”. Esta ruptura de simetria, esta mudança de direção da seta de sentido (entre os que vão e os que voltam), é a raiz do desconcerto existencial do homem pós-atômico. Não se trata de outra filosofia e sim, de “outro ritmo”, outro código *Genético*, outra matéria.

Novo instrumento orgânico para explorar outros caminhos do universo e da vida.

Reversibilidade de valores! Função incipiente, recém nascida. Não é um conceito. É o “pulso”, o “latejar”, o “ritmo” de um idioma esquecido. Dante encontra Adão no Paraíso, o qual lhe diz:

Do idioma que falei, perdeu-se a conta...
(Dante Alighieri, *Paraíso*, XXVI, 124)

O maior erro que poderíamos cometer seria apressar-nos para construir uma teoria, antes de dispor-nos a “escutar” o que essa língua mãe nos quer dizer.

A dialética dos opostos silenciou o canto das Musas. A nova linguagem de reversibilidade de valores devolve “som” (música) ao fluxo das ideias: Re-sonância humana ao A-corde fundamental da Língua. Talvez, como diria Heidegger, tenhamos vindo demasiado cedo para falar destas coisas.

Este modo de “não-dizer-dizendo” não nos leva hoje a uma nova Teogonia (ao modo de Hesíodo), a uma nova poesia-mística (ao modo dos trovadores românticos) ou a uma nova metafísica hermenêutica (ao modo de Heidegger), senão que nos *traz* à escuta de uma “fisiologia” de

ressonância. Dito em outros termos, começamos a “ouvir” os primeiros acordes da Língua Mãe esquecida, mas agora, ressoando no teclado simbólico de nossa própria biologia molecular: é um chamado a participar na nova criação do mundo.

Reversibilidade de Valores, enquanto linguagem de ressonância da nova era, significa algo mais que o começo de uma nova história: é “outro início”. Lembro-me de Josué e da tomada de Jericó: “Tinha Jericó fechadas as portas e bem trancados seus ferrolhos, por medo dos filhos de Israel; e ninguém saía dela nem entrava nela” (Jos. 6:1). Também a cidade do homem terrestre tinha bem fechadas suas portas e bem trancados seus ferrolhos, mas as “sete trombetas ressonantes” já haviam derrubado seus muros: produziu-se uma “fratura de mundos”. Aqui, não há lugar para uma teoria da linguagem: porque a catástrofe vem antes da teoria. A teoria microbiana de Louis Pasteur não pôde prever a queda do sistema imunológico por ação da AIDS: porque a AIDS fala outra linguagem. A poesia romântica do diálogo com a natureza não pôde prever a destruição da natureza pela técnica: porque a técnica é um poder que o homem não domina. A expansão da consciência psicodélica dos jovens da década de 60 não pôde prever a destruição desses mesmos jovens pela ação da droga: porque a droga fala uma linguagem química que o, *logos* grego não entende. O que havia acontecido em tão poucos anos? Algo muito simples: havíamos entrado em uma fase de ressonância cósmica.

Mas, a ressonância cósmica
não canta em clave de Sol:
é o próprio Sol!

Talvez, para aproximar-nos desta linguagem de ressonância – que, de momento a momento, muda as fases do mundo em que vivemos e somos – convenha prestar ouvidos à “teoria de significado” da nova física.

Começamos a “ouvir” o significado, como sinal de poder: como ingrediente imponderável que marca a direção do tempo e muda a organização da matéria. Vejamos se é possível esclarecer um pouco mais isto que escutamos.

A física experimental nos ensina que, a baixíssimas temperaturas, algumas substâncias se comportam como *superfluidos*; e outras, a muito altas temperaturas, transformam-se em *plasma*. Mas, o que acontece no mundo do homem, quando o magma social chega a “pressões” e “temperaturas” críticas? Pre-sentimos, sem poder demonstrá-lo, que a vida humana está experimentando hoje uma transição de fase: ruptura de simetria, por “sacrifício de matéria e radiação de energia”. Talvez estejamos preparando, em escala global, “outra” matéria: com menos resistência à passagem da luz e mais sensível aos sinais do céu e às vozes da terra.

Outra matéria: matéria/energia/significado de geometria reversível que nos permita aceder a dimensões mais elevadas da vida. É “outra” corrente, “outra” chave, “outro” movimento, “outro” idioma.

Não encontramos forma, imagem, geometria que possa representar o jogo deste protomovimento. Reversibilidade de valores? Mas, o que é reversibilidade de valores? Poder-se-ia dizer que é um movimento que “reúne”, mas em seguida, a linguagem fica curta, ao não poder nomear com uma palavra única a força que une e des-une.

A “reversibilidade de valores”, enquanto movimento da Língua Mãe, não pode se fazer “audível” dentro das habituais interpretações do pensamento filosófico: de um marco ideológico, passamos a uma função gen-ética.

GEN-ÉTICA SOCIAL

É hora de passar da geopolítica à sociogenética. Trata-se de um giro por in-plosão: volta para dentro, a partir de um ponto crítico, no caminho do tempo e da história. Quem são os prot-agonistas neste gigantesco movimento de geometria in-versa?

Começamos a vislumbrar a con-figuração sociogen-ética do mundo que vem.

O esboço do novo organismo social não é visível no espaço do homem fragmentado, no cenário da geopolítica das nações, nas redes teleinformáticas, no mercado de capitais, nos laboratórios de engenharia genética. É uma protofunção, seu código gen-ético está em outro lugar (sem deixar, por isso, de estar aqui, mas oculto, irreconhecível). Os “genes reitores” que dirigem o desenvolvimento evolutivo da sociedade, que ativam ou bloqueiam o sentido dos acontecimentos, estes promotores genéticos não estão nos acontecimentos, mas *entre* os acontecimentos, *entre* as fases, *entre* as moléculas; ali, no “inter-meio”, revela-se uma chave de poder que pre-sentimos, sem chegar ainda a compreendê-la (nem muito menos a manejá-la), mas que desestabiliza-ativando a organização do antigo sistema.

Em genética molecular, descobrimos “mensageiros químicos” (moléculas com alto poder de inteligência, que operam como “catalisadores” nos processos da vida orgânica: ARN mensageiro, AMP cíclico). Em genética social, começamos a intuir a presença de “mensageiros simbólicos” (se pudermos chamá-los assim) que, por trás do véu dos acontecimentos sociais, políticos, econômicos da atual sociedade em crise, assinalam uma nova direção para as correntes da vida. De repente, um personagem, um vírus, uma droga, uma informação, trans-figuram-se em símbolos de poder (como se fossem “in-vestidos” de atributos que, em outros tempos, representaram o poder de reis, sacerdotes,

heróis, alquimistas): mensageiros humanos, supra-humanos, infra-humanos.

Para além da *República* de Platão, da *Civitas Dei* de Santo Agostinho, do *Contrato Social* de Rousseau, do *Manifesto* de Karl Marx, da “aldeia global” de Marshall McLuhan, começamos a vislumbrar “funções”, “ofícios” e “ferramentas” até agora desconhecidos, ou melhor, “progenes” de uma matriz social arquetípica que permaneceu até agora oculta, por trás do véu da democracia política e do genoma social.

As revoluções sociais não vão além do limite que lhes marca seu próprio potencial sociogenético. A desiludida alma da humanidade sente hoje a necessidade de cruzar essa fronteira, mas os condutores políticos não têm a chave para abrir a porta. Ao não encontrar um caminho de saída (sociogênese evolutiva), a vida se volta contra a vida, a corrente social muda de signo (energia inversa) e desembocamos na enfermidade de adaptação:

Para pagar a dívida, contraímos mais dívida.
Para assegurar a saúde de poucos,
deixamos sem amparo a doença de muitos.

A patologia social de nosso tempo já não se resolve com mais cárceres, mais repressão, mais hospitais, mais lixeiras nucleares, mais engenharia genética; tampouco se resolve com novas filosofias sociais ou com novas doutrinas políticas. A chave é um código genético. Em termos de genética, diríamos “moléculas mensageiras”. Em termos de sociogenética falaríamos de “mensageiros de trans-criação”: promotores do futuro que transcrevem os genes latentes da humanidade que se adiantou a nós (matriz social arquetípica) em funções, ofícios e ferramentas do corpo social nascente. Os mensageiros abrem novos caminhos de comunicação em uma matéria social que se tornou permeável à circulação da luz. E a Mensagem da luz, por intermédio desses

“mensageiros”, converte-se em bens da vida: economia providencial de desenvolvimento humano.

Genética social! Convergência de correntes sociais e espirituais em um ponto de transição de fase dos valores da alma e da química da vida. Energia de re-sonância entre a matriz arquetípica da humanidade (seu *corpus mysticum*, se assim pudéssemos chamá-lo) e as correntes sociais de vanguarda de diferentes povos da Terra.

Campo unificado de forças!
Não só os homens lutam:
também os deuses e os demônios.
A guerra de liberação mudou de signo.

De *Homo terrestris* passamos a *Homo solaris*.

HOMO SOLARIS

Símbolo mítico-sacerdotal de antigas tradições? Ou nova molécula da vida?

Antes que começasse a corrida do espaço, *antes* que os sábios da Terra pensassem em naves tripuladas rumo a planetas longínquos, *antes* da primeira explosão atômica, *antes* da teoria da relatividade, quando já se divisavam no horizonte da história, sinais de que o patrimônio genético da humanidade corria perigo, uns poucos dos que viam longe (mensageiros do Graal), antes que caísse a noite, “havia-se retirado ao deserto em busca da palavra perdida”. Deixando para trás os pisados caminhos da cidade do homem, respondiam ao místico chamado das estrelas.

Haviam caído os antigos deuses, a luz da inteligência não chegava a expulsar as sombras da alma, e poderes tenebrosos ocupavam o cenário do mundo. Fim da história? O homem desmoronava por dentro (por falta de sentido) e a corrente de evolução esgotava sua energia em contradições sem fim. Não era a primeira vez que a seleção natural se enfrentava com uma crise energética e não seria a última vez que as forças profundas da vida responderiam ao desafio com uma variação do código genético. A genética evolutiva nos fez conhecer mais de uma destas transições de fase entre mundos biológicos diferentes e aprendemos que, em cada uma destas fronteiras críticas, uma “molécula chave”, ARN, ADN, clorofila, hemoglobina, toma o comando do novo ciclo da vida. Tudo isto pertence à nova ordem da natureza e sempre esteve nas mãos da natureza. Mas agora, era o homem quem devia responder (como corpo orgânico da humanidade) ao desafio cosmoevolutivo: tratava-se de criar uma nova ordem sagrada do mundo.

Já não era só questão de cultura, de mestiçagem, de civilização e barbárie, de guerras de independência ou de revoluções sociais, de ciência e tecnologia. Tratava-se (trata-

se) de elevar o *humus socialis* a níveis superiores de energiaconsciência para que a vida humana deixe de se arrastar sobre a terra e ocupe seu lugar no espaço cósmico recém aberto. As antigas cosmogonias americanas simbolizaram esta “saída” com o emblema da Serpente Emplumada. A tecnologia da era pós-atômica constrói plataformas no espaço para serem habitadas pelo homem pós-terrestre. Porém, a real “saída da Terra” não se dá hoje por um drama mítico ou por uma epopéia técnica, mas por transmutação da própria matéria escura do homem. Bem poderíamos dizer que a Operação Solaris não é representada hoje simbolicamente nos cumes das montanhas sagradas nem vivida no ciberespaço da cidade técnica, senão que se “prepara” alquimicamente na oficina de Vulcano, da terra profunda.

Quem são os Prot-agonistas (“moléculas mensageiras”) que assumem a função de “arauto-experimento” na dramática conjunção de forças do céu e da terra? Difícil identificá-los. Eles escolheram a missão do Sacrifício!

Os teóricos em genética evolutiva explicam estas transições de ordem como “mutações moleculares ao azar”. Ante um olhar profundo, as coisas não são tão simples. O materialismo histórico postula – pela dialética dos opostos – um progressivo ascenso em direção à luz. E a tradição espiritual nos fala do “deus despedaçado e morto, e nascido novamente pelo Amor da Ísis-mãe”. Mas, todos estes aspectos de gestação da nova vida requerem hoje uma linguagem unificada que re-una a visão profética e o pensamento científico.

O novo código da linguagem não vem da ciência, da filosofia, da linguística. Vem da própria vida. É a vida a que fala hoje uma nova linguagem: porém há muitos que têm ouvidos e não ouvem, têm boca e não falam. Sim, é preciso subir em busca de mais luz, mas para poder subir há que descer em busca de uma nova matéria. A falácia do espiritualismo antigo e da técnica moderna é supor que se

possa “ascender ao céu em corpo”, com a mesma matéria que teríamos na Terra. A “cooperação de genes” (em genética evolutiva), a estratégia do poder (rede informática), não são suficientes para criar uma nova matéria.

Operação Solaris é algo mais que uma nova constelação arquetípica (signo de Aquário) ou um novo mito solar. Trata-se da plasmação de uma nova “protomolécula”: novo código *genético*, novo Pacto Sagrado.

Essa “chave” simbólica é uma “ponte”, como a hemoglobina, como a clorofila: função de “enlace” entre mundos até agora separados. Os pontífices, os reis-sacerdotes, fizeram de ponte, de “moléculas mensageiras” nas grandes fases da genética sagrada da humanidade. E hoje, ante sinais de alarme pela degradação da vida no planeta, começamos a dar-nos conta de que para que “a poesia volte a encarnar na história” (utilizo aqui uma feliz expressão de Octavio Paz), para que essa “encarnação” se produza, já não é suficiente a poesia mística, a filosofia política, a revolução social, o mito religioso, senão que se requer uma “molécula sagrada” (não uma nova igreja) para que “tenhamos vida”: para que possamos re-unir em forma real e efetiva (e a isso chamo “encarnação” da poesia na história) os valores da alma com a química da vida. A nova religião (se ainda quisermos dar o nome de “religião” às novas funções da vida) terá que ser algo tão natural e tão sagrado como a respiração (que também simboliza, na biosfera, o enlace entre mundos diferentes).

Há algum sinal no mundo de hoje que nos permita reconhecer o *Homo solaris* como variante qualitativa na *genética* de populações? Sim, pelos alimentos que consome.

Homo natura se alimenta dos frutos da terra.

Homo informaticus se alimenta de informação.

Homo solaris se alimenta de luz.

Mas, este “alimentar-se de luz” não deve ser entendido ao modo do iluminismo antigo (iluminação da alma) e sim, como uma função inteiramente nova da vida humana (desintegração-iluminativa da matéria): “ofício sagrado” na *genética* social.

O homem *antigo*, seja o homem do deserto, do burgo ou da cidade, estava vinculado ao solo, à natureza, à *anima mundi*.

O homem do *Renascimento* descobre o mundo, quer ser homem universal e reclama seu direito à autonomia do pensamento, à liberdade política.

O homem pós-moderno é o homem da vontade de poder (e da angústia existencial).

E o *Homo solaris*? É um recém nascido, difícil de definir! Um místico em ação: ama e compreende. Trabalha em silêncio, desde o interior de sua própria matéria: como o fermento na massa, como o sal da terra. Em escala social, é um desconhecido.

Em *genética* social, *Homo solaris* é uma “divisa”, uma “molécula ponte” entre dimensões da vida, por longo tempo vislumbradas e pre-sentidas, mas não conhecidas nem vividas. As moléculas chave que nos deram vida durante éons de evolução (ADN, HB, clorofila) foram úteis para “possuir a Terra e subjugar-la”, para procriar e multiplicar-nos, mas não são suficientes para pôr asas na serpente.

Serpente Emplumada!

Poderoso símbolo solar de transfiguração da vida que encontramos nos antigos templos da América Central: cabeça humana saindo da cabeça da serpente. É a “outra” serpente. Nossa cultura de quatro dimensões só ficou com a Serpente do Paraíso: a “metade da fórmula”. O Evangelho dá testemunho da transfiguração solar do Filho do homem: “E se transfigurou ante eles; brilhou seu rosto como o sol e suas vestes se tornaram brancas como a luz” (Mt. 17:2); mas o cristianismo não foi receptivo a este sinal anunciador do novo éon e ficou com o martírio da Cruz. Também João, no

Apocalipse, tem a visão da “mulher vestida de sol”, como sinal da chegada do reino de Deus, depois que o sétimo anjo toca a trombeta (Ap. 12:1). Porém, não quero deter-me na simbologia do homem-sol. O *Homo solaris* é algo mais que um símbolo de antigos cultos, algo mais que um arquétipo do inconsciente coletivo, algo mais que uma metáfora de transfiguração da lagarta em borboleta; seu fundamento essencial é uma “molécula sagrada”: molécula-código de funções humano-divinas. Não podemos tomar ponto de apoio na estrutura biológico-mental do *Homo sapiens* para explicar, por leis de bioevolução, o nascimento do *Homo solaris*: o *Homo solaris* não é explicado por evolução, revela-se por *Advento*.

Vejamos um pouco mais de perto o que entendo por este advir de uma era solar.

O dilema de nosso tempo já não é civilização ou barbárie, liberalismo ou socialismo, alta produtividade com desemprego ou igualdade social com baixa competitividade no mercado global. A lógica do sistema (de qualquer sistema) desembocou em um paradoxo: pobreza estrutural, em meio à abundância. Este dilema é só a face econômico-social de uma fratura da ordem sagrada da vida, fratura que já não pode ser transposta pela filosofia política ou pelas leis econômicas do mercado. A resposta vem de “outro” lugar: vem do encontro entre o *Homo sapiens*, que ascende ao cume do monte em busca de mais luz, e o *Homo solaris* que desce do monte trazendo a luz: *mysterium adventus*.

Neste espaço sagrado de encontro entre o tempo da história e a Palavra de advento, inicia-se hoje a re-construção do Templo.

UMA PAUSA NO CAMINHO

E voltamos a escutar!

Diótima, a mulher inspiradora, o eterno feminino,
a Hiperión, o anunciador:

Sabes o que é que te consome,
a única coisa que te falta,
o que te entristece em todas as tuas tristezas?

É algo que não desapareceu só alguns anos;
não se pode dizer exatamente quando existiu
nem quando desapareceu,
mas existiu, existe, está em ti!

Friedrich Hölderlin, *Hiperión*

Existiu, existe, está em ti!
Está na *alma*:

Ao fim de uma longa noite do espírito,
quando tudo havia acabado,
quando senti em minhas entranhas a dor do
abandono-Dei
e a solidão do exílio,
de repente, dei-me conta de que Ela,
a amada *abscondita*,
por trás do véu do mundo sem estrelas,
falava-me no enigmático silêncio
da Língua Mãe.

Está na *sociedade*:

Na promessa dos desaparecidos.
No potencial genético das revoluções perdidas.

No fermento evolutivo do *sacrifício* dos
inocentes.

No descenso dos ideais às raízes profundas da
árvore da vida.

No Trabalho criador dos operários da Terra.

Está na *história*:

Na memória libertária dos povos.

Na voz dos profetas, dos sábios e dos santos.

No desmoronar dos impérios.

No Retorno da Luz.

IV. RE-CONSTRUÇÃO DO TEMPLO

O que é o Templo?

*Espaço interior do mundo.
Todos queremos chegar ali:
renovar nosso pacto
com o Amor, a Verdade, a Vida.
Porém, o caminho
se tornou quase irreconhecível:
perdemos as pegadas
do sagrado.*

RE-CONSTRUÇÃO DO TEMPLO

Houve um tempo de criação do mundo e renovação da vida, quando a palavra divina ressoava no coração do homem: “Faz-me um santuário e habitarei em meio a eles” (Êx. 25:8). E os sacerdotes e os operários da Terra edificaram o Templo. E o Templo esteve “cheio do espírito de Deus” e foi o lugar da revelação, da oferenda, da consagração: um lugar onde “o homem falava com Deus como um homem fala com seu amigo”.

Mas hoje, a roda do tempo gira em sentido inverso e perdemos a imagem do mundo. Os templos ficaram vazios e ninguém custodiava o fogo sagrado. Qual é a “função” do templo? A deusa Razão ocupou o lugar da “nuvem sobre o Tabernáculo” e o som estridente da guitarra elétrica expulsou os acordes do órgão litúrgico. Ainda até a época das Cruzadas – no tempo de penúria da alma coletiva – foi possível conceber e pôr em movimento uma gigantesca peregrinação à Terra Santa para resgatar o Santo Sepulcro (porque a religiosidade cristã do Ocidente havia preservado símbolos tradicionais: Terra Santa e *sacro speco*). Mas hoje, em um mundo sem sinais, onde todos os lugares são um “não lugar” e onde a própria Terra foi dessacralizada pelo homem, os milhões de sobreviventes da “catástrofe de sentido” se perguntam: “Onde está o Templo?”.

E uma Voz silenciosa ressoa na caverna do coração: *Não está aqui!*

Neste “não está” é simbolizada a tremenda escuridão espiritual da época em que vivemos. Roçamos uma onda de abismo existencial e dessimbolização do mundo.

Dessimbolização do mundo!

Algo mais que uma perda de valores éticos, estéticos, religiosos; algo mais que uma “decadência do Ocidente” (ao modo de Spengler); algo mais que um “fim da história” (ao modo de Fukuyama); algo mais que “esvaziamento de

sentido e neurose de massa do mundo moderno” (ao modo de Viktor Frankl). Dessimbolização radical do mundo é uma verdadeira “catástrofe” do *anthropos*: funções inteiras vêm abaixo, a vida do homem sobre a Terra se torna intolerável, o “pacto social” já não é suficiente para regular o direito, o trabalho, a economia e muito menos para conferir sentido à existência. Não é nada estranho que, em uma terra seca e sem luz, quando os antigos Deuses se retiraram e nossos ídolos desmoronaram, o homem, para seguir vivendo (sem alma) termine por se alimentar de lixo.

E, surge de imediato uma pergunta. Quando uma cultura, uma filosofia, uma política, uma ciência, uma religião, já não podem dar lugar ao desenvolvimento da consciência, onde encontrar um suporte adequado para olhar para além do horizonte?

Sempre houve (há) uma *força* que resiste a morrer em castelos de pedra.

Sempre houve (há) um *povo* que escutou (e escuta) uma Voz diferente:

Escuta, filha, e olha;
inclina teu ouvido
e esquece teu povo e a casa de teu pai.
Salmo 44

Sempre houve (há) uma *vanguarda* que quer liberar-se para liberar:

Voltarei e serei milhões.
Eva Perón

Sempre houve (há) um *grito* de liberação:

Mi gloria es vivir tan libre
como el pájaro del cielo;
no hago nido en este suelo,

ande hay tanto que sufrir,
y naides me ha de seguir
cuando yo remuento el vuelo.

José Hernández, *Martín
Fierro*, I

Mas, sempre houve (e digo que há) um “povo”, uma “vanguarda”, uma “força de liberação”; onde está hoje esse “povo”, essa “vanguarda”, esse “grito”?

Não está aqui!

Não está no mundo dos mercadores do templo. Está no Templo.

É uma corrente espiritual que vem do Templo para fecundar a terra, para restabelecer a ordem sagrada do Mundo. Vem como progênie (pro-gene) de um novo código gen-ético: Língua Mãe que codifica funções, ofícios e ferramentas da civilização que vem. E volta ao Templo, como onda de transfiguração da matéria: volta sem haver saído do seio da Mãe.

E volta a pergunta: O que é o Templo?

O Templo!

Uma ideia grandiosa.

Um sentir profundo.

Uma sin(*sem*)-fonia cósmica.

Não tenho palavras para representar a *Arkhitectura* simbólica do Templo. Mas, posso continuar perguntando.

Que lugar tem o Homem na *Arkhitectura* do Templo?

Começamos a pre-sentir a unidade orgânica do Templo no homem e do homem no Templo. Poderíamos dizer que, como “pro-gene”, ideia simples, coração do mundo, o Templo é um código sagrado *não* representável. Mas isto não quer dizer que seja um ideal inacessível, uma miragem no deserto do mundo, uma realidade virtual na tela da mente coletiva; tampouco podemos dizer que seja somente um recinto de pedra, uma cerimônia litúrgica ou um lugar de passagem. E

então, que lugar tem o homem na *Arkhitectura* dessa Ideia grandiosa, deste sentir profundo, desta sin-fonia cósmica?

Dar-lhe vida sobre a Terra!

Dar-lhe “albergue” em seu coração: para que a divindade, que pre-sente por trás do véu de todos os símbolos, se transforme em pão para os que têm fome e em água para os que têm sede. E a esta transmutação da essência divina em valores e bens humanos, chamo “re-construção do Templo”.

E surge agora uma pergunta que reclama urgente resposta. Que valor prático pode ter hoje esta re-construção do Templo, quando “o que faz falta” é construir mais casas, mais hospitais, mais escolas, mais fábricas, mais cárceres, mais lixeiras nucleares? Dito em termos ainda mais críticos, quando a Terra se incendeia, o que é urgente: apagar o fogo ou re-construir o Templo?

Para responder a esta pergunta, deixo a palavra a Heráclito, que algo sabia sobre “fogo”: “Mais falta faz extinguir a desmesura que um incêndio”.

Perdeu-se a “justa medida”: o homem tomou sua própria vontade de poder como medida de todas as coisas. A re-construção do Templo se inicia com o desvelamento do “cânon sagrado” (proporção divino-humana) que corresponde ao novo signo do tempo.

Como se anuncia e como se desdobra este código sagrado nos caminhos da história, recém abertos?

Como:

Corpo alternante

Língua mãe

Ópera magna

Canto dos não nascidos

Corpo alternante

Um A-corde sagrado ressoa no coração da matéria.

Uma Voz In-sonora se traduz em funções humanas.

Já não vivemos no mesmo corpo.

Se eu tivesse que resumir em poucas palavras a chave metafísica da crise do mundo moderno, diria que se trata de uma “crise de fundamento”: a casa que habitávamos ficou sem sustento. Por mais de dois mil e quinhentos anos, pelos caminhos da filosofia, das ciências particulares, das religiões, vínhamos procurando uma “pedra fundamental”, uma base segura sobre a qual edificar o templo do saber e construir uma arca de salvação da alma. Porém, quando o pensar sistemático, apoiando-se no “princípio de razão suficiente”, acreditou haver encontrado essa terra firme, quando tudo parecia seguro e claro à luz da matemática da ciência e da filosofia da história, quando “Deus havia morrido” e a deusa Técnica havia ocupado seu lugar, quando tudo parecia inamovível, de repente, apagaram-se as luzes do teatro e ficamos às escuras: a “pedra” que tínhamos por fundamento afundou sob nossos pés, ficamos sem “lar”, à intempérie e a alma experimentou, pela primeira vez, em escala global, a angústia abismal da existência e a perda da imagem arquetípica do mundo. De repente, “o certo” se tornou “incerto”.

Mas, quando o tempo do antigo éon chegou a seu fim, uma maravilhosa ressonância lumínica iluminou a noite do mundo. O que havia acontecido? Um instante de Revelação!

Uns falaram de “giro copernicano da força”. Outros de “ressonância cósmica”. A própria Terra “se havia movido”? Os antigos sábios não viram nada, não ouviram nada e negaram tudo, mas os “novos videntes” (como diria Castaneda) responderam como Galileu: “Eppur si muove”. O sentido das palavras voltou-se outro; a comoção da alma anunciava um novo signo do tempo. Os pais da física moderna anunciaram a nova idade, em linguagem profético-matemática: “dupla face do mundo físico” (partícula-onda, matéria-antimatéria), “princípio de incerteza”, “mecânica quântica”. De qualquer modo, cedo nos daríamos conta de que as equações matemáticas e os modelos cosmológicos só

representavam “a metade da fórmula”. Mas, não nos adiantemos.

A partir da explosão atômica e da investigação experimental no mundo subatômico, todo o edifício conceitual da antiga ciência veio abaixo e operou-se um giro na direção do pensamento; de estruturas objetivas formais, passou-se a princípios essenciais: filosofia da filosofia, metafísica da metafísica, epistemologia da ciência. E veio a técnica com sua “mensagem de salvação”, com seus códigos informáticos, seus computadores, seus robôs industriais, sua rede eletrônica de circulação de dinheiro, sua mensagem de desemprego. Por um momento, acreditávamos ter nas mãos a sabedoria dos deuses, para edificar sobre bases firmes a nova cidade do homem: havíamos encontrado nos circuitos cibernéticos da deusa Técnica, um fundamento mais real, mais efetivo, mais “certo” que os antigos princípios, ideais e sonhos de filósofos, poetas e místicos. Em poucas décadas, a técnica mudou a face do mundo, mas logo nos daríamos conta de que “o poder da técnica é algo que o homem não domina” (Heidegger). E começamos a pre-sentir que, em nosso afã por conquistar o universo, havíamos perdido o Tabernáculo que codifica as funções sagradas da vida.

Havíamos ficado expostos a um “vento cósmico” devastador:

A-sombro ante a extrema proximidade de uma luz que se oculta a nosso olhar.

O que havia ocorrido?

Havia-se quebrado a barreira cósmica, desmoronavam os impérios da Terra, dispersavam-se os povos aos quatro ventos. Haviam fugido os antigos deuses, ficava uma alma desiludida! Um A-corde sagrado ressoava no interior da matéria.

Passar-se-iam muitos anos de trabalho no laboratório de meu próprio corpo, antes que me desse conta de que meu coração também havia explodido.

E compreendi que o coração do homem

Não é uma bomba mecânica.

Não é uma peça de reposição.

Não é uma caverna povoada de sonhos.

“Era um lugar sagrado e eu não o sabia!”

Esta ideia de “lugar sagrado” haveria de orientar-me na busca de “funções” do Templo, que haviam ficado ocultas ao olhar da investigação teológica: funções sagradas do Templo, no homem.

Mas, o que é então o Templo?

Já *não é* um lugar: é uma força viva. Por que “viva”?

Porque é uma corrente que desce da montanha e não se detém no vale. Podemos acaso dizer que seja uma ponte ideal entre o céu e a terra, ou talvez uma “terra prometida”? Muitas são as palavras e figuras de linguagem que no curso da história utilizamos para nomear esta “Força” que vem a nós, que quer habitar entre nós e falar conosco; mas hoje, damos conta de que a mesma corrente que desce da montanha varre com as imagens dos templos que edificamos sobre a areia. Dito de outro modo, a essência do Templo nos escapa das mãos. E vem uma última pergunta: se a tarefa que temos diante de nós é re-construir o Templo, onde encontrar o plano original? E me animo a uma resposta: no ritmo alternante de meu próprio corpo.

Já não vivemos no mesmo corpo!

A casa que habitávamos ficou sem sustento. A “crise de fundamento”, mais que metafísica, epistemológica, ideológica, é *fisiológica*: uma “crise de Corpo”. Corpo individual, corpo social, corpo místico. Fomos desalojados de nosso antigo Corpo; e nosso drama-raiz é querer voltar a ocupar uma morada que já não existe (ainda que, para fins práticos, possa ser um bom “albergue transitório”).

Tocamos aqui um ponto delicado:
transição entre a vida e a morte.

Ninguém sabe o que acontece no meio.

O que sim, sabemos,
é que já não sabemos muito bem o que *é* a vida
e que esquecemos, faz muito tempo,
o que *é* a morte.

Um A-corde sagrado ressoa no coração da matéria!
Partiram-se as águas. É outro ritmo: o mais inicial na reconstrução do Templo, a nota chave da transfiguração do homem. Não há aqui, filosofia que possa explicar o inexplicável. Mas, quando a mente quer dar palavra a este ritmo in-audível recém nascido, a única coisa que pode fazer é recolher-se para dentro de si mesma e deixar falar a Língua Mãe.

Língua Mãe

Chave de sentido: Hieros-Logos.

Voltamos a perguntar: O que *é* o Templo?

- É o “lugar” de Re-sonância da Palavra
- É a própria Palavra

O Templo é o âmbito onde somos conVocados a escutar a Palavra.

E o *som* da Palavra é a raiz originária de tempo, sentido e forma.

Pre-sentimos, *antes* de compreender; mas, ao mesmo tempo, nasce a vontade de Saber.

Já não vivemos no mesmo Mundo.

Não celebramos no mesmo Templo.

Não percorremos a mesma História.

Não nos havíamos dado conta. Nossa mente racional havia ficado constelada com a imagem do templo de pedra, quando

a Terra ainda era nosso lar, quando ainda não havia explodido a bomba atômica, quando a luz permanecia separada das trevas, quando os poetas e os místicos tocavam o céu com as mãos.

Quando, para caracterizar de alguma maneira a nota vibratória da era que começa, dizemos que “um A-corde sagrado ressoa no coração da matéria”, queremos significar que se produziu uma verdadeira “catástrofe de significados” na ordem do mundo, uma “ruptura de simetria” nas funções da árvore da vida e surge outro tempo, outro ritmo, outro estado da matéria: um estado de “ressonância”; é algo assim como...

É como a “ressonância acústica” que quebra a taça de cristal, como a “ressonância das trombetas de Jericó”, como a “ressonância que rasga o véu do templo de cima abaixo”, como as “ressonâncias” entre partículas no mundo subatômico, como a “ressonância magnética” em instrumentos de alta tecnologia. De qualquer modo, estas diferentes formas vibratórias da matéria não vão além do que poderíamos chamar de “ressonância técnica”, energia que, em alguma medida, podemos manejar. Porém, aquilo que se revela como “Re-sonância no coração da matéria” e que intuímos como “Chave de Sentido” é um “a-contecer que A-sombra”: não pertence ao mundo dos fatos que se sucedem no tempo e sim, à ordem sagrada da alma dos fatos.

Começamos a ouvir o *silêncio* da Palavra! Não temos “formas” da linguagem comum para representar esta Ressonância *inicial* que separa o que está unido e une o que está separado. O máximo que se poderia “dizer-não-dizendo” é que me aparece como “ruptura de uma barreira cósmica”.

Porém, o que é “barreira cósmica”? Seria o mesmo que perguntar o que é o Mar Vermelho, na simbologia bíblica. Não sabemos “o que é” a barreira cósmica nem “o que é” o Mar Vermelho. A única coisa que sabemos – porque o experimentamos em carne própria – é que se rompeu a ordem

lógica do mundo, separaram-se as águas e perguntamos pelo ser: “Quem *é* minha mãe e quem *são* meus irmãos?”.

Onde está o Templo?

Não está aqui! Não ficou pedra sobre pedra; as palavras de profetas, filósofos e sábios foram levadas pelo vento: a Terra voltou a ficar desolada e vazia. Mas, na noite escura da matéria, escutamos a *Hierofania* do Silêncio. O lugar sagrado se torna Templo do Saber: onde se faz audível a Palavra justa.

De uma ou de outra maneira, com diferentes linguagens e em âmbitos que vão da metafísica à técnica (passando pela filosofia, pela arte e pela ciência), as correntes avançadas do pensar e sentir procuram penetrar no Templo do Som para des-ocultar ali, a “divisa vibratória” que faça possível re-unir o *logos* da inteligência humana com o *hieros* divino da Língua Mãe. A re-construção do Templo adquire assim o sentido de “arte de re-construção da língua”: hieros-logos.

Os cientistas-filósofos de hoje, seguindo o rastro deixado por Jean-François Champollion, ao decifrar – guiando-se pela analogia com o texto grego – os enigmáticos hieróglifos gravados na Pedra da Roseta, começam a perceber ressonâncias similares nessa “outra” Pedra da Roseta que é o ADN. O doutor Edward Trifonov e seus colaboradores do Instituto Weizman de Israel, comparando as sequências genéticas do ADN com orações de línguas antigas como o hebreu, o etrusco, o latim, descobrem nessas sequências uma gramática simbólica, “palavras comando” de uma língua estranha que começam a chamar de “Gnomio”: linguagem dos genes. Talvez, com estas e outras investigações similares, estejam sendo dados os primeiros passos em busca de algo mais essencial:

Prestar *ouvidos* à Re-sonância da Língua Mãe em nossa própria matéria.

Em outras palavras, para além da geometria do código genético, começamos a escutar as primeiras palavras do código Hiero-fon-ético (código que já não é transcrito em

proteínas, como ocorre na tradução do ADN, mas em funções de “ressonância espiritual”).

Ouvir a Ensinança in-audível no Templo Sagrado do Coração!

Não é tarefa fácil, em meio ao ruído das cidades modernas, do fluxo continuado de informação, das cerimônias multitudinárias dos templos vazios. Nem sequer é fácil escutar a “Flauta Mágica” e o “Cravo Bem Temperado” de Bach, nos templos modernos da música: porque perdemos o “ouvido interno” para reconhecer o que nos quer dizer a Fala que fala, por trás das partituras. Tampouco é fácil ouvir a música moderna. Chama-me a atenção o que diz o destacado crítico Napoleón Cabrera, em seu artigo “Por que “é difícil” a música moderna”: “O ouvinte corre o risco de não querer correr risco algum... A linguagem musical se expandiu demasiado rápido e as estruturas mentais não criaram ainda os canais, para que a linguagem nova apareça tão coerente quanto a antiga. O ouvinte de boa fé necessita de um ouvido tão rápido quanto o olho, para multiplicar em um segundo as percepções do inédito e obter uma imagem sonora de conjunto... Empresários, funcionários, programadores, inclusive os intérpretes, todos foram formados na linguagem musical tradicional e resistem ao novo porque não o dominam”. O mesmo poderíamos dizer nós, da linguagem da física quântica, da linguagem metafísico-poética de um Hölderlin, de um Heidegger, e ainda, da própria linguagem social que hoje nos fala por in-versão de energia e implosão de significados.

Porém, não nos apartemos da ideia fundamental de “Templo do Som”. Também ali, e talvez com maior dramatismo que em qualquer outro lugar, “corremos o risco de não querer correr risco algum”. Porque o Templo é “lugar de risco” (e nós o transformamos em “lugar de passagem”: para esquentar cadeiras, para sentir-nos melhor, para que a vida continue igual depois do espetáculo).

“Correr risco” quer dizer “ficar exposto”: ao poder da verdade. Não da verdade que fabricamos à nossa imagem e semelhança, mas ao poder de “ressonância da Verdade”. Quando o “som primordial” da Língua Mãe ressoa em nossa matéria, corremos o risco de “quebrar nossa própria taça”: não só corremos o risco de perder uma ideia, um amigo, um reino, senão que “ficamos expostos a ficar com nada”. Não digo “ficar sem nada” e sim, “com nada”; não um nada metafísico, existencial, mas vital: uma dimensão da verdade total, da vida total, que expulsamos sistematicamente de nossa experiência humana, em aras da construção de uma imagem racional do mundo. A nova “revelação de ressonância” não só ilumina a alma, senão que desintegra a matéria: fim do “iluminismo” antigo. Já não se trata de construir “outro” templo com as pedras da Lua, mas de reconstruir o Templo com as pedras de demolição de nosso antigo corpo.

Começamos a descobrir ressonâncias *energ-éticas* da Língua que antes apenas podíamos vislumbrar através de mitos, símbolos, ritos, metáforas. Mas hoje, os sábios e os santos se re-unem no mesmo Templo e falam uma mesma língua: Hieros-Logos!

É algo mais que palavras, que filosofia da linguagem, que código informático e é mais que cerimônia religiosa, que fraternidade universal, que solidariedade social. Trata-se da Re-sonância da Língua Mãe, nas moléculas da vida. A nova Língua é algo mais que linguística, certamente, e algo mais que filologia. O que chamo de Re-sonância da Língua Mãe no Coração da matéria é um modo de dizer. Hieros-Logos é mais que um hieróglifo linguístico: é um “pro-gene” para mais vida.

Já não nos entendemos com as velhas línguas: o antigo *logos* grego deu tudo o que podia dar. Tampouco vamos em busca de “outra” língua. O que necessitamos é de falar a Mesma língua. Ainda que isto de “falar” seja outro modo de dizer. Mais que falar, o que necessitamos é de deixar falar a

Língua Mãe “com” a linguagem das moléculas da vida: como “germe” de vida, como código gen-ético. Já não nos entendemos pelo caminho das palavras, mas podemos começar a entender-nos por ressonância de similitude, desde a própria vida, desde a não-palavra, desde o fogo sagrado que circula por dentro.

Começamos a tomar contato vivo com o poder da Língua sagrada.

Voltemos à ideia de Templo como lugar de “risco” (*cadeira perigosa*, na simbologia da Távola Redonda). Em níveis de alta energia humana, o Templo já não é o lugar de reunião pacífica para ouvir a prédica dominical, mas o ponto de contato perigoso com aquela enigmática Corrente cósmica que vem fundar (com o homem) as novas funções sagradas da vida: cerimonial de fogo, pacto sagrado que já não é escrito em tábuas de pedra, senão que se in-screve como “ritmo”, como “ressonância” em uma matéria social des-estabilizada pelas fortes contradições históricas. Este novo “ritmo”, que também é novo “fogo” e nova “ensinança”, já circula como “luz coerente” que desintegra-e-ilumina o magma social em que vivemos e somos.

Esta irrupção da Palavra sagrada na trama da história vem, em cada época, com um rosto diferente. O tema arquetípico poderia ser caracterizado como o momento em que a sabedoria jovem entra no Templo e ensina os antigos doutores. O Evangelho cristão nos diz que Jesus, aos doze anos, havia se perdido e seus pais o procuravam: “ao cabo de três dias o encontraram no templo, em meio aos doutores, ouvindo-os e perguntando-lhes” (Lc. 2:46). Dito de outra maneira, a Língua Mãe (que havia sido perdida) volta a falar (interatuar) com a linguagem própria da época (“ouvindo-os e perguntando-lhes”). Porém, esta cena de sublime harmonia que nos é apresentada pelo Evangelho de Lucas, entre o jovem da nova Palavra e os antigos doutores da lei, é só a face luminosa da “luz coerente”, a face criativa da Revelação. No entanto, em nosso tempo, começamos a descobrir a face

escura da Língua Mãe, a energia inversa da RevelaçãoRe-velada.

Este diálogo entre a inteligência que vem da claridade e a sabedoria que se oculta no escuro é personificada na *bíblia gaucha*² como contraponto metafísico entre Martín Fierro e o Moreno:

Martín Fierro: –Tomó Fierro la guitarra,
pues siempre se halla dispuesto,
y así cantaron los dos
en medio de un gran silencio:

.....
Ah, negro! Si sos tan sabio
no tengás ningún recelo:
pero has tragao el anzuelo
y, al compás del instrumento
has de decirme al momento
cuál es el canto del cielo.

El Moreno: – Los cielos lloran y cantan
hasta en el mayor silencio;
lloran al cair el rocío,
cantan al silbar los vientos,
lloran cuando caen las aguas
cantan cuando brama el trueno.

Vou tentar ser um pouco mais claro neste diálogo secreto com o obscuro, ainda sob o risco de tornar-me mais obscuro.

Os filósofos gregos ficaram com o *logos* (também o homem moderno): só a “metade da fórmula”. E a língua sagrada dos Hierofantes ficou preservada por trás do véu de herméticos signos: “outra metade” da fórmula. Mas os sábios

² *Martín Fierro*, de José Hernandez, é uma obra de peso da literatura argentina e personifica no “gaucho”, o homem da terra, pleno de sabedoria profunda, expressa em linguagem simples.
(N.T.)

e os santos de hoje falam, pela primeira vez, uma Língua única: Hieros-Logos. Mesmo que isto de “falar uma língua” seja ainda um modo inadequado de nomear a Língua; porque não falam uma língua: *são* a Língua. Como *é* esta Língua?

Talvez o símbolo mais acessível de unificação entre a consciência cósmica e a matéria humana seja a figura representável-não representável da dinâmica atômica: o “salto quântico”. Em seus relatos sobre a busca de conceitos adequados para representar os novos fenômenos de mecânica quântica, diz Werner Heisenberg em *Encuentros y Conversaciones con Einstein y otros ensayos*: “Entendia-se que, para obter a explicação total dos fenômenos não bastava calcular a energia: havia que calcular também a probabilidade de transição”.

E, para a “explicação total” do novo fenômeno humano, tampouco basta a dialética da história ou o cálculo da riqueza das nações: é preciso calcular o risco de transições de consciência. Por que “risco”? Porque em cada uma destas transições, libera-se ou absorve-se um poder.

A chave para o desenvolvimento da civilização que vem não é um sistema (tal ou qual sistema), mas o homem que escapa aos sistemas para unir-se à raiz sagrada da vida. E a vida fala uma única língua: Língua Mãe. Já não é o *logos* que descreve, interpreta e transforma o mundo, mas o *hieros-logos* que cria o mundo: Ópera Magna.

Ópera Magna

A Obra!

Anelo profundo de Ser. Vontade criadora. Criar aquilo que contemplo.

O homem de hoje luta por fins separados: pelo salário, pelo conhecimento, pelo poder – pela pequena obra. E eu me pergunto:

O que é Ópera Magna?

É algo mais que o domínio técnico da natureza, a construção do socialismo, a guerra nas estrelas, a religião universal. O *I Ching* nos diz que “é a ação do grande”. A tradição alquímica nos fala do *opus alchemicorum*. Eu me pergunto, é uma boa causa? E Nietzsche, em seu *Zaratustra*, me responde: “Dizeis que é a boa causa a que santifica inclusive a guerra? E eu vos digo: é a boa guerra a que santifica todas as causas”.

Todas estas são palavras, grandiosas por certo, mas palavras ao fim. Hoje, não negamos a grandeza das obras que realizamos, mas nos perguntamos pelo sentido do esforço. Continuamos lutando por aquilo que damos por certo, porque são boas causas, mas não sabemos o que é a boa guerra. E aqui, surge uma pergunta: se não podemos aceder facilmente àquilo que “santifica” uma boa causa ou uma boa guerra, poderia ser critério adequado medir a grandeza da Obra pela hierarquia do “grande homem”?

Não existe hoje sobre a Terra (ou não podemos reconhecê-lo) nenhum homem universal que, elevando seu dedo para o céu, aponte à humanidade seu destino cósmico. Não temos nenhum rei sábio, como Salomão, o qual, segundo o Livro dos Reis, era “mais sábio que homem algum, a quem todos os povos vinham para ouvir sua sabedoria e que mandou construir o templo” (1 Re. 5 e 6). Tampouco ouvimos a palavra de algum sumo sacerdote convocando todos os povos da Terra a edificar a nova cidade do homem. Nem vemos a presença heróica de algum Santo da Espada que, irrompendo

em meio à batalha entre os bons e os maus, quebre de um só golpe as correntes da escravidão e aponte o caminho da liberação.

Em resumo: nem pela grandeza da obra, nem pela dignidade do esforço, nem pela boa causa, nem pela boa guerra, nem pelos grandes homens, chegamos a vislumbrar o resplendor originário da Ópera Magna. Começamos acaso a pre-sentir o silencioso advento da Obra pela Magna Escuridão da alma?

Escutamos “sinais de alarme”: a vida desmorona por dentro!

Não é a primeira vez que ouvimos palavras de fogo e mandatos de sobrevivência: “A Terra está cheia de corrupção e violência... Faz uma arca... para que viva a raça, sobre a face da Terra toda” (Gên. 6:7). Ao que parece, ainda era possível, então, re-construir a Terra. Mas hoje, o porvir do homem se encontra mais ameaçado: por desequilíbrio ecológico e dano genético. Qual é a alternativa de “sobrevivência”: construir uma arca ou re-construir o Templo?

Em realidade, não se trata de “alternativa” porque, no essencial, como figuras simbólicas da consciência, Arca (Arkhé) e *Templo* é a mesma coisa.

Hoje, também somos conVocados (por dentro) para “construir” uma Arkha e para “entrar” na Arkha, mas estas mesmas palavras têm, para o homem moderno, um sentido diferente. Tratarei de explicar-me.

Antes de mais nada (e sempre que tenhamos “ouvido” a mensagem e vislumbrado a *meta*) com que tipo de “madeira” construiremos a Arkha? Dito de outro modo: com que “matéria” iniciaremos a re-construção do corpo?

O *Popol Vuh* nos fala de uma primeira criação (fracassada) de homens de madeira. E lemos na Bíblia: “Farás uma arca de madeira de acácia” (Êx. 25:10 – refere-se aqui à Arca da aliança). Os dolmens e menires dos templos tectônicos dos antigos celtas foram de pedra, sem polir. E de

pedra foi construída a catedral de Chartres. Hoje, para construir a arca da Nova Aliança, peregrinamos em direção ao Templo, em busca de uma *mater-matéria* que chegue a vibrar ao ritmo das novas funções da vida: o que já não é uma construção, mas uma “gesta”. Não nos enganemos, a Reconstrução do Templo não pode ser realizada com o mesmo material de demolição dos antigos templos, nem com pedras da Lua, sonhos astrais ou modelos matemáticos. O que procuramos agora é um “supercondutor”, quer dizer, uma “matéria” humana que ofereça mínima resistência à passagem da luz. E, por ironia da linguagem, começamos a ver que esta matéria superlumínica nasce do seio da matéria mais escura: sacrifício do homem na noite do mundo.

Uma pausa no desenvolvimento da ideia!

Aqui, o pensamento se detém: nem tudo pode ser explicado. A Arkha deste novo “dilúvio” que vivemos hoje já não flutua sobre as águas, senão que navega por baixo das águas. Já não se trata da chegada feliz dos sobreviventes a “terra seca” para “procriar e multiplicar-se sobre ela”, mas da “agonia daqueles por nascer”.

Novo Mysterium: Agonia de Encarnação do Verbo.

A chave da Obra, em nível humano (e em termos bíblicos) é “preparar o caminho do Senhor para que habite entre nós”. Mas, este “preparar” não significa simplesmente limpar e arrumar a pousada para receber o hóspede. Pode acontecer (e já aconteceu) que a própria pousada não seja lugar adequado para albergar a luz: “Não havia lugar para eles na pousada” (Lc. 2:7).

O ideal não basta. O sentimento cósmico que nasce no coração do homem necessita de uma *mater-matéria* (que o albergue) para transformar-se em germe de vida: transfiguração da Terra, “gestação” da luz na entrada da matéria escura, “nascimento em agonia”.

Agonia de encarnação do Verbo! Que padecemos sem compreender.

Porém, não nos assustemos com a palavra “agonia”, cuja raiz em grego e em latim nos fala de *luta e combate*: para renascer.

Agonia de encarnação do Verbo é divino Nascimento, no seio da Matéria escura. Tocamos aqui uma dimensão da Vida que se oculta por trás de espesso véu.

Mistério espiritual do sacrifício da matéria.

Uma “ultramatéria” está sendo elaborada em um magma social que, submetido a tremendas pressões, alcança a “temperatura crítica de fusão”: sacrifício coletivo da humanidade. Só da humanidade? Também os demais reinos, o gado que vai para o matadouro, os cães que morrem na rua, os bosques desflorestados, as águas contaminadas... e também as pedras trituradas, todos participam (participamos) da mesma transmutação de matéria, da mesma dança do fogo, do mesmo sacrifício, da mesma transfiguração.

Sem dar-nos conta, fomos conVocados a um *pacto sacrificial*.

Pacto sacrificial?

Os antigos pactos caducaram. Foi rompido o “pacto com a natureza”. Quebrou-se o “pacto social”, surgido da Ilustração. Foi fissurado o “pacto religioso”: de repente, os fiéis se voltam infiéis. Foi esquecido o “pacto de companheiros”, selado nas corporações de ofícios. Foi perdido o “pacto de solidariedade”, entre os proletários da Terra. Mas, fica o “pacto sacrificial”: rito coletivo de sacralização da matéria. O “campo unificado de forças” que a ciência procura através de teorias fisicomatemáticas, o “corpo social” que os povos procuram através de cruentas guerras de liberação, o “corpo místico” que as religiões procuram através de um misticismo desencarnado da vida, este “corpo-matriz” da Obra está sendo “preparado” no laboratório secreto da humanidade, por um “pacto sacrificial”. Em outras palavras, o que nos re-une nesta nova idade do mundo, nesta noite sem estrelas, não é uma nova ideia, mas um novo sacrifício. Toda oferenda, para além da roupagem ideológica, dogmática e ainda passional

que oculta sua significação essencial, confere à matéria uma dignidade que antes não tinha: transforma-se em palavra de uma língua universal que re-une todos os reinos em um mesmo Templo e em uma mesma força criadora.

A oferenda sacrificial de hoje tem o caráter de holocausto. Por que “holocausto”? Porque inclui todos e tudo: o espírito e a matéria, os vivos e os mortos. Não só existe oferenda no monge, no sábio e no santo. Também há oferenda nos pinguins cheios de petróleo, nos peixes que morrem nos mares e rios contaminados, nas árvores que morrem nas ruas da cidade opulenta porque ninguém as rega. Há oferenda nas estrelas que morrem no céu, nos recém nascidos lançados ao lixo, nos não nascidos arrancados de um ventre sem amor, nos embriões congelados condenados a morte química. E há oferenda ainda, nos milhões de latas, garrafas e outras coisas que jogamos impunemente, todos os dias, ao lixo. Sacrifício coletivo dos inocentes!

O sentido da *Obra* nos escapa das mãos porque fizemos do mundo uma imagem: e a imagem do mundo criada pelo homem desabou. Conhecemos a visão grega do mundo, na origem da civilização do Ocidente: e foi um “molde racional”. Depois, a revelação cristã teve que ser adaptada a esse molde, e surgiu a escolástica e a disputa teológica: e a verdade revelada perdeu seu traço essencial. Hoje, a essência da *Obra* (que simbolizamos como Ópera Magna) se revela (Re-vela) na escuridão de uma Magna Crise; a verdade da nova Revelação não encontra “lugar”: todos os lugares estão ocupados.

Ante a “crise”, somos convocados a entrar na *Arkha*, mas antes de entrar perguntamos: para quê?

As forças que se des-encadearam no mundo superam a medida do homem: a tecnologia superou as escalas humanas para medir o tempo e a história, a “transparência do mal” superou a sensibilidade do coração, os vírus assassinos quebram a barreira imunológica de uma raça debilitada.

Entramos em outro tempo, sabemos mais, mas há coisas que não compreendemos.

Não compreendemos o “para quê” do esforço. Somos *prot-agonistas* humanos de uma Obra mais que humana. Porém, estamos na *Arkha*, somos a *Arkha*:

Navegamos sob outras estrelas.

Outros signos se desenham no horizonte.

Uma poderosa corrente in-pulsa nossa barca.

E nos fazemos muitas perguntas.

Em nome de quê (ou de quem) vamos oferecer nossa vida? Para onde vamos? Qual é o sentido da história?

O que é pão de vida e o que é lixo?

Não é fácil decifrar os novos signos do tempo. Não é fácil captar o traço essencial da Obra. Ainda estamos sob o signo da onipotência do homem, da vontade de poder, da representação do conhecimento, que é como dizer: “A sombra do antigo éon oculta a luz primeira”.

Toda uma filosofia do “fim da história”, desde Nietzsche até Fukuyama, pôs a descoberto os signos da decadência de um *Imperium*: refiro-me ao império de uma metafísica de dessacralização do mundo, imperativo de uma vontade de domínio que se nega a morrer e cujas bandeiras, abandonadas já pelos filósofos críticos, são retomadas pelos sacerdotes da ciência e pelos mercadores do templo. Mas, acontece que hoje, nem os filósofos, nem os técnicos, nem os sacerdotes, nem os mercadores têm resposta para o homem e nenhum deles pode impedir o mandato do signo do tempo, mandato da Obra que in-pulsa a *consummatio* do tempo: levar todas as coisas até o fim.

Fim das interpretações do mundo, das representações do tempo, das imagens do Templo. Mas, o mesmo movimento da Obra que in-pulsa o fim do tempo volta ao Templo com novos bens da vida: “Àquele que tem lhe será dado e ao que não tem, ainda aquilo que tem lhe será tirado” (Mt. 13:12).

Também o “antigo corpo” chega a seu fim, junto à catástrofe ecológica, ao cansaço da raça, à profanação do Templo. Há um limite para a queda de significados, para a perda do ser: ponto crítico de não retorno, onde a vida se volta contra a vida (quando o Templo já não é habitado pelo Deus, vêm ocupá-lo as bactérias assassinas).

Mas, *antes* de chegar ao ponto crítico de não retorno, *antes* de ficar convertidos em estátuas de sal, há um instante do caminho onde a alma do homem pode chegar a ouvir o chamado da Obra: é o “lugar” (que tampouco é um lugar) onde a verdade que dá sentido à Obra *me* chama (com meu próprio nome). Não posso dizer o que acontece realmente ali, mas algo acontece, e algo posso dizer do impacto desse acontecer, em minha alma e em meu corpo.

Quando um material supercondutor é submetido à influência de um campo magnético, uma parte desse campo fica presa no material. E se o material recolhe suficiente poder magnético, é gerada uma força repulsiva que pode levantar seu próprio peso.

Eu me havia dado conta de que, ao *dispor-me* a entrar no Templo com todo meu ser, a matéria de meu próprio corpo havia “aprisionado” uma parte do campo espiritual do Templo (a este acontecer chamo de “Pacto sagrado”, mesmo que não seja um pacto, no sentido habitual do termo). A partir desta “Aliança”, meu corpo *é* o Templo e as lâmpadas do Templo sustentam a chama com a matéria de meu próprio corpo. E volto a perguntar: O que é a Obra?

Muitos chegam ao Templo, mas poucos se sustentam na chama do Templo. Como diz o Evangelho: “Muitos dirão Senhor, Senhor, e eu não os reconhecerei”.

Em tempo de penúria como o nosso, nem sempre a voz que vem do Templo é reconhecida como “chamado para

mim”. Para os peregrinos que perderam a imagem do mundo, uma das tentações é voltar o olhar para o que foi; a imagem perdida é substituída por outra imagem: a fim de que a vida continue, de que o tempo não se detenha. Outra tentação (que, mais que tentação, é deslumbramento) é a “inflação do profeta e dos discípulos do profeta”, como Carl Jung chama a sedução dos espíritos débeis pelo poder numinoso do inconsciente coletivo: viu-se algo, ouviu-se algo, e esse “algo” é tomado como valor absoluto, é exaltado à hierarquia suprema e transmitido como “mensagem de salvação”.

Não é o mesmo ser possuído por um arquétipo do inconsciente coletivo que dispor-se a albergar em nosso coração a verdade que quer fazer-se Obra; que é como dizer “tomar na mão o fogo sagrado que quer converter-se em vida”: transfiguração da matéria em corpo de luz.

Hoje, vivemos (padecendo) um tempo de “gestação de um novo corpo” (corpo solar) no seio do antigo corpo físico: incêndio de matéria e radiação de energia. E voltamos a perguntar pelo signo do tempo e pelo sentido da Obra.

Quando se apagam as luzes do Templo e os deuses fogem da *polis*, ficam as obras dos homens e os ídolos das nações. Quando o projeto originário do corpo social se perde, o que fica é a “empresa” (com minúscula: pura atividade, que computa resultados econômicos e devora energia humana); fica a “universidade” (também com minúscula: poder intelectual que sustenta a imagem científico-técnica do mundo); ficam as “igrejas” (no plural: como último refúgio da prece ao Deus desconhecido). Em poucas palavras: fica o vazio da alma!

Mas, nossa alma não pode alimentar-se de informação, de índices econômicos, de ideologia, de salário: quando nosso corpo desmorona por dentro, por falta de vida, o que nos acontece realmente?

Não podemos viver de uma verdade abstrata nem da verdade revelada por um profeta iluminado. Tampouco esperamos o deus de uma raça ou de um povo eleito, porque

pre-sentimos que *todos* fomos eleitos para dar “corpo” ao Deus desconhecido que quer habitar em morada humana. Esgotaram-se os modelos teóricos para construir a Terra: é hora da encarnação do Verbo no Corpo total da humanidade. Porém, há resistência (da mente e da matéria) a encarnar o espírito de Deus que esvoaça sobre as águas da vida; ainda mais, ante a proximidade da mensagem sagrada, eleva-se uma poderosa onda de antimensagem: recebê-la sim, como filosofia espiritual, como dogma religioso, como anúncio profético, mas não “dar-lhe corpo” (uma vez mais: “não havia lugar para eles na pousada”). E então?

A partir daqui, a corrente da vida se bifurca: por um lado vemos “a antiga Terra como cemitério da raça”, por outro ouvimos “o canto dos não nascidos”.

Canto dos “não nascidos”

Margaret Mead dizia que os jovens da geração da bomba eram “filhos sem pais”. O poeta Georg Trakl (comentado por Heidegger) fala dos “nascidos netos”. Mas nós, filhos e netos de uma carne desgarrada, começamos a ouvir o silencioso “canto dos não nascidos”.

Canto que vem em busca de vida!

Há funções sagradas que querem nascer, que querem ingressar no mundo, que querem ter voz na história e procuram pais e mães que lhes deem morada onde alojar-se. Para além da genética biológica e da gen-ética social, na escura noite que precede a alba, pre-sinto o delicado A-corde de uma divina concepção espiritual: um “gene sagrado” se alberga no seio da matéria.

Faltam-me palavras para nomear este sublime acontecer. Trata-se acaso de Revelação? Demasiado metafísico, demasiado sobrenatural. É Gênese? Demasiado abstrato, demasiado cosmogônico. É Gestação? Demasiado terrestre, demasiado natural. Nenhum destes termos cobre a

significação total de um A-contecer que, se por um de seus polos evoca uma sublime presença divina, por outro, afunda suas raízes nos mais profundos abismos da matéria. Se eu tivesse que reunir em um só núcleo semântico, a intuição primordial e o toque sensível, falaria de *Concepção*. O Evangelho cristão nos remete ao mistério da Virgem. E nós agora, à borda de uma noite sem estrelas, escutamos em uníssono o “canto dos não nascidos” na matriz espiritual do mundo. É algo assim como se a luz de uma estrela tomasse a maquinaria genética do homem terrestre para edificar (com ela) as protofunções do homem cósmico: germes de futuro, albergados nas águas da vida.

Esta “divina concepção” já não fica relegada como “símbolo”, no círculo hermético dos antigos mistérios, senão que se faz acessível a nós, como “função genésica do coração do homem”.

Já não se trata simplesmente de “ouvir” o canto das Musas, mas de “conceber” o Filho do homem (aqui, “Filho” – com maiúscula – é mais que o fruto do pai e da mãe: “homem” com minúscula).

Tocamos aqui o primeiro mistério da vida interior do homem sobre a Terra, primeira função sagrada, peça fundamental na re-construção do Templo. O homem não é o criador do templo, mas pode ser o arquiteto, o construtor, o Operário.

A concepção de uma “molécula ponte”, uma “célula mãe”, não é só uma ideia no reino dos números imaginários (como a raiz quadrada de menos um), senão que pertence à ordem dos poderes criadores do mundo: palavra que conVoca à re-união dos fragmentos do homem despedaçado.

Hoje, na fase obscura de “dessimbolização do mundo”, o que chamamos de re-construção do Templo já não depende de algum rei sábio, como Salomão (“cuja sabedoria ultrapassava a de todos os filhos do Oriente e a sabedoria toda do Egito” (1 Re. 4:10)), nem de corporações de arquitetos (como os que projetaram Chartres, Reims,

Amiens), nem das corporações multinacionais, da engenharia genética ou da geopolítica da Terra, senão que a reconstrução começa com a *concepção* orgânica de uma Palavra de fogo: “outro início”, outra estirpe, outra vibração gen-ética que pre-figura funções de re-sonância cósmica.

Vejamos o desenvolvimento deste “canto dos não nascidos”, quando esse “canto” conseguiu chegar às moléculas da vida.

Se, na visão da nova ordem do mundo, a primeira função sagrada se revela a nós como Concepção (algo assim como a dimensão mística da Obra: “Faz-me um santuário e habitarei em teu coração”), a segunda função (quando o A-corde primordial se transcreve em molécula mensageira) se impõe a nós como “bens intrínsecos”: bens que pertencem à própria essência do ser humano, bens indelegáveis a todo poder político, social ou religioso, bens que asseguram a *transmissão* do sentido do humano.

Já não falamos aqui, de filosofia dos valores, mas de “bens da vida”. Atualmente, este patrimônio Gen-ético está danificado e, portanto, está comprometido o futuro das crianças que vêm. Poderá o “canto dos não nascidos” cruzar (sem ser ouvido) a barreira do genoma terrestre e conVocar a mater-matéria para uma nova dança da vida?

A crise global de nosso tempo não pode ser reduzida a um “drama metafísico” (“esquecimento do ser”, em termos de Heidegger), “drama social” (“o fim da história e o último homem”, Nietzsche, Fukuyama), “drama existencial” (“neurose de massas do mundo moderno”, Viktor Frankl), “drama religioso” (ausência de Deus), ainda que cada uma destas figuras do novo fenômeno humano tenha seu valor e seu lugar no drama do mundo, da sociedade, da história; mas, a “catástrofe de significados”, que hoje sofremos sem compreender, tem consequências muito mais profundas: não somente toca as fibras da alma, o espírito das instituições, a teoria do conhecimento, senão que arrasta em sua “queda” a própria arquitetura simbólica da matéria e, com ela, a

geometria da vida. E, quando se toca imprudentemente a geometria da vida, o que fica a descoberto é o “poder do mal”: estamos morrendo, não só por falta de sentido, mas por falta de vida.

À vista desta paisagem subterrânea de “degradação” de funções da vida, damo-nos conta de que já não é tão importante ter ou não ter, pertencer a um credo ou a outro, habitar o primeiro mundo ou o quarto mundo. A “catástrofe” do Templo (“Não ficará pedra sobre pedra”) adquire um significado mais amplo, é algo mais que a catástrofe de um povo, de um sistema político, de um paradigma científico, de um dogma religioso: é uma “catástrofe da vida” (“Todo aquele que beber desta água voltará a ter sede”). A partir daqui, desta crise radical de sentido, o que até agora havíamos entendido como “revolução social” toma um caminho diferente.

A re-construção do Templo começa nas próprias entranhas da matéria, no Mesmo lugar onde não ficou pedra sobre pedra: lugar da Hierofania, lugar de gestação de funções sagradas. Com qual matéria? Com a própria! Com a matéria transfigurada pelo conhecimento, pela dor, pelo sacrifício: sacralização da matéria.

No Mesmo lugar onde morrem as palavras de antigos sacerdotes e novos filósofos, ressoa hoje o “canto dos não nascidos”.

Porém, por que tem de ser “o Templo” o lugar de gestação do que chamamos de funções sagradas da vida? O in-pulso inicial não pode vir da “universidade” (de seu poderoso sistema docente, acadêmico e técnico)? Da Igreja (de sua teologia dogmática, seus livros sagrados, seu magistério sacerdotal, sua liturgia)? Tudo isto se tornou “demasiado humano”, já não brota água da pedra de Horeb para acalmar a sede do povo que acampa no deserto. O que hoje presentimos como “outro início” e que, para nomeá-lo de algum modo, chamo de “re-construção do Templo”, não nasce de uma nova ideia (*eidōs*), mas de um novo lugar (*topos*). O que

confere poder genésico à palavra não é o “certo” do conhecimento, mas a “sacralidade” do lugar.

Tem que haver algum lugar sagrado, alguma terra não contaminada, algum coração puro, onde o “canto dos não nascidos” possa transformar-se em vida. Lugar sagrado é lugar “justo”: o budismo diria “justa ação”; a biologia molecular descobre o “lugar justo” dos aminoácidos, nas moléculas das proteínas; o Evangelho distingue entre a “pousada” (onde não havia lugar) e o “presépio” (onde chegaram os magos). Lugar *sagrado*, lugar *justo*, é ponto de re-sonância humano-divina, onde se imprime a “nota inicial” das funções sagradas da vida.

Como caracterizar estas novas funções? Não estão feitas! Nascem como Ideais da alma, concepções do mundo, Sinais pro-féticos na trama da história. É o alvor, a nascente claridade do mundo que vem: A-núncio de novas funções da vida. Ortega diria que é o “sopro inicial que ondula a quieta pele do estanque”. Transformar este “sopro” em vida aparece para mim como a obra de arte do porvir, gênese de novas estruturas orgânicas, novas funções sociais, abertura de novos caminhos de ressonância cósmica: ritmo primordial que, ao tomar vida no coração do homem, expande-se e, em seu pulso de expansão e retração, transforma a matéria e transfigura a consciência.

Neste apostar na re-construção do Templo (enquanto obra de arte), já não partimos de princípios metafísicos, doutrinas políticas, filosofias sociais, credos religiosos, teorias da ciência; partimos de *escutar* o novo ritmo de vida instalado no coração e de *responder* a esse chamado com nossa própria vida. Porém, como reconhecer a essência do *novo*, nisto que chamamos de “novas funções da vida”?

Reconhecemo-lo como “outro” ritmo, “outra” linguagem, que nos fala de

Novo sentido da Obra.

Nova dimensão da Mente.

Nova direção da Força.

Façamos uma breve introdução teórica a estes temas.

Longa e fecunda tem sido a caminhada da humanidade em busca dos “meios” para consumir a Obra, mas devemos reconhecer que, na tentativa, deixamos muitos recém nascidos no caminho: projetos genéticos que abortaram, não por falta de ideal, mas por falta de vida. Hoje, olhando para o futuro, ante a onda evolutiva que vem a nosso encontro, não podemos menos que advertir o perigo de ficarmos, uma vez mais, sepultados sob as águas, sobretudo quando chegamos a tomar consciência da ruptura de simetria que se produziu nas próprias funções orgânicas do homem. Em muito pouco tempo, passamos do “homem fragmentado” (por especialização de funções, por divisão internacional do trabalho), ao “homem mutilado” (por falta de vida, por perda de trabalho). Neste nível de “funções mutiladas”, damos conta de que muitas vezes é inútil querer salvar o que está perdido e de que, no mundo prático, só nos fica a política ortopédica, a economia de desamparo, as próteses, o coração artificial, o seguro desemprego. Não é que tudo isto não seja necessário como emergência social, mas devemos receber esse modelo “sociotecnológico” como “mensagem de salvação”?

Algo termina nesta civilização: perda de vida.

No entanto, apesar de tudo, em meio à escura noite de dessimbolização do mundo, recordamos, uma vez mais, Hölderlin: “Porém, onde está o perigo, cresce também o que salva”. Com a advertência, diria eu, de que “o que salva” não está no mesmo espaço essencial que “o perigo”.

Dito de outra maneira: já não podemos iniciar a re-construção do Templo, com as mesmas “pedras” que foram demolidas (porque já não existem essas pedras e o próprio Templo foi trasladado a outro lugar, a outra dimensão, a outro chakra – se quisermos utilizar a linguagem da fisiologia simbólica do corpo).

A revolução que vem já não será feita pelos “direitos do homem”, mas pela re-construção das funções sagradas da

vida. Já não pelo direito ao trabalho, à livre determinação dos povos, à não discriminação racial, étnica, religiosa, sexual (direitos todos afirmados e negados milhões de vezes, em declarações, Constituições, encíclicas), mas pela Consciência de “Ser-no Templo” e pela vontade de “participar na Obra”: *Homo universitas*.

Mas, uma vez mais: O que é o Templo? O que é a Obra?

Novo sentido da Obra

Desde o coração do Templo, não perguntamos somente pelas “funções”, mas também pelos “operários”. Porque a “função” é também o “ofício” e a “ferramenta”. E o Templo é a Obra.

Uma vez mais, o fogo sagrado pro-jeta a ordem do mundo e as funções da vida. Adiantamo-nos para “estados da matéria” completamente novos: para dimensões do homem, da sociedade, da história, ainda não exploradas. Neste cenário de um teatro *NO* já não falamos desde a ciência, a filosofia, a técnica, a história, mas desde um novo “estado do saber”.

Aparece-me como “sinal anunciador”, a imagem de um grande projeto industrial totalmente informatizado. Onde estão os operários? Não estão! Que sentido tem aqui, falar de convênios coletivos de trabalho, mão-de-obra, seguro desemprego? As leis são outras, a linguagem diferente, a revolução que esperávamos já veio. Desapareceu o trabalho? Não, funciona em outro nível. Desapareceu o operário? Não o “operário” (que pertence à obra), mas o “assalariado” (que pertence ao capital). Mas, o “assalariado” não é um dado estatístico, é um pai de família que ficou sem pão para dar a seus filhos; uma mulher sozinha que já não poderá pagar o aluguel; um jovem que já não poderá continuar estudando. A empresa não tem resposta para estes “desempregados”, não a tem o sindicato, não a tem uma solidariedade social abstrata,

declamatória, não a tem a chamada segurança social do Estado.

O homem sem trabalho é mais que um “desempregado”, é um *mutilado*: uma das funções essenciais para seu desenvolvimento como ser humano ficou fora do circuito da vida. Isto é grave. E isto não tem resposta na sociedade de consumo de nosso tempo. Não é questão de política econômica, mas de gen-ética social.

O problema do “trabalho”, como necessidade fundamental do homem, não se resolve pelo salário, mas pela Obra.

Trabalho! Uma disciplina pendente.

“Ganharás o pão com o suor de teu rosto”: Mensagem bíblica. Castigo? Ou pacto com a natureza?

“Transformarás estas pedras em pão”: Tentação do deserto. Vontade demoníaca de poder ou mensagem tecnológica?

“Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus.” Mensagem evangélica que, de acordo com alguns críticos, o cristianismo teria reduzido a um “pão espiritual”, em detrimento do “pão material”. Terá vindo o marxismo para sobrecompensar este desvio, rebaixando o pão espiritual à categoria de “ópio do povo”? De qualquer maneira, e deixando de lado as interpretações, eu me pergunto:

O que é “pão”?

A teoria econômica já não fala hoje de “pão”, nem de “suor”, nem muito menos da “palavra de Deus”. Em lugar de “pão”, fala-se de mercadorias, matérias primas, produtos transacionáveis, bens de consumo. O “suor” fica relegado à categoria de trabalhadores não qualificados. Mas, ficam as “pedras”. Em tudo isto, tampouco se fala propriamente de trabalho, mas de produtividade, valor acrescentado, salário, mão de obra.

E, nós voltamos a perguntar. O que é trabalho?

O trabalho, não só como pão material e força social ativa, mas – e antes de mais nada – como potencialidade originária

de criação do mundo, só pode ser recuperado quando prestamos ouvidos ao sentido da Obra. O que, dito em outras palavras, quer dizer: recuperar antes o “operário” que a empresa (recuperar o operário que temos dentro). Ainda mais, animo-me a dizer que, na revolução que vem, os sindicatos de trabalhadores (se ainda existirem) já não lutarão pelo salário e sim, pela Obra.

O operário! Resgatado da escravidão do trabalho mecânico pela revolução tecnológica, o operário de novo cunho *inicia* a re-construção do Templo, pela yoga do trabalho. Yoga do trabalho? Sim, fundamento vivo da integridade da Obra, de todas as obras, de todos os ofícios, de todas as artes, de todas as ciências; a primeira coisa que teremos que aprender e ensinar em uma futura Universidade do Homem: iniciação pelo trabalho.

Antes de seguir adiante, vejamos um pouco mais de perto que papel desempenha a revolução tecnológica no desenvolvimento das novas funções da vida.

Salto antropológico!

Em nossa era técnica, ainda não penetramos na dimensão *fisiológica* da Revelação; ainda não nos repusemos do “transe tecnológico”, como diria Thomas Berry. McLuhan foi o primeiro a advertir que se havia produzido um novo “enlace” (novo pacto?) entre os circuitos cibernéticos dos modernos meios de comunicação e o sistema nervoso central do *Homo sapiens*. Porém, a revolução tecnológica de nosso tempo tem um alcance (e significação) muito mais profundo que esta “hibridação de meios”, anunciada por McLuhan: produziu uma verdadeira exteriorização de “órgãos” na corrente evolutiva da árvore da vida. Muitas funções que antes se encontravam dentro, agora estão fora. Não só o mundo técnico é outro mundo (uma segunda natureza), senão que também o corpo é outro (outra fisiologia). Ainda não nos demos conta de que à revolução tecnológica, por fora, corresponde uma catástrofe fisiológica, por dentro: duas fases de uma mesma RevelaçãoRe-velada. Aos robôs industriais,

circuitos eletrônicos multimídia, discos rígidos de computadores, satélites artificiais, cápsulas tripuladas no espaço, observatórios girando em órbita e olhando as estrelas, a toda esta rede informática de extensão dos sentidos, corresponde, por dentro (em escala fisiológica), a derrocada do cérebro tecno-racional, a queda do sistema imunológico, a descalcificação dos ossos dos astronautas. No passado evolutivo da raça, já tivemos catástrofes parecidas: continentes submersos, restos embrionários de órgãos desaparecidos. Tudo isto aparece em relatos, lendas, mitos e também em vestígios fósseis e estruturas biológicas arcaicas (mitocôndrias?). Porém, a catástrofe fisiológica da era técnica é de hoje e a estamos vivendo, sem compreender. Por fora, saiu o sol; por dentro, caiu a noite. E, quebrando o escuro mistério da noite, um novo nascimento:

Nova dimensão da Mente

Ritmo analógico. Reversibilidade de valores.

Começamos a pre-sentir o ritmo, o pulso, o latejar de um *corpo* que oscila entre dimensões alternas da vida: novo código gen-ético. Essa fisiologia alternante corresponde (analogicamente) ao padrão partícula-onda da geometria da luz no mundo físico.

Nascimento interno!

Alegramo-nos e damos boas vindas ao recém nascido, ao inefável Filho da luz.

Não é fácil para mim falar destas coisas. Mas, quando vejo os avanços tecnológicos que se dão por fora (circuitos eletrônicos, supercondutores, código genético, partículas de ressonância), já não como grandes signos escritos no grande livro da história da ciência, mas como “sinais” de um idioma desconhecido que quer *me* dar algo, então começo a compreender (por ressonância de similitude), o que está me acontecendo por dentro, sem compreender. Compreendo-sem

compreender, porque o que chamo de “compreender” pertence ao cérebro antigo, à mente lógica; e o *logos* técnico caiu ante o cintilar do novo nascimento; quem fala é o recém nascido: eu simplesmente escuto. Um idioma que não entendo.

A nova fisiologia do corpo alternante nos obriga a formular a teoria dos instrumentos sobre bases completamente novas. Não é a mesma coisa interpretar o mundo com um cérebro físico, do tipo dos antigos discos rígidos – com seus sulcos gravados na pedra, como os caminhos de antanho, marcados com as pegadas dos carros – que pulsar a modo de contraponto – como nas fugas de Bach – as notas da Língua Mãe, ressoando no campo magnético de um cérebro virgem. Já não temos a mesma mente. O computador é a última palavra de um ciclo que se fecha (externalização de uma língua que já disse tudo o que tinha que dizer: o verbo se fez informação e habitou no “quintal dos objetos” – feliz expressão de Rodolfo Kusch, em sua *América Profunda* – que vem assim a se constituir em símbolo “do que está à mão no supermercado”). Quando o ser se transformou em objeto, a informação está ao alcance de todo mundo e o computador se encarrega de todos os cálculos; mas, eis aqui que, por dentro, como contrafigura do desmoronamento do antigo templo, surgem os primeiros resplendores de uma nova mente. De qualquer modo, não nos iludamos, trata-se de cintilações fugazes, palavra inicial de um recém nascido que procura a Palavra. Só alguns, muito poucos, nascem já com esta nova mente plenamente desenvolvida. Detenhamo-nos aqui por um momento, para ouvir estas primeiras vozes silenciosas.

O que posso dizer da nova mente? Eu diria que é um dom que é preciso custodiar, um fogo inicial (como o de Prometeu), confiado à humanidade para um novo desenvolvimento gen-ético, uma língua originária (potencial) que abre caminho em direção à experiência histórica. Neste “abrir caminho”, a nova mente vai delineando uma nova

figura na matéria do mundo. “Abrir caminho” quer dizer iluminar o bosque, apartar obstáculos, abrir picadas no desconhecido. É preciso evitar perigos. Quais são estes perigos? Sentir-se demasiado seguro (a “inflação do profeta” de que fala Jung), não calcular bem a força dos inimigos ocultos na sombra (a antiga mente estende suas armadilhas, o antigo deus Saturno devora seu próprio filho), deixar apagar o fogo inicial (por comodidade ou covardia), querer construir muito cedo (pondo vinho novo em odres velhos – fracasso de muitas comunidades nascentes), ficar isolado dos contemporâneos e da vida cotidiana (por falta de ponte para cruzar o rio, por falta de ciência e de arte, por falta de linguagem de transcrição da Língua Sagrada em bens da vida).

Vejamos um pouco mais de perto algumas destas dificuldades “por falta de ponte”.

O diálogo entre David Bohm, destacado investigador no campo da física quântica, e Krishnamurti, projetando para o mundo a luz da nova mente, oferece-nos um ponto de apoio para ver mais claro a brecha entre dois modos de pensar. Lemos em *The Awakening of Intelligence*:

Krishnamurti: – A inteligência é fora do tempo?

Bohm: – Mas o pensamento deve estar relacionado com a inteligência.

Krishnamurti: – É assim? Eu penso que não há relação entre eles.

Através do diálogo, torna-se patente que, quando falam de “inteligência”, cada um a entende de modo diferente. E, quando a conversa chega a um ponto crítico, que é quando acabam os argumentos, Krishnamurti dá a chave da nova linguagem de ressonância: “Quando o senhor estava falando comigo, eu percebia que não estava ouvindo muito suas palavras. Estava ouvindo-o. Eu estava aberto ao senhor, não às suas palavras, ao que estava explicando e coisas assim. E

disse a mim mesmo: está bem, deixemos tudo isso. Eu estou ouvindo o senhor, não as palavras que usa, mas a significação, a qualidade interior do sentir que o senhor quer me comunicar”. Aqui, vemos funcionar a nova mente, pelo menos em uma certa medida. É outro ritmo de pensar, outro modo de comunicar-se; o pensamento não é anulado, senão que retrocede em busca de sua origem, de sua procedência: nega-se como pensamento objetivo, determinado em conceitos e representações, para deixar livre a energia primordial que estende a ponte entre as diversas formas e linguagens da vida. Efetivamente, o que a palavra de Krishnamurti deixa aqui a descoberto não é uma nova visão do mundo, uma nova filosofia dos valores, uma nova teoria da ciência, mas uma nova função da vida: abertura à essência da fala e, com isso, liberação da energia primordial do verbo (Octavio Paz diz, em *El Arco y la Lira*, “Verbo Desencarnado”: “A missão do poeta é restabelecer a palavra original, desviada pelos sacerdotes e pelos filósofos”).

Nova direção da Força

O suave esvoaçar de uma borboleta no golfo do México pode desencadear um tufão no mar do Japão: “efeito *butterfly*”. Uma palavra justa, no momento adequado, pode mudar o rumo da história. Dai-me um ponto de apoio e moverei o mundo (Arquimedes). Todas estas sentenças encerram um profundo significado; mas, para que o “canto dos não nascidos” se transforme em bens da vida, requere-se liberar um potencial energético, até agora desencadeado em um materialismo irreflexivo.

No antigo corpo, o fogo de Prometeu continua encadeado à rocha. O fogo sagrado da vida ficou “ligado” a funções da natureza que foram ultrapassadas pelo impulso evolutivo do homem. Esta defasagem entre a antiga ordem natural e as novas funções em gestação é o que provoca essa “tristeza

profunda” do homem moderno no viver cotidiano: permanecer encadeado a um mundo que já não lhe corresponde. Mas, não é fácil “sair da lata”! A energia fundamental, pelo menos na atual sociedade de consumo (sociedade “que faz massa”, em termos de Jean Baudrillard), está invertida em atividades improdutivas (nem toda atividade é trabalho) – afã de posse, política de poder, racionalismo filosófico, sexualidade de esquecimento, espiritualidade de conformismo – e ainda, invertida em um corpo físico demasiado denso, demasiado “material” (com muito cálcio), de forma a poder funcionar no campo antigravitacional da luz.

A *força de trabalho* muda de direção: faz-se trabalho social, plasmação criativa, “economia de amparo”.

A *força da mente* muda de direção: sabendo razoar não razoa, abre-se em busca de um sentir profundo; a ciência objetiva, racional, experimental se retrai sobre si mesma e volta como função humana de ressonância cósmica.

A *força do sexo* muda de direção: também “retorna” sobre si mesma, em busca do mistério do Amor e da fonte primordial da Vida.

Em síntese:

Novo sentido da Obra: do salário, à Obra.

Nova dimensão da Mente: ritmo de reversibilidade de valores.

Nova direção da Força: transformação da energia fundamental em bens da vida.

Ao chegar a este ponto no caminho de nossas reflexões sobre uma *fisiologia de advento*, aparece-nos uma pergunta: para onde nos conduz este “canto dos não nascidos”?

Eu diria que, por um lado, traz-nos “aquém” do tempo; por outro, nos leva “além” do horizonte.

V. ALÉM DO HORIZONTE E AQUÉM DO TEMPO

ALÉM DO HORIZONTE

O que é Aquilo que resplandece além do horizonte? É o Poder!

Sempre houve (há) uma rota da seda, das especiarias, do ópio, dos escravos: é o caminho dos mercadores.

Sempre houve (há) uma rota de Alexandre, de César, de Napoleão: é o caminho dos guerreiros.

Sempre houve (há) uma rota de Stonehenge, de Santiago, de Chartres: é o caminho dos sábios.

Sempre houve (há) uma rota dos peregrinos: é o caminho dos que vão a pé ao Templo.

Todos eles, de uma ou de outra maneira e com diferentes medidas, procuram o mesmo: o Poder!

Hoje, também percorremos as novas (antigas) rotas do comércio, da guerra, do conhecimento, da fé, talvez não com tanta grandeza, aventura e convencimento que em tempos heróicos, mas sim, com a mesma esperança de encontrar a pedra preciosa, a água da vida e o pássaro que fala.

Além do horizonte das antigas-novas rotas, começamos a vislumbrar “outro” caminho: é a rota que nos traz “aquém do tempo”. Não nos havíamos dado conta; quando acreditávamos haver alcançado os confins do universo, encontramos-nos de novo no centro de nosso coração: de repente, descobrimos o percurso secreto da Força. Demo-nos conta de que o ponto de “fixação” interior da Força é, ao mesmo tempo, campo de expansão da Obra.

Para além da filosofia das ideias, delineiam-se os primeiros traços de uma geometria simbólica da matéria.

Para além da teoria da ciência e do poder da técnica, detemo-nos para contemplar a *Arkhitectura* da vida.

Para além dos caminhos de pedra e das rotas informáticas, começamos a comunicar-nos por ressonância de similitude.

A peça fundamental para a re-construção do Templo, na era que se inicia, é o manejo inteligente da Força Criadora. Se

quisermos nomear a “primeira pedra” com outros nomes, poderemos falar de:

- Chaves de Poder
- *Homo universitas*
- Trans-missão gen-ética

CHAVES DE PODER

Não falo desde outra filosofia, desde outra imagem do mundo, desde outra ideia do homem, desde outra teoria da ciência, desde outro credo religioso. Falo desde outro início: desde outro estado da matéria. Dito em outros termos, o resplendor nascente que vem à vida, desde além do horizonte e desde aquém do tempo, *não é* um estado intermediário: *é* “outro” estado.

Os primeiros astronautas viram a Terra por fora, desde o espaço cósmico: foi uma visão gloriosa. Nós, prot-agonistas de uma era de transição no eixo do significado, contemplamos nosso corpo por dentro, desde o interior da matéria, e pre-sentimos seus centros de força, seu campo magnético oscilante entre o espírito e a matéria: e *é* conhecimento/paixão/sacrifício. Não é fácil falar destas coisas.

Tampouco foi fácil para os pais da física moderna encontrar conceitos adequados para nomear estados da matéria que escapavam aos marcos teóricos conhecidos até então. Como relacionar a estabilidade do átomo com as frequências de seu espectro vibratório? Era a pergunta que se formulava Niels Bohr, em 1913. E respondeu com um novo conceito: “estado estacionário discreto” (a figura linguística punha em relação, fenômenos que apareciam separados na antiga física). Hoje, em escala global, quando os modelos teóricos de interpretação do mundo já não nos servem para sustentar a vida, deixamos de perguntar aos sábios e aos entendidos, e nos dispomos a ouvir o que nos diz nosso próprio estado:

“outro” estado:
também estacionário-discreto.

Tratemos de explicar-nos.

Ruptura da forma

Algo se havia rompido por dentro: “outro” estado marcava as horas do tempo e os silêncios do coração.

O Senhor havia chegado, mas eu não o reconheci. O Raio divino havia derrubado o muro do castelo encantado, onde minha alma morava cativa, mas tive medo da liberdade e fiquei entre os escombros. Tudo isto, eu o soube, *antes* de percorrer o caminho para sabê-lo. E o caminho foi longo e a caminhada penosa. Busquei a verdade na ciência, na filosofia, na religião. Um dia, levando às costas a pesada carga de livros, símbolos e lembranças, pus-me a descansar à margem do caminho e fiquei adormecido. Tive um sonho inquietante. Encontrava-me em um antigo templo egípcio: participava do cerimonial dos mistérios de Ísis. No centro de uma grande sala, rodeada de colunas, de pé, em um lugar elevado, divisava-se com dificuldade (porque todo o ambiente se encontrava com luz muito tênue) a imagem da deusa, coberta dos pés à cabeça com um espesso véu negro. Uma procissão de sacerdotisas, cobertas com véu branco e portando lâmpadas de óleo em suas mãos, desfilava silenciosamente ao redor do altar. Atrás das colunas, o que parecia um coro de sacerdotes entoava um hino, em língua para mim desconhecida. De repente, apagaram-se todas as luzes e me encontrava agora, eu mesmo, no centro de um cenário muito iluminado. Em meio a um grande silêncio, entrava em cena uma mulher muito bela, de enigmático sorriso e que parecia interrogar-me com olhar de fogo; acreditei reconhecer nela a própria Ísis, mas agora sem véu, e me veio à memória o livro de Madame Blavatsky, *Ísis Sem Véu*. Ante tão surpreendente aparição, fiquei sem palavras e, antes que pudesse dizer algo, toda a cenografia havia desaparecido. Encontrava-me agora em uma classe ou anfiteatro de uma universidade, ante algo assim como uma mesa examinadora, onde professores ou homens sábios me faziam perguntas. Não recordo exatamente o que me perguntavam, mas ficou-me a impressão de que

devia responder pela “unidade do conhecimento”. Quando despertei, em um súbito resplendor, vi a unidade essencial das duas figuras simbólicas de Ísis: com véu e sem véu. Mas, também me dei conta de que o resplendor era só uma antecipação (pro-fética) do saber e que, a partir desta meta, devia descobrir o *movimento* fundamental que re-unia estes dois aspectos do *mysterium* em um Mesmo *corpus sapientia*.

Ao querer dar o primeiro passo, vi que se havia rompido a “ponte” para cruzar o rio. Mas, já não era o mesmo rio nem a mesma história.

Ressonância pro-fética!

Vivemos em um tempo de *transfiguração histórica*.

Um Poder de natureza desconhecida entrou subrepticiamente no mundo e quebrou o “molde” (a forma conceitual-histórica) que, até ontem, albergava nossos sonhos. Derrubada a muralha do castelo encantado, ficamos à intempérie. Mas, o próprio Poder, que arranca o Véu de ilusão, marca o caminho da nova história.

O Mesmo fogo sagrado que, em meio a uma densa nuvem, desceu no Sinai (Êx. 19), que incendiou a palavra dos profetas de Israel, que iluminou o *logos* grego, que “se fez carne e habitou entre nós” (Jo. 1), o mesmo *Verbum* sacro retorna hoje como corrente invisível que quebra o molde que aprisiona a alma do homem. A mesma Voz que em outro éon disse ao homem: “Faz-me um tabernáculo e habitarei entre vós”, ressoa hoje novamente, no coração do Templo invisível; porém, essa voz não volta como imagem, símbolo ou ideia, mas como *estado* que antecipa novas funções da vida: “ressonância pro-fética”.

Por que digo “ressonância pro-fética” e não, simplesmente, profecia?

- Existe *ressonância acústica*: rompe a taça de cristal.
- Existe *ressonância magnética nuclear*: poderosos campos magnéticos deslocam prótons dos núcleos atômicos e revelam alterações nos tecidos orgânicos.
- Existe *ressonância pro-fética*: quebra a simetria de sentido e desloca as figuras da história.

Ressonância pro-fética hoje? Sim, a Mensagem chegou *antes* que os mensageiros!

Mas, não vem como outra ideia: é “Outro” estado.

A mensagem nova já não é “uma voz que clama no deserto”: é um “in-pulso” de alta energia vibratória que desestabiliza a matéria e abre caminho para funções de ressonância cósmica. Dito de outro modo, não é a palavra do homem que vem para transformar o mundo. É o próprio “Poder” que, antes de tomar a palavra, entra no coração do homem como raio que muralha parte: ressonância pro-fética. Não é a primeira vez: “no meio da noite, passarei pela terra do Egito e morrerá todo primogênito da terra do Egito” (Êx. 11,4:5). Fratura vibratória: “outro” estado, quebrou-se a taça, nova direção da força. Hoje, estamos vivendo algo parecido: cruzamos uma fronteira crítica, caíram as muralhas, os homens se dispersaram e não se reconheceram.

Entramos em contato com “Outro” poder: também na física de partículas, fala-se de “ressonância” (O que é ressonância? É algo que acontece). O pensamento não chega a compreender a natureza deste “Outro” estado, mas tampouco se resigna a não compreender. E continua perguntando.

Onde está o Templo? Em toda parte e em nenhum lugar!

Onde está o elétron? É provável que esteja em tal posição ou em outra: princípio de incerteza!

Onde está o homem? Não o sabemos, talvez tenha sido transferido a outro cenário histórico! Ou a outro reino? Mas,

qual é a palavra fundante (o *som* significante) que se oculta por trás do véu dos acontecimentos? Qual é a *chave* vibratória, o código energético do novo reino?

Um forte vento sopra do deserto

É inútil falar destas coisas, com “os que ficaram no Egito”.

Porém, milhões de seres humanos começam a fazer-se sensíveis a estas questões, desde “outro lugar”: desde o *exílio*. O “pulso pro-fético” gera um poderoso “campo magnético” que arranca o homem do lugar onde vive. Exílio político, exílio social, exílio econômico, são “modos” de exílio, circunstâncias que levam ao exílio, mas o próprio exílio é uma “ressonância” que nos tira da casa, *antes* de haver entrado.

O “exílio” é hoje uma *experiência* da humanidade, que se dá em escala planetária: milhões de homens, mulheres e crianças são arrancados todos os dias, do lugar onde vivem. Mas, para onde vão, se já não há sobre a Terra lugar aonde ir? Vão para o “exílio”! O “exílio” não é só uma “separação”, mas também o “lugar” do exilado, e aqui vem uma pergunta, nada fácil de responder: esse “outro lugar” é “outra terra”, para repetir a mesma história ou é o “deserto” como *via crucis* da história? Exílio: dilaceramento? Ou transfiguração?

“Outro estado da matéria humana”

O exílio político, a migração em massa de povos inteiros, em busca de pão e trabalho, e ainda, uma experiência mais essencial: o exílio da alma, em seu próprio povo, sua própria cultura, sua própria família; todos estes modos de exílio operam como “força de transfiguração” da humanidade de nosso tempo: gestação silenciosa de um novo povo, uma nova estirpe, uma nova cultura, um novo código gen-ético,

um novo Corpo social. O papel enzimático, catalítico, ativador deste “in-pulso pro-fético da história” é rejeitado pelas teorias evolucionistas e pelos projetos mundialistas, que preferem deixar a iniciativa nas mãos da vontade do homem. Mas, é que o poder autônomo do homem acabou por desequilibrar a balança da vida. Não haverá chegado o momento, anunciado poeticamente por Hölderlin, de “passar a balança, das mãos do mercador para as mãos do anjo”?

Eu me havia dado conta, meditando em meu lugar do exílio, de que os “sinais pro-féticos” são muito efêmeros, vêm e vão: deixam um traço fugaz na consciência e, de imediato, tudo volta à “normalidade”; é algo parecido com o que ocorre na física da antimatéria: experiência indireta por “pistas” registradas em instrumentos ultrassensíveis. E digo que é só parecido, porque em condições críticas da matéria do homem, pode-se capturar (fixar) a pista e fazer possível que a re-sonância pro-fética fugaz se transforme em função sagrada da Vida. Cheguei a dar-me conta de que essa re-sonância é algo mais (de outra natureza) que intuição intelectual: é um “poder” (e um saber) que quer habitar *em* nós: iluminação *inicial* que não é registrada no cérebro, mas no coração; e é este novo “ritmo de ressonância” do coração, aquele que inspira, orienta e desintegra as formas de pensar.

“Som” inicial!

O realmente *novo* no mundo de hoje, o acontecimento *chave*, o *fundamentum essentia* da nova história, é a irrupção de uma “onda” pro-fética que ilumina (e deixa sua “marca”) no coração do homem: incêndio da matéria, corpo de luz!

Voz transformando-se em Luz? Sim, mas tratemos de esclarecer. Esta “iluminação” não quer dizer, pura e simplesmente, que a *época* seja luminosa: o “som” supersônico transformado em luz põe a descoberto o poder da sombra. Tentemos ver isto um pouco mais claro:

Os místicos *ouviram* a palavra divina como “voz profética na alma”.

Os cientistas *viram* as “simetrias fundamentais” da matéria.

E, quando tudo parecia claro, uma vez mais, os antigos deuses transformados em demônios exigiram o “sacrifício dos inocentes”.

A hora que nos cabe viver é enigmática por natureza: o mesmo “som” que *ressoa* docemente na alma (“Oh, toque delicado!”) e que *ilumina* a inteligência (“Fui golpeado por Apolo”) *derruba* as muralhas e deixa às escuras o cenário do mundo (“Pai, por que me abandonaste?”).

Até agora, havíamos vivido bastante cómodos, o tempo transcorria placidamente e, apesar de guerras e revoluções, amanhã seria melhor que ontem. A revelação espiritual nos falava do “além”, do “reino dos céus” e a revolução social nos prometia a ditadura do proletariado e a “sociedade sem classes”. Mas, de repente, fomos arrancados de nosso sonho por uma poderosa onda de “implosão pro-fética”, que nos trouxe mais perto que o perto: abriram-se as entranhas da terra e caíram as interpretações; o poder nos escapou das mãos, os antigos símbolos já não nos dizem nada e a nova ciência nos oculta, com seu racionalismo técnico, o resplendor do mistério.

Talvez, a humanidade esteja se desprendendo de seu antigo “corpo”: corpo psicoemocional carregado de crenças, filosofias e dogmas; expulsão de matéria por colapso gravitacional de massa (como as estrelas que esgotaram seu combustível). Animo-me a dizer que a antiga matéria do homem terrestre é um real obstáculo à expansão de consciência. E este “desprendimento” (por desapego da alma

e transmutação de matéria) não só se realiza hoje pelo *renunciamento* de uns poucos, mas pelo *sacrifício* de todos.

A “ONDA PRO-FÉTICA” reverte em implosão de massa

Trata-se da liberação de um tremendo poder.

De qual poder? Poder da mão? Poder financeiro? Poder político? Poder informático? Poder sindical? Poder feminino? Quantas filosofias foram tecidas ao redor destas perguntas! Hoje, já não perguntamos pelo poder: fala o próprio Poder. E o Poder não pergunta; já o dissemos: antes de chamar à porta, já derrubou a casa.

Na sociedade tradicional, conhecemos um “poder à medida do homem”: a mão do artesão, a sensibilidade do poeta, a inteligência do cientista (poder do *Homo natura*). Ao chegar a época moderna, conhecemos o “poder da técnica”: revolução industrial e revolução informática (poder do *Homo technicus*). Mas agora, nos sismógrafos da humanidade planetizada, começam a ser registradas as primeiras ressonâncias de um terceiro “pulso” de liberação de poder: por implosão de massa social. Trata-se de um novo fenômeno humano que já não podemos explicar pelo impacto tecnológico, pela violência política ou pela revolução social: foi liberado um “poder” que supera todos os demais poderes conhecidos até agora. É “outro” poder: o reino do *terror* está entre nós; onde todos somos *cúmplices* (como diz Baudrillard) e onde a violência toma a forma *implosiva*. “É o vazio político (mais que o ressentimento de tal ou qual grupo), é o silêncio da história (e não o rechaço psicológico dos indivíduos), é a indiferença e o silêncio de todos, o que implode nestes acontecimentos”, diz Baudrillard em *La Transparence du Mal*. Porém, qual é o *sentido* desta “violência” que hoje muda a geometria da matéria, move as rodas do mundo e assinala os novos caminhos da história? É uma violência que ilumina por “implosão”!

Tratemos de explicar-nos.

O que nos diz a ciência?

O chamado “vento solar”, plasma muito rarefeito procedente do Sol e de natureza supersônica, choca contra a magnetosfera da Terra, transformando-se em radiação de alta energia. Uma onda sonora lançada a grande velocidade, quando alcança um estado crítico, transforma-se em luz: fenômeno chamado de “sonoluminiscência”. E o que nos diz o saber que se antecipa? Que quando a “onda pro-fética” não é recebida – vazio político, silêncio da história, indiferença e silêncio de todos – essa voz anunciadora se retira (energia inversa) e ilumina a consciência por implosão de massa. Muitos crimes aberrantes, muitas doenças por “vírus assassinos”, muitas catástrofes financeiras, são outras tantas formas “sacrificiais”, por implosão de massa social: antimensagem profética (a “outra” metade da fórmula) para os que têm ouvidos e não ouvem.

É hora adiantada,
o velho tempo terminou.

Saturno devorou seu próprio filho.
Um novo Sol ilumina os caminhos da história.

O *Homo sapiens* foi des-terrado de sua própria terra;
e, desde o “exílio”, prepara as vestes
para o *Homo solaris* que vem.

Não falo aqui de princípios, doutrinas, modelos teóricos: falo de “vestes”, que é como dizer “chaves orgânicas de poder”.

A reflexão sobre a natureza do Poder, as rotas do Poder e a confrontação que hoje experimentamos com os resultados da técnica do Poder, levam-nos a reconsiderar a pergunta pelo manejo do Poder; mas, já não desde a teoria da força e sim, desde o ritmo da vida.

Perdeu-se a ensinança dos antigos mestres de artes marciais, perdeu-se a palavra de fogo dos sacerdotes-sábios, perdeu-se o mistério das marcas talhadas em pedra no caminho de Santiago. Porém, o Mesmo poder que abriu os caminhos da Tradição tem hoje algo a nos dizer.

E, quando nos dispomos a escutar em silêncio o que nos quer Dizer, o próprio Poder nos revela

Chaves de Poder

Ensina-nos que nós mesmos “rompemos a ponte” para cruzar o rio; e que a única coisa que podemos fazer desde “este” lado (desde o conhecimento) é dispor-nos a que, desde o “outro” lado (desde o *mysterium*), o Poder que não tivemos em conta em nossos cálculos nos lance a primeira corda. O que surge desta correspondência não é uma filosofia do poder, mas uma ressonância da vida: não uma nova metafísica e sim, uma nova fisiologia.

Ensina-nos que o Poder não é um bem disponível para o homem: não está a nossa disposição em qualquer momento e lugar. A única coisa que o homem pode fazer é dispor-se a recebê-lo. O Poder não estabelece “aliança permanente com o homem”, mas faz falta ao homem para fazer frutificar a terra. Quando in-corporamos esta “chave de poder”, aprendemos o manejo da economia-providencial: uma economia que não surge das teorias econômicas, mas da energia viva que circula pela Árvore da Vida e cuja memória perdemos, desde que saímos do Paraíso.

Ensina-nos que não podemos reter o Poder sem consequências: sem que o próprio Poder nos abandone (deixando-nos cristalizados no tempo) ou nos destrua (por dissolução ou degradação da vida). Ensina-nos que a única forma de possuir os “dons”

do Poder é quando entregamos à grande corrente da vida, os frutos do Poder. Dar é receber: isso já o havíamos aprendido da filosofia espiritual; mas agora, voltamos a aprendê-lo, de mãos dadas com uma ética-fisiológica que nos ensina a transformar os valores da alma em química da vida.

Ensina-nos que o não-tempo sagrado do Poder se entre-lança misteriosamente com o tempo histórico do homem e tece-e-destece (com o homem) a imagem do mundo e o tecido da vida. E, quando conseguimos descobrir o signo do tempo, vemos que o Homem, por “chave de Aliança”,

pode reverter a direção da seta de sentido e

quebrar o sentido trágico da história.

Outro início, outro destino, outra missão.

Sua consciência expansiva o leva “além do horizonte”:

em direção a

Homo universitas.

Sua vontade participante o traz “aquém do tempo”: volta a seu povo, trazendo a palavra de vida àqueles que ficaram esperando à borda da fonte. Vem como mensageiro do Templo, para construir uma “arca social”: em missão de

Transmissão Gen-ética.

HOMO UNIVERSITAS

Ideia-símbolo!

Não é fácil nomear com uma só palavra a ambiguidade essencial do ser, do conhecimento, da vida.

O que *é Homo universitas*? Não é um conceito. É uma *Investidura*: termo que, por outro lado, não torna a ideia mais clara e sim, mais obscura, mas que nos remete a “outra função”, a “outro lugar”. Sem dar-nos conta, fomos arrebatados de nossa antiga morada: o ponto de apoio da consciência foi transferido para “outro lugar”.

Lugar perigoso!

É difícil manter-se no vazio, sem cair. Neste lugar, não só fala o homem, fala a Língua. E a Língua fala “com” o universo-e-o-homem: *Homo universitas*.

Homo universitas é uma forma-estado do saber.

Como chegar a este *lugar-estado*? Não posso chegar a ele por nenhum caminho, porque já estou nesse *estado*. A única coisa que posso fazer é dispor-me a “não-fazer-fazendo”. Quando caem todas as minhas opiniões e as representações que tenho do mundo, dou-me conta de que a Língua Mãe volta a *respirar*: já não sou eu quem respira, Ela respira em mim. *Homo universitas* é um estado do saber que não vem pelo caminho do conhecimento habitual, senão que se revela em mim, por ressonância de similitude com a grande corrente que circula pela Árvore da Vida.

Ciência sagrada

A Língua Mãe *ressoa* em todos os reinos, *respira* em todas as funções, *ensina* em todos os templos. *Homo universitas* opera como “ponte”, como “meio”, como “mensageiro”, entre o *Som* primordial da Língua e a geometria da Vida.

Quando digo que ao caírem as opiniões, as interpretações, as representações, a Língua Mãe “volta a respirar”, não quero significar com isso que a corrente fundamental da Língua fique desvinculada do pensamento, senão que “a Língua respira “com” o pensamento”; nasce outra função, *função de ressonância*: o “*logos*” racional fica in-corporado à “transgen-ética da vida” (em outros termos, aqui o saber não é só conhecimento, é também corpo).

Como se passa do “conhecimento” ao “corpo”?

Do caminho de pedra (Compostela, Chartres)
e do caminho do *logos* (da Academia, da
escolástica, da

Ilust
raçã
o),

passamos à gênese das proteínas.

Rota das proteínas?

Como nascem, como se desdobram, como são ativadas ou desativadas as proteínas que constituem a arquitetura funcional de nosso próprio corpo? Para a biologia molecular, um problema técnico. Para a filosofia da linguagem, um poema geométrico. Para a ciência (*scientia*) do *Homo universitas*, o caminho vibratório da Palavra: movimento funcional da vida que dá sentido à “pedra”, ao *logos*, às “proteínas”.

Da teoria da informação, passamos à ressonância de significação.

Esta “significação” se torna *audível* a nós, quando da visão dos fatos, passamos a ouvir a alma dos fatos: “iluminação audível”. Exaltação mística? Ou revelação da ciência?

Revelação da ciência!

Não se deve confundir os dados da ciência, a teoria da ciência, os resultados da investigação científica, com a “revelação da ciência”. Dito de outro modo, uma coisa é o “resultado” e outra, *aquilo* que se manifesta no resultado: a visão do resultado pode não ser audível para o investigador que não vê mais que o resultado. *Homo universitas* não nega a ciência, mas não se limita aos resultados da ciência. Tampouco é “outra” ciência ou “outra” universidade. É outra estrutura, outra função, outra “molécula”: ritmo in-sonoro que estende a ponte entre a Árvore do Conhecimento e a Árvore da Vida. Leio no jornal *La Nación* (Buenos Aires, 13 de abril de 1996) – em um artigo assinado por Nora Bär – que o investigador argentino, Fernando Nottenbohm, que trabalha na Rockefeller University, descobre que “no cérebro dos pássaros adultos são produzidos constantemente novos neurônios, contrariando a opinião corrente de que os animais superiores e o homem têm, desde que nascem, a dotação completa de neurônios e que não há possibilidade alguma de regeneração”. Minha observação é que este e tantos outros descobrimentos científicos tanto podem ser “lidos” como dados técnicos (que podem conduzir a resultados utilitários), quanto ser “ouvidos” como sinais anunciadores (possibilidade de desenvolvimento de novas funções da vida). O que me diz a revelação da ciência? A que me chama o dado de “renovação de neurônios” no cérebro dos pássaros? A implantar um “gene” de pássaro para reparar meu cérebro danificado? Ou a re-generar “outro” cérebro para voar?

Homo universitas é “código” simbólico de trans-figuração. Quase diria, outro “molde”: *matriz* de transição gen-ética. Não se trata da figura do “homem universal” (tal como a ideia foi concebida pelos sábios-artistas do Renascimento) e sim, do “salto” da lagarta à borboleta: ninguém sabe o que acontece *entre* esses dois estados.

Como se passa do homem das neves, ao pássaro que fala?

É como passar da sabedoria do mundo antigo, depositada na Biblioteca de Alexandria, ao *logos* racional da nova mente grega.

É como passar da mente técnica da Internet, ao coração místico do *Homo universitas*.

Homo universitas também utiliza a rede, mas não para ficar na rede e sim, para sair da rede.

Essa transição gen-ética é algo mais que uma “transvalorização de todos os valores” (tal como aparece na filosofia de Nietzsche), algo mais que uma “passagem evolutiva” (semelhante à transição entre funções vegetativas do cérebro antigo – paleocórtex – e o pensamento e a linguagem do cérebro racional – neocórtex), algo mais que uma “passagem cultural” do mito ao *logos*. Da genética biológica, passamos a outro *estado* que não podemos representar; giro da corrente profunda da vida que nos leva a uma base mais firme, a uma “pedra” mais segura: para edificar já não “sobre” ela, mas “com” ela, a futura cidade do homem. Transição gen-ética é um salto qualitativo para “outro” “Código” da vida, sem que possamos saber de onde vem este “gene” nem para onde nos leva: de repente, aparece uma nova *molécula*, um novo *mensageiro* e nos encontramos em “outro” *lugar*, falando “outra” *língua*. E isto é o que nos acontece hoje: quebrou-se o molde, partiram-se as águas. Fratura gen-ética: ao mesmo tempo na ordem dos valores e na ordem da vida. Por isso, cada vez nos entendemos menos: porque o homem histórico que conhecemos se transfigurou, volta com “outro” código, fala “outra” língua, pertence a “outro” reino.

Neste “tempo de fim da história”, o método científico experimental de Claude Bernard curva sua trajetória para acoplar-se ao pensamento rítmico dos poetas românticos:

...tudo é hieroglífico... e o poeta não é senão,
o tradutor, aquele que decifra.

Charles Baudelaire, “*L’Art
Romantique*”

Homo universitas é um estado que se revela por interpenetração de estados.

Toda a história do pensamento do Ocidente gira em torno da necessidade de comunicar-*nos*, de entender-*nos*: vontade de captar e transmitir esse *verbo* essencial que habita *entre* nós. Para aceder a esse “entre”, Platão propôs o *diálogo* (*dialogein*) e Hegel a *dialética*; e é através do movimento “dia-lógico” da consciência, que viemos a conhecer tudo o que hoje chamamos de filosofia, ciência, teologia e comunicação social. Porém, eis aqui que, quando este “diálogo” entre a consciência natural e o saber real acredita haver alcançado sua máxima *verdade* na criação de uma imagem “objetiva” do mundo, sua máxima *certeza* de cálculo nas viagens espaciais, sua máxima *velocidade* de comunicação através da rede informática que cobre todo o planeta, essa “verdade” e essa “certeza” voltam a nós como sentimento de máxima incerteza e máxima incomunicação. O que aconteceu? Que a linguagem “dia-lógica” nos havia mostrado só uma face da realidade! O próprio *logos*, tal como o interpretamos até agora, mostra-se insuficiente para responder com “verdade” e “certeza” às cataclísmicas transformações do mundo. Dito de outro modo: na raiz de nosso tempo de crise, advertimos uma “catástrofe” de significados; produziu-se o afundamento do “marco dia-lógico” que, até ontem mesmo, sustentava a imagem do mundo. E ficamos à intempérie:

O mundo é muito mais que o que havíamos imaginado.

Há outras forças que escapam aos olhos do microscópio eletrônico, outras correntes da vida que os satélites em órbita não veem, outras

significações que não se deixam capturar na rede da antiga lógica.

Aqui, à intempérie, o universo fala ao homem, com outra linguagem. Mas, onde está a antiga lógica? Ficou *incorporada* à Árvore da Vida, como “servomecanismo” de uma língua de ressonância por similitude.

Outro *meio* de comunicação?

É acaso a linguagem simbólica da ciência e da técnica?

Eu penso que a própria ciência ficou presa no “molde” da antiga-nova “lógica” e que, apesar de seu extraordinário desenvolvimento, o pensamento científico nos mostra hoje uma só face do mundo: “a metade da fórmula”. Ante a fuga dos antigos deuses, a ciência vem ao homem como “mensagem de salvação”, mas o novo homem tomou sobre si mesmo a missão de “salvar a ciência”.

Salvar a ciência?

Salvá-la de quê? Salvá-la da absolutização de seus resultados: salvá-la da dogmática da ciência.

Em meu livro *Universidade de Síntese*, ao perguntar-me pela unidade do conhecimento, respondi dizendo que “a filosofia da ciência é insuficiente para fundar uma epistemologia de síntese”. E citava, a respeito, palavras de Octavio Paz:

Talvez a metafísica de amanhã, se o homem vindouro ainda sentir a necessidade do pensar metafísico, seja iniciada como uma crítica da ciência.

Octavio Paz, *Corriente Alterna*

Hoje, o homem vindouro já não sente a necessidade do “pensar metafísico” e a “crítica da ciência” não vem desde os ramos da filosofia, mas desde as raízes da vida.

O sentir da vida não questiona os resultados da ciência, mas a absolutização desses resultados: não nega o método científico, mas sim, a dogmática da ciência. Sem dar-nos

conta, nossa própria mente técnica substituiu a contemplação da ordem sagrada do mundo pela verdade objetiva, proclamada pela ciência. O paradigma de crença do homem contemporâneo poderia ser resumido nestas poucas palavras:

“Se estiver comprovado pela ciência, *é verdade*.”

Se seu eletroencefalograma já não registra atividade, você é declarado oficialmente “morto” e o poder político autoriza as equipes médicas a extrair-lhe um órgão vivo. O dogma da “morte cerebral” faz da morte um dado objetivo, representável, comprovável, mensurável; em realidade, você morreu de “morte técnica”: o mistério da morte desapareceu.

Homo universitas não vem com uma nova filosofia da ciência ou um novo dogma religioso: vem com um novo instrumento orgânico. Libera o saber da carga de dados empíricos acumulados pelas ciências particulares, da interminável crônica de acontecimentos históricos, da complexidade de teorias científicas, sistemas filosóficos, doutrinas teológicas, que conformaram a imagem lógico-técnica do mundo. E, quando os “resíduos” do conhecimento e da história ficam à margem do caminho, a alma se abre a um sentir profundo de ressonância cósmica: onde a vida e a morte falam com “outra” linguagem.

Gen-ética de liberação.

É um torvelinho de fogo sagrado que nos arrasta a todos. As guerras de independência, as revoluções políticas de liberação, as promessas de liberação da ciência, da técnica, das religiões, tudo isto havia ficado para trás. Eu havia penetrado em outro espaço: não havia aqui, universidades nem templos. Lembrei-me do Apocalipse, quando fala do “descenso da cidade santa... mas templo, não vi nela...” (Ap. 21. 10:22). Mas não era o apocalipse: tudo parecia igual, mas não era.

Gen-ética de liberação não é uma teoria, é uma chispa que incendeia a pradaria: chispa que toma de assalto os recintos

atômicos da matéria e prepara a explosão de funções cósmicas da vida.

Gen-ética de liberação não é uma ideologia, é uma força: mas precisamos de um marco teórico para manejar essa força, força que comove nossas vidas desde as próprias raízes da Vida. E é este marco teórico o que tento representar (pelo menos, em suas linhas fundamentais) sob a ideia-símbolo de *Homo universitas*.

Homo universitas é ideia-síntese que está instalada em germe, na *anima mundi*: constitui a raiz gen-ética da revolução que vem. Digo “em germe” (isto é, sem adequado esclarecimento intelectual), mas cujas primeiras cintilações se fazem visíveis na teoria da ciência moderna.

A teoria da ciência se adianta à revolução social

Como caracterizar estas “cintilações” do saber, que antecipam o advento de novas moléculas da vida?

Georg Picht, filósofo crítico da pós-modernidade, anunciava uma “ciência à segunda potência”. E Einstein diz a Heisenberg: “Jamais será possível introduzir somente magnitudes observáveis em uma teoria. O que seja o observável, depende da teoria”. Mas, eu me pergunto: o que *é* teoria? *Theoria*, em sua significação original (*theorein*), remete-nos à *contemplação*. De qualquer modo, também a “contemplação” (seja filosófica, poética ou mística) fica presa na sutil rede do antigo *logos*: só chegou a revelar “a metade da fórmula”; leu os sinais do céu, mas não pôde descê-los à terra. O que eu chamo aqui de “revolução do saber” (que, com mais propriedade, deveríamos chamar de “revolução do método”) consiste em transcrever a mística de contemplação espiritual a uma gen-ética de trans-figuração social: devolvendo à Obra a “outra metade” da fórmula.

Revolução do método?

Enquanto *Homo rationis* percorre avidamente as redes eletrônicas, em busca de dados e mais dados (mais informação e mais lixo), *Homo universitas* “sobrevoa” o disco rígido do sistema social computadorizado pelo *logos* para *contemplar* as ideias mãe (*theoria* da teoria) e *transcrever* (enquanto “mensageiro”) essas matrizes-arquetípicas à linguagem simbólica de ciência e técnica. Este “giro”, da *contemplação* à *plasmação* (movimento unificado do conhecimento-e-da-vida), já não se realiza nos laboratórios físicoquímicos, nos aceleradores de partículas, nas cápsulas espaciais ou nos templos em ruínas, mas no espaço interior do próprio homem: primeira “pedra” na reconstrução do Templo.

A revolução do método põe a descoberto o tempo do homem.

Dito de outra maneira: “Para que a luz da estrela-guia entre na história, é preciso um chão que lhe permita apoiar o pé”. Para que a ideia força do cristianismo nascente pudesse ser assimilada pelo pensamento do Ocidente, teve que apoiar-se na filosofia grega. Os “profetas do Renascimento” (Schuré) plasmaram as ideias mãe em obras de arte. Os pais da ciência moderna traduziram a iluminação inicial da nova idade em língua matemática. Porém, logo vieram os técnicos e os filósofos críticos da pós-modernidade, e só viram as sombras projetadas nas paredes da caverna. As revoluções políticas as filosofias do “fim da história”, as revoltas estudantis, a vanguarda artística, as novas religiões, todos estes movimentos, cada um a seu modo, fizeram a “crítica” do que chamaram de “mitos do mundo moderno”; mas, ao perder contato com a luz da Revelação primeira, ficaram “capturados” pelo poder fantasmagórico dos próprios mitos que queriam expulsar da história: as ideias mãe do novo céu se ocultaram uma vez mais do olhar do homem, e prevaleceram as sombras (ainda mais escuras) da antiga terra.

Mas, o que são estas ideias mãe? Quem são seus “mensageiros”?

Como ingressa a luz da “mensagem” no horizonte do novo signo do tempo? Demasiadas perguntas para um resplendor que se oculta. Só gostaria de deter-me em algum dos princípios-guia que configuram a “revelação da ciência”. Vejamos o que acontece com os chamados “*quantum de luz*”.

“Quantum de luz”! Enigmático “Koan”, no campo do conhecimento científico.

Nos começos do século, Einstein, um dos mensageiros do novo tempo, propõe a ideia de “quantum de luz”: ainda uma mente tão esclarecida quanto a de Niels Bohr não aceitou essa ideia. Depois, veio todo o desenvolvimento da teoria quântica, o princípio de incerteza, a antimatéria. Hoje, é-nos familiar o “conceito” de quantificação da energia, mas viemos a dar-nos conta de que o que chamamos de “quantum de luz” é mais que um conceito, é um símbolo, um sinal, uma

estrela no firmamento do homem pós-atômico. E surgem as perguntas: a ideia de “quantum de luz” era só uma ideia-conceito que fazia desmoronar os castelos de areia edificadas pela mecânica racional ou era ideia mãe, que investia contra os edifícios atômicos da antiga matéria, para criar “com ela” as rotas invisíveis do novo mundo do homem?

Em síntese e indo ao mais essencial: “quantum de luz” é só palavra técnica, para designar um determinado comportamento da luz? Ou palavra-testemunho para nomear (simbolicamente) uma cintilação do saber?

A Revelação não veio na forma que havíamos imaginado. Começamos a *ver* a “trajetória” das ideias mãe (se ainda pudermos falar de trajetória neste novo reino). Havíamos ouvido que, nas origens, “o espírito de Deus esvoaçava sobre a superfície das águas” (Gên. 1:2), e agora, víamos que o “quantum de luz”, desprendido da estrela de Einstein, esvoaçava como mensagem, falada em idioma matemático, sobre a mente de cientistas e sábios. Logo viriam os magos, seguindo a luz da estrela; e os magos-técnicos (incluindo o próprio Einstein) quiseram ter a estrela na mão: e fabricaram a bomba e ficaram des-lumbrados.

“Mais brilhante que mil sóis...”, exclama Oppenheimer.

Mas, uma vez mais, foi materializada a Ideia: o poder da técnica ocultou o resplendor primeiro.

Desta vez, Deus havia morrido de morte técnica? Não, a ideia mãe não havia morrido, havia-se retirado como “resplendor que se oculta”: deixando suas “pegadas”, sua “marca” na matéria do mundo. Como recuperar essas “pegadas” para a consciência do homem?

Linguagem “vibratória” da nova idade

Cedo teríamos de dar-nos conta de que, nesta era de ruptura de simetria da matéria, de transições quânticas de energia a nível atômico, de súbitas transições de fase em escala social, ruptura do equilíbrio ecológico, enfermidades de autoimunidade, deveríamos tomar consciência de que, como “contraponto” do desmoronamento de mitos, interpretações e sistemas, uma nova linguagem vibratória “ressoava” no mundo interior do homem. Já não vínhamos para interpretar o mundo, nem sequer para transformá-lo: procurávamos o que já havíamos encontrado.

Procurávamos (procuramos)
não só salvar a ciência,
mas salvar a alma.
Também procuramos salvar o corpo,
um corpo que já não resiste
ao impacto da fúria cósmica.

Entramos em ressonância com as forças vivas do universo, ressonância perigosa: pode estilhaçar a taça.

Como era, como *é*, a nova linguagem de ressonância por similitude?

Uma vez mais, detenho-me antes de responder. Volto a retomar a “*theoria* da Linguagem”, mas já não para projetar uma nova ideia do homem e sim, para ouvir a palavra-sentido que quebra a imagem do mundo.

Não só os antigos mestres espirituais, também os pais da ciência moderna falaram em parábolas. Havíamos entrado em “outro” mundo, a mensagem vinha de mãos dadas com “outros” mensageiros (que falavam “outra língua”). Werner Heisenberg, referindo-se a suas impressões no seminário de Göttingen (1922), diz o seguinte em *Conversaciones con Einstein e otros ensayos*: “Bohr insistia, uma e outra vez, em que, evidentemente, a linguagem humana não bastava para

descrever os processos do interior do átomo... e, com respeito ao modelo atômico que o próprio Bohr apresentou naquele seminário, Bohr me confirmou o que Pauli e eu suspeitávamos: os complexos modelos atômicos não haviam sido calculados de acordo com a mecânica clássica, senão que lhe haviam ocorrido intuitivamente, com base na experiência e a modo de imagens, na medida justamente, em que as imagens mecânicas são aptas para representar os modelos atômicos”. Uma coisa ficava clara neste “círculo hermético dos cientistas quânticos”: os “novos videntes” não encontravam palavra adequada para nomear fenômenos que ocorriam nesse estranho mundo onde, $a \times b$ não é necessariamente igual a $b \times a$. Até 1922, época em que Heisenberg fazia estas reflexões, ainda se podia falar simplesmente de “mecânica quântica” como modo de pensar, por analogia, a relação entre o comportamento do salto quântico e as leis conhecidas da mecânica clássica. Não se tratava de uma teoria científica a mais, que vinha fazer mais inteligível a trama do mundo físico: tratava-se de fazer inteligível a mensagem dessa palavra-energia que havia quebrado a antiga imagem do mundo. O “quantum de luz” não veio trazer a paz, mas o paradoxo.

“Teoria da Relatividade”, “quantum de luz”, “mecânica quântica”, “princípio de incerteza”, “equação de onda”: “notas” simbólicas de um primeiro movimento (um “ouro do Reno”), na grande sinfonia cósmica, interpretada na catedral da ciência; primeiros violinos: Einstein, Planck, Bohr, Heisenberg, Pauli. Mas, em 1928, Paul Dirac sobe ao pódio da orquestra e, com um golpe de sua batuta matemática, harmoniza o contraponto entre a teoria da relatividade e a mecânica quântica (também Johann Sebastian Bach havia feito uma síntese de contraponto e harmonia). No “Cravo Bem Temperado” de Dirac, a notação musical era tão estranha, que os físicos de seu tempo resistiram a aceitá-la: a uma partícula de carga positiva correspondia um “buraco de carga negativa” (ao elétron que se vê, um pósitron que não se

vê; à matéria, uma suposta antimatéria); nem sequer se falava, aqui, de partículas, mas de “simetrias fundamentais”. O que havia acontecido? Nem o próprio Dirac tinha isso totalmente claro: ele também “havia sido golpeado por Apolo”. Por trás do véu da complexa formulação matemática, Dirac havia visto o “outro” lado das coisas, o “mundo no avesso”; havia vislumbrado a “assimetria cósmica” e sentido um “jardim de flores inexistentes”, mas a própria estrutura do pensamento científico de seu tempo não lhe permitia ir muito longe. Aqueles que o seguiram talvez tenham ido mais longe, mas se perderam pelo caminho, não puderam voltar. Os físicos que procuravam a “última” partícula elementar se encontraram com uma “chuva” de partículas; os cosmólogos que procuravam decifrar a estrutura fundamental do universo se perderam em um mar de modelos matemáticos; os biólogos que procuravam o “elo perdido” se perderam nas bifurcações indefinidas da árvore das gerações. Em resumo, pelo caminho da ciência, conseguimos extraordinários resultados práticos: chegamos muito longe, mas não sabemos voltar para a casa de nosso pai. E aqui, surge uma pergunta inquietante:

Existe realmente um caminho de retorno?

Muitos dos que estão não são
e alguns dos que são não estão.

Se pelo caminho da ciência não podíamos responder a esta pergunta, seria possível fazê-lo pelo caminho da filosofia? Hegel, em sua *Fenomenología del Espíritu* (1807), havia dito que sim, ao postular a *dialética* como “movimento *inverso* da consciência”. E a filosofia política de seu tempo tomou em suas mãos o pensamento dialético, como ferramenta teórica para a transformação do mundo. Porém, apesar de que a dialética revolucionária – abrindo caminho através da palavra incendiada de um Marx, um Lênin, um Mao Tse Tung – quebrasse a estrutura política e econômica do sistema

dominante da época, essa dialética deveria naufragar na ordem social, por suas próprias contradições internas. Uma vez mais, havíamos-nos perdido em um caminho “sem retorno”.

Nem pelo caminho da ciência, nem pelo caminho da filosofia, nem pelo caminho da revolução, pudemos encontrar “palavra de passe”, entre os resultados do esforço humano e o sentido da Obra. O que havia acontecido?

Que o mundo caminhava mais rapidamente que nossa capacidade para compreendê-lo! O obstáculo já não era o poder político e econômico do sistema dominante, mas o “mandato dominante” que o antigo éon havia impresso como *meta* de desenvolvimento da consciência racional. O Evangelho simboliza este “mandato” como “tentação do deserto”: “Se és filho de Deus, diz a estas pedras que se convertam em pão” (Mt. 4:3). E o Filho de Deus responde com um não, ao príncipe deste mundo: “Não só de pão vive o homem”. Mas, o “não só” não é uma simples negação e sim, uma *negação afirmativa*: “Não só de pão vive o homem... mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt. 4:4). A tradição racional do Ocidente ficou com o “não” da primeira parte da sentença evangélica, traçando com isso, uma radical separação entre valores materiais e espirituais. Somente hoje, ao quebrar-se o molde estreito da antiga mente, começamos a “ouvir” o *som* significante da “palavra de retorno”.

Entramos em um novo éon, as linhas de força do campo magnético-espiritual *curvam* a trajetória da linguagem, a Língua Mãe volta a *respirar* e a palavra de *Homo universitas* re-soa em nosso coração, como “ritmo de reversibilidade de valores”: sem dar-nos conta, o centro de gravitação da consciência foi transladado a outro chakra.

O importante já não é o que dizemos,
mas o lugar desde onde o dizemos.

Reversibilidade de valores

É uma função de “vida-total”. Como *princípio* cosmogônico e metafísico, essa reversibilidade foi preservada sob o véu de mitos, alegorias e símbolos, na tradição espiritual dos diferentes povos da Terra; mas, enquanto *função*, reclama hoje uma teoria para o desenvolvimento da criança que anuncia sua chegada.

A ciência, a filosofia, a metafísica, vislumbraram uma fase de “retorno” no movimento da consciência, mas não chegaram a desvelar a “chave” do movimento-total de universo-homem-vida. Essa “chave” escapa a toda explicação, a toda interpretação, mas ressoa como palavra guia nas paredes do coração: “prestar ouvidos” à *sabedoria-seiva* do coração é o primeiro passo na mística dos homens e das mulheres que vêm. O passo seguinte é “fixação”.

O que é “fixação”? Tomo o termo, não como conceito mecânico, “tornar fixa, estável, alguma coisa”, mas como símbolo da alquimia-mística do coração: ponto crítico de estabilidade-dinâmica, fixação-expansão, reversibilidade de valores.

Fixação, ritmo e medida configuram o “acorde fundamental” de *Homo universitas*, a nota chave de sua fisiologia-espiritual: “Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus”; mas, ao “enraizar” esta Palavra em seu próprio coração, pode o homem (em uma certa medida) transformar as pedras em pão.

Neste ponto crítico, o *corpus mysticum*
se transfigura em *arkha socialis*.

O descobrimento do “ponto” de fixação da Palavra divina no coração do homem marca um *acontecer fundacional*: assinala a transição entre a filosofia especulativa e a mística em ação, entre o conhecimento científico-experimental e a

sabedoria-seiva da vida, entre a política econômica das nações e a economia providencial do universo.

Ortega y Gasset, desde o princípio do século, percebeu com aguda sensibilidade, o advento de “mistérios cardeais” que quebraram a penumbra da história. Mas, adverte:

Podemos encontrar o que é velho em qualquer lugar: nos livros, nos costumes, nas palavras e nos rostos dos demais. Porém, o novo, o novo que em direção à vida vem, só podemos encontrá-lo, inclinando o ouvido pura e fielmente, aos rumores de nosso coração.

José Ortega y Gasset, *El Espectador*

Ao chegar a este “ponto”, onde já não temos ponto de apoio, onde colapsam todas as figuras da consciência, onde o re-soar da Língua nos deixa sem palavras, nesse ponto zero, a própria corrente do saber inverte seu signo e nos “devolve” ao ponto de partida: à pergunta pelo *Homo universitas*. Mas agora, já não perguntamos pelo *quê* e sim, pelo *quem*. Quem vem dar “forma” e “função” à *alma mater* do mundo?

Retiraram-se os antigos deuses.

Caíram os modernos mitos.

O Templo ficou vazio.

Brecha gen-ética na grande corrente do saber.

Aparece-nos aqui, uma fratura epistemológica e histórica entre a mensagem pro-fética que A-nuncia o nascimento de novas funções da vida e o paradigma dominante das já antigas universidades. Talvez, uma brecha parecida à que se deu em plena Idade Média, entre a tradição monástica do Ocidente e o nascimento das primeiras universidades: salto a “outro” cenário histórico, a “outro” espaço do saber. Mas, voltando à pergunta sobre quem promove esse salto? Só uma vontade humana para criar a *universitas* (comunidade de

mestres e alunos, em busca do saber)? Ou um Saber que convoca?

Eu penso que não só o homem procura o saber, senão que o próprio Saber vem em busca do homem: deixando suas pegadas em caminhos ainda não pisados pelo homem. Como são estes caminhos e onde estão essas pegadas?

A caminhada durante milênios pelos caminhos de pedra deixou no cérebro pegadas físicas. Hoje, a “onda pro-fética” imprime “pegadas magnéticas” em um plasma ígneo: e promove um “cérebro de ressonância magnética”. Com o antigo cérebro físico podemos *ver*; com o novo cérebro magnético podemos *pre-ver* (ver o que se manifesta *antes* de ver). Algumas das ideias fundamentais da nova ciência, tais como “salto quântico”, “princípio de complementaridade”, “ruptura de simetria”, “antimatéria” foram pre-vistas pela mente cósmica dos jovens sábios da nova era.

Homo universitas: uma “fisiologia cósmica” esquecida.

Não só com outros *valores*, mas com outro *cérebro*.

O Saber não vem hoje como instituição, mas como *arkha*. Quero dizer, não vem como pura informação, princípio metafísico, arcano simbólico, fé religiosa, mas como “poder de resgate”: resgate da própria consciência das turbulentas águas da vida. Esse “resgate” se produz quando o Saber *volta* a gravar as leis do céu na matéria do homem. E digo expressamente “volta”: não somente porque essas leis foram esquecidas, mas porque a essência do “resgate” é uma “volta” da matéria do mundo à Fonte da Vida, algo assim como uma viagem de “retorno” à Terra Santa. Porém, o homem não entra “sozinho” na *arca*, “entra com” os demais reinos: *Homo universitas*.

“Retorno ao Templo com os demais reinos”!

Já não é só “um” nem são “todos”: é “um com todos”. Isto é impossível de entender, dentro da imagem do mundo que nos é imposta pela estrutura da linguagem.

Eu pude dar-me conta, pelo menos em alguma medida (quando veio o “segundo dilúvio” e a imagem do mundo caiu feita pedaços, junto a minha própria imagem), de que uma poderosa corrente me arrastava rumo às estrelas; éramos muitos na “arca”, mas “entre todos” eu continuava sendo eu-mesmo. Ao chegar a certo ponto, perdi a consciência e, de repente, encontrei-me de novo no mundo cotidiano; nada parecia haver mudado, mas tudo estava tingido de ilusão: eu era e não era o mesmo. Em realidade, o mundo tinha a mesma “aparência”, mas eram “outros” os prot-agonistas da história. O drama real havia começado em “outro” lugar, em “outro” cenário e os acontecimentos que desfilavam ante meus olhos eram apenas uma representação de algo mais essencial que acontecia às minhas costas: uma espécie de teatro de sombras. Eu “estava-com-outros-na arca”, mas o que era a arca? Só uma “arca de sobrevivência” para salvar-nos do dilúvio universal? Ou uma “arca de gestação” para iniciar viagem às estrelas? No fim de tudo, não seria a primeira vez: também “o presépio, o nascimento do menino e a viagem dos magos do Oriente guiados pela estrela” (Mt. 2:1) configuravam uma arca de iniciação.

E cheguei a compreender um pouco melhor o que se estava gestando nas entranhas da Terra:

Estávamos preparando um novo nascimento!

Havíamos alcançado um ponto crítico na curva do tempo, onde as leis criadas pelo homem mudavam de signo e as coisas perdiam seu sustento. Sim, havia um “dilúvio” (a decoração afundava sob as águas: catástrofe social), mas também havia uma “arca” (algo essencial ficava preservado, talvez o patrimônio gen-ético da humanidade total: não só o homem e os demais reinos da natureza, também os “magos” que traziam dons de sabedoria ao menino por nascer) e havia uma “estrela” que marcava o rumo ao caminhante. Uma nova constelação de signos se delineava no espaço recém aberto: a “catástrofe” preanunciava a “estrela” e punha a descoberto a “arca”. Mas, o que era aquilo essencial “salvo das águas”?

Os sábios e os santos de ontem e de hoje lhe deram diferentes nomes. Eu prefiro chamá-lo de um “gene sagrado”: mas não é uma questão de nomes e sim, de “testemunho”.

Volto à ideia-gene de *Homo universitas*.

Homo universitas não é uma nova imagem do homem, tampouco uma figura de linguagem para representar algo assim como “o posto do homem no cosmos”.

Homo universitas quer significar “Terceira natureza” (a primeira: *natura-naturans*, nós a destruímos; a segunda: natureza técnica – está nos destruindo; a terceira é “homo-arca-estrela”). Não temos palavras para nomear um *estado* da matéria que vai além das quatro dimensões do espaço-tempo. Mas, já não estamos sós! O deus-imagem fugiu do Templo, mas o universo sagrado fala conosco por inter-me(d)io de “moléculas mensageiras”. A arca já não navega sobre as águas e sim, *por baixo* das águas:

...se ha de recordar
para hacer bien el trabajo,
que el fuego, pa calentar,
debe ir siempre por abajo.

José Hernández, *Martín Fierro* II

Desde as raízes da árvore da vida, iniciávamos o ascenso em direção ao Quinto Reino. Com “outro” código gen-ético, com “outros” mensageiros.

Moléculas mensageiras!

São realmente moléculas (tal como o entende a química moderna)? Ou são “poderes”, ideias mãe codificadas em linguagem logoquímica? Começamos a tratar com estes “poderes-moléculas” da vida (e da morte: porque também há “células assassinas” circulando em nosso próprio sangue). Já não vivemos em um mundo de imagens, mas de “poderes”: radiação ultravioleta que se infiltra pelo buraco de ozônio, chuva de neutrinos que atravessam nosso corpo sem que nos demos conta, vírus assassinos que tomam de assalto a cidadela do homem. Não temos necessidade de ir buscar os mistérios do universo em longínquas estrelas; o universo entrou em nossa própria casa e nossa casa é o universo: *Homo universitas*.

Na vanguarda de insuspeitados acontecimentos

Da “lógica” do pensamento, passamos à “geometria” da vida. Os condutores formados na atual universidade profissionalista não têm resposta para os problemas do homem; dito de outro modo: a ciência que criou o mundo objetivo se mostra insuficiente para governar a força irracional que vem para destruí-lo. Os sinais dos centros de poder não são respostas para “curar” a patologia social e sim, medidas para adaptar-se à enfermidade. Qual é o resultado destas medidas?

Doença de adaptação! De qualquer maneira, caminhando pelo deserto com “vento solar” de frente, animo-me a formular algumas perguntas. Em que direção aponta a seta de sentido? Quais são as funções sagradas do corpo social em gestação? Como responder às leis cunhadas pela inteligência, quando os relógios químicos da vida marcam uma hora diferente? A lógica da “universidade” não pode responder às necessidades de um mundo que se transforma mais rapidamente que os modelos teóricos para compreendê-lo. Pressentimos mais do que podemos dizer.

Talvez, a resposta já não venha do que pensam “os príncipes dos sacerdotes, os escribas, os anciãos do povo” (modernos), mas do que pre-sentiam os alquimistas: “Arnaldo de Vilanova afirmava que existe na natureza, uma certa substância pura que, descoberta e aperfeiçoada pela arte, poderia converter em *si mesma*, todos os corpos imperfeitos que tocasse”, diz Juan Cuatrecasas em *Ramón Llul, médico y filósofo*. E é o que pressentimos hoje, ao chegarmos aos confins do tempo. Mas, com uma diferença:

A “substância pura” já não vem do atamor do alquimista, mas do colapso de uma estrela.

Homo universitas não é:

Uma corporação de sábios,
um concílio de sacerdotes,
uma assembléia do povo.

Homo universitas é:

Uma *arkha* que vem
desde além do horizonte e
desde aquém do tempo.

Mas, para que vem?

Vem para Transmitir à humanidade o mesmo “gene sagrado” que sempre foi transmitido, ainda nas épocas mais

obscuras da história; vem para entregar a mesma “pedra preciosa”, a mesma “substância pura”, o mesmo “pão”, o mesmo “mercúrio filosófico”: para ter vida, para que o homem não seja somente carne, não somente máquina; vem para dar a “palavra viva” a quem quiser recebê-la: a palavra que conecta os mundos, o poder que estende a ponte entre a Árvore do Conhecimento e a Árvore da Vida, o amor que enlaça a luz das estrelas com o sangue do coração.

Uma pausa:

Ao explorar estes estranhos caminhos do conhecimento e da vida, dou-me conta de que chego a certo ponto e não posso avançar: o corpo marca um limite. Há uma fronteira crítica, na qual o pensamento se detém; não se trata de uma barreira lógica, epistemológica: o “corpo” diz *não*. Tenho que deter aqui a caminhada, tudo se torna escuro: a luz da inteligência cai em um abismo de sem-sentido; é algo mais que angústia existencial: é tempo do corpo. A matéria tem seu próprio tempo para assimilar as ideias: para in-corporar a luz.

Homo universitas irrompe como matriz generativa da

Nova Escola.

A escola atual está em crise: os jovens já não têm interesse em um conhecimento que se tornou estranho à vida. A rede informática em escala planetária transformou a escola moderna em uma gigantesca Biblioteca de Alexandria (ainda que fosse melhor dizer: em um hipermercado, onde tudo está ao alcance da mão). Talvez, as novas gerações de estudantes tenham já um novo cérebro (rede neural correflexiva), mas continuam morrendo por falta de vida.

TRANS-MISSÃO GEN-ÉTICA

Tento tornar audível o Silêncio dos caminhos invisíveis.

Se entendermos por re-construção do Templo, a plasmação do In-pulso originário da Revelação na matéria da Obra, surge de imediato uma pergunta: qual é o Caminho, o modo de Transmissão? É algo mais que teoria da comunicação: não só código da Mensagem, mas função-missão dos Mensageiros.

Trans-missão gen-ética, enquanto “pegadas” dos “mensageiros do Templo” nas rotas do tempo, é chave simbólica de acesso à grande corrente de energia cósmica que “conduz e guia” as funções sagradas da vida: “ressonância” da Palavra na matéria do homem. Esta “ressonância humano-divina” marca uma mudança qualitativa na fisiologia de nosso corpo físico e imprime novo significado às funções do corpo social.

O que até agora chamamos de “obra de re-construção do Templo” é, ao mesmo tempo, alquimia de transmutação do “Corpo”.

Se, por algum grave acidente cósmico-social, as moléculas da vida não pudessem reconhecer os sinais orientadores da Língua Mãe (isso já está ocorrendo com as doenças de autoimunidade), os seres humanos ficariam transformados, já não em estátuas de sal, mas em figuras de pedra. Os *Mohai* da ilha de Páscoa são testemunhos silenciosos da catástrofe de uma antiga raça: quando um “gene sagrado” se perde, vem a doença da carne, a morte da alma, o desmoronamento de toda uma civilização. Nós hoje, na crista da onda da era técnica, ao mesmo tempo que avançamos velozmente pelos caminhos da engenharia genética e da conquista do espaço, começamos a pressentir um “estado crítico” da matéria social, onde o voo de uma mosca no golfo do México pode desencadear um tufão no mar do Japão.

A chamada “teoria de catástrofes”, criticalidade auto-organizada, efeito dominó, não pertence ao domínio de anúncios apocalípticos do fim dos tempos, mas vem avalizada por estrita experimentação científica: todos os sistemas interativos evoluem em direção a um estado crítico, uma fronteira perigosa, na qual “o voo de uma mosca” provoca uma catástrofe: seja um terremoto, o colapso de um sistema ecológico, uma estrutura fisicoquímica dissipativa (Prigogine e sua escola), uma queda estrepitosa da bolsa de valores, um crime aberrante.

Quais são alguns destes “sinais anunciadores”, quando nos detemos para ouvir a mensagem das correntes profundas da vida?

- Rompeu-se o antigo pacto com a natureza (Monod): catástrofe ecológica.
- Foi quebrantada a racionalidade do pacto social; foi negada a lei primeira (“Los hermanos sean unidos”); a solidariedade orgânica da sociedade humana foi substituída por burocráticas instituições chamadas de “segurança social”: é o “fim do social”, em termos de Baudrillard (o homem se tornou estranho para o homem).
- Foi esquecido o pacto religioso originário: ainda os irmãos de uma mesma crença já não se reconhecem pelo espírito da fé.

E, como se tudo isto fosse pouco, começamos a perceber perigosos sinais de “catástrofe de funções” nas próprias raízes de nossa biologia molecular: não só colapso do cérebro por doenças degenerativas (Alzheimer), não só assalto de bactérias e vírus assassinos, mas também destruição orgânica por potenciais “células assassinas” do próprio sangue que, de repente, desconhecem os tecidos do próprio corpo e se lançam contra eles com fúria devoradora (enfermidades

autoimunes). Em poucas palavras, o *Homo sapiens* vem perdendo posições no planeta.

Todos estes “sinais” que enumerei sucintamente, “sinais anunciadores” (que anunciam não o que vai vir, mas o que já chegou) nos aproximam de uma fronteira perigosa: “estado crítico” da matéria, onde a vida se torna estranha à vida. É o poder da Sombra que nos desafia a combater, em desigual batalha, pelo todo ou pelo nada.

Guerra *arkhetípica* no “Corpo”!

Os deuses se retiraram! Lembrei-me da tremenda advertência bíblica: “Não permanecerá para sempre meu espírito no homem porque não é mais que carne” (Gên. 6:3). Os teóricos da “criticalidade auto-organizativa” falam de “ruído de flutuação”. E nós, que também ouvimos por dentro ameaçadores sinais, tomamos consciência de que cada vez necessitamos de mais “próteses”, mais “artifícios”, mais “simulacros” para sustentar a realidade de um templo que vem abaixo. Qual é o real perigo que percebemos? Já não é o avanço do materialismo dialético, a ditadura do proletariado, a sociedade das formigas (que já existe) ou a sociedade dos poetas mortos (que também existe). Além do horizonte que hoje nos é oferecido como esperança pela revolução tecnológica, uma Sombra vem a meu encontro e exclamo com A-sombro:

Se se interrompesse a cadeia de Trans-missão
Gen-ética, a própria Terra poderia ficar
convertida em cemitério da raça!

Trans-missão gen-ética?

Muitos ainda continuam acreditando que, o que hoje chamamos de “crise global” é de natureza fundamentalmente econômica, que – com um novo pacto político entre as nações, novo pacto financeiro da banca mundial, inversão de capital de risco nos países em desenvolvimento, transferência de tecnologia, segurança social, repressão do delito – com

tudo isso, não só sairíamos da crise, senão que entraríamos em uma nova era de crescimento econômico e justiça social.

No entanto, tudo me faz pensar que o porvir do homem – entendido esse “porvir” no sentido de real transcendência espiritual (“para que não continue sendo nada mais que carne”) – depende de que não seja interrompida a cadeia de trans-missão do “gene” sagrado da vida. Mas, antes de seguir adiante, voltemos à pergunta.

Que alcance damos a isto que chamamos de “Trans-missão Gen-ética”?

- Há uma “transmissão genética” muito bem estudada pela biologia molecular: transcrição e tradução da mensagem codificada no código genético (ADN) em proteínas funcionais da vida: neste nível, qualquer erro na posição de um aminoácido é fatal (doenças metabólicas, genéticas).
- Há uma “transmissão informática”: circulação eletrônica da informação, em escala planetária. Aqui, um “vírus informático” pode fazer cair o sistema.
- Há uma “transmissão oral”: valores, ideias, concepções do mundo, que se transmitem de mestre a discípulo, de uma civilização a outra, de uma raça a outra, de um idioma a outro. O erro, a omissão, o esquecimento de um padrão cultural também é fatal: a mensagem dos pressocráticos foi mal traduzida; a palavra de Sócrates, mal interpretada; os ideais de liberdade, igualdade, fraternidade, traídos mais de uma vez.
- Há uma “transmissão religiosa”: pelos sacramentos, pelo rito, o dogma, o livro sagrado. Qualquer desvio, interpretação arbitrária ou corrupção da revelação de origem também é fatal: a doce palavra do Nazareno termina nas câmaras de tortura do Santo Ofício; o espírito da Torah, nas interpretações dos talmudistas.

E há uma “Trans-missão Gen-ética”!

Já não falamos aqui, pura e simplesmente, de valores e sim, de “bens”; não só de intercâmbio de bens materiais, culturais, sociais, mas de “circulação da luz”; nem sequer falamos somente da terra, mas do “sal da terra”. Para além dos erros (*errare*) de transmissão, há algo essencial que permanece: a corrente de energia sagrada que fecunda a matéria. Esse “algo essencial”, esse “sal da terra”, esse “rio de fogo” pode manifestar-se à luz do dia, nas épocas heróicas da história, ou pode permanecer oculto (nas épocas obscuras), mas sempre *é* custodiado zelosamente pelos guardiães do Templo.

Mas, por que falamos de “Trans-missão Gen-ética” e não simplesmente de Transmissão espiritual? Porque, se bem que a ideia de Transmissão espiritual leve em essência o potencial genésico do Verbo, na cultura materialista e pragmática de nosso tempo, o que chamamos de “espiritual” costuma ficar reduzido a relatos míticos, símbolos arcaicos, metáforas literárias, princípios metafísicos, sensibilidade artística, intuições da alma. Não é que tudo isto não tenha valor, mas quase sempre, esses valores ficam flutuando no ar, como ideais abstratos, sem enraizamento na vida: a poesia continua sem encarnar na história (como diria Octavio Paz) e o Evangelho fica como promessa espiritual, mas sem fazer-se carne no homem.

A verdadeira “Transmissão espiritual” é uma corrente de “Trans-missão Gen-ética”, que não só transmite uma ideia, um sentimento, uma fé, mas um “gene sagrado”. Há uma herança da carne e uma herança do espírito, mas não de um espírito ideal ou virtual e sim, de um “espírito feito vida”.

Por analogia com a genética molecular, o Código Gen-ético da Mensagem espiritual se trans-screve em “mensageiros”: portadores, custódios, missionários, cuja missão (trans-missão) é proteger os caminhos que levam à Terra Santa, para que circule por eles livremente o fogo sagrado da vida (“para que o homem chegue a ser *algo mais* que carne”).

Ao chegar a este ponto, e antes de seguir adiante na elucidação deste Caminho que chamamos de “Trans-missão Gen-ética”, talvez convenha retrair-nos uma vez mais sobre nós-mesmos, como pro-cura de um contato real e efetivo com o Sopro primigênio que confere significação essencial à palavra – e evitar desta maneira, que nossa palavra se afogue em um mar de palavras.

Trans-missão Gen-ética é “transmissão da palavra que conduz e guia”. Mas, o *quê* conduz e para onde guia?

Heidegger, em seu *Unterwegs zur Sprache*, ao explorar o caminho da fala, cita o seguinte parágrafo, de um poema tardio de Stefan George, “A Palavra” (1919):

Um dia cheguei de feliz viagem
com jóia delicada e rica.

É a posse real e efetiva de algo valioso que se transmite. O Evangelho o diz de outro modo: “Toma, este é meu pão...”.

Esse “algo valioso”, que se transmite por canais invisíveis, é um *fermento de vida*. Se esse “fermento” (*gene sagrado*) não for recebido, ou se for recebido e não for transmitido, ou se for recebido e for mal transmitido (desviando seu curso ou desvirtuando o sentido) – em poucas palavras, se a energia sagrada, destinada em princípio a elevar a vida, não for utilizada (por surdez espiritual, por apatia) ou se for retida em benefício próprio (para ter mais, para consumir mais) – encontramos, de repente, com uma “carência”: algo valioso se perdeu. E vem o envelhecimento e a degradação da vida. A biologia molecular nos diz que a “morte da célula” se produz por “acumulação de erros” e “esgotamento de uma reserva enzimática não renovável”.

Alguma vez nos perguntamos quem custodia essa *reserva enzimática não renovável*? Hoje, no “fim da história”, encontramos com “falhas metabólicas”, “enfermidades sociais”, “paralisia evolutiva” (os coxos, cegos e paralíticos do Evangelho) que nos aparecem como áreas inteiras de

tecido social que ficaram fora do circuito de circulação da luz.

Mas, de repente, surge ante nosso olhar o resplendor da *Mensagem* e a dignidade dos *mensageiros*.

Quem são os “mensageiros”?

São aqueles que levam em sua mão a “jóia delicada e rica”, o “pão espiritual”, o “gene sagrado” (“enzima não renovável”): ultraelemento “catalítico” indispensável para pôr em movimento as transformações *fundamentais* da vida. E aqui, convém fazer um parêntese, antes de prosseguir. Para povoar a Terra, é suficiente a “transmissão genética” (ADN e ARN mensageiro). Para a produção industrial em grande escala, é suficiente a “transmissão informática” (seus códigos telemáticos, seus robôs, suas redes de comercialização). Para a organização política do Estado bastam as Constituições, os códigos jurídicos, a normativa social: “transmissão do espírito das leis”. Para a “transmissão cultural” bastam as escolas, as universidades, a Internet. Porém, para assegurar a “transmissão “ de funções sagradas da vida, requere-se “outro” código e “outros” mensageiros. Não basta unicamente a genética nem unicamente a ética, requere-se uma “gen-ética”: função de *enlace* (até agora pouco conhecida) entre os valores da alma e a química da vida, *salto qualitativo* na organização da matéria.

Da filosofia política, passamos à gen-ética social. E voltamos à pergunta:

Quem são os “mensageiros”?

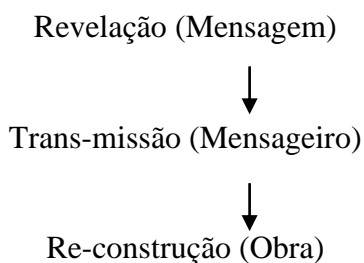
Não só os grandes, também os pequenos!

Em gen-ética social, “mensageiro” não é só uma figura mítica, um símbolo cosmogônico (Mercúrio, “mensageiro dos deuses”), um herói arquetípico (Jasão, em busca do velocino de ouro), um guerreiro libertador, um “santo da espada”, um rei prudente, um pontífice sábio. Dizer aqui “mensageiro” é remeter-nos a uma função essencial da vida, a uma missão: trans-missão da Língua Mãe. Para além da linguística, da informática, da filosofia da linguagem, da

dialética da história, há um “fogo sagrado” que circula pela árvore da vida.

Nem todos podemos ser santos, sábios ou heróis, mas sempre podemos ter uma “palavra de honra” para colocar como testemunho, no grande drama da vida e da morte. Ser-mensageiro! O *I Ching* fala do “nobre”: o mensageiro que traz a palavra com o ingresso da luz e que se retira (para custodiar o princípio) na época obscura. À medida que esta “consciência de trans-missão” se vá incorporando à vida das gerações vindouras, iremos vendo mudanças significativas no cenário do mundo: não só será dado um novo impulso ao desenvolvimento social e espiritual dos povos da Terra, senão que, ao mesmo tempo, será quebrado o isolamento cósmico do homem.

À medida que avança a noite do mundo, tratemos de pre-sentir (antes que seja demasiado tarde) as “protoformas” já concebidas (porém, ainda não nascidas), da civilização que vem. Trata-se de intuir a gênese de “funções”, “ofícios” e “ferramentas” que configuram o tecido orgânico da sociedade futura: in-pulso da alma que nos leva, uma vez mais, ao caminho percorrido pela Palavra, ao transformar-se em Obra. E, já no caminho, vejamos uma primeira con-figuração da consciência que sai a nosso encontro.



Três aspectos, três fases, três momentos de um Mesmo sopro criador, de um Mesmo campo de força, de uma Mesma geometria da vida. Em outras palavras, o *fiat* bíblico, o canto das “Musas” na teogonia hesiódica, a linguagem das

“moléculas mensageiras” que traduzem a mensagem codificada do ADN nas diferentes proteínas do organismo, são outras tantas formas, ritmos e medidas de uma Mesma energia generativa, diferentes palavras de uma Mesma língua, diferentes funções de um Mesmo corpo.

E, retomando a ideia de “Trans-missão Gen-ética”, enfocada agora como corrente nutriz da organização biológica, social e política do mundo por nascer, convém que nos detenhamos um instante para ver, se for possível, como esta atividade do espírito, que chamamos de “Re-construção do Templo”, é transcrita no pentagrama da alma coletiva da humanidade como ritmo, pulso, latejar de um novo

“Corpo social” em gestação

Hoje, fomos desalojados do lar e vivemos como estranhos na casa que foi de nossos pais. Não nos surpreende que Jean Baudrillard, um dos sociólogos com mais penetrante leitura das “estratégias fatais” de nosso tempo de crise, fale-nos do “fim do social”. Não temos “Corpo”. Ou melhor, temos um corpo fragmentado, sem identidade social, um corpo desmembrado. Sem “corpo social” (enquanto sentido orgânico de “corpo”), não há vida social, nem funções sociais, nem instituições sociais, nem sentido de Obra do homem sobre a Terra. Este subtrair-se da “corporalidade social” e sua substituição pela “política social” caracteriza nossa era técnica: leis sociais, segurança social, trabalho social, economia social de mercado, justiça social, solidariedade social, democracia social; todas estas formas de *politeia* (García Venturini) que exibimos hoje (com orgulho), como índices qualitativos de “desenvolvimento social” dos povos (e que, sem dúvida o são) não chegam, no entanto, a substituir a corrente de “bens sociais” que, como água fresca que surge da fonte, dá *vida* a um corpo social unificado. Hoje, temos suficiente conhecimento para interpretar o

mundo, mas nos falta “vida” para transformá-lo; tentamos isso através da filosofia, da ciência, da política e da revolução, mas agora, devemos tentá-lo por inversão do movimento da própria consciência. A revolução social que vem começa a preparar o *germe* desta obra sistemática gigantesca: reversão da força. Giro da “filosofia política” para a “gen-ética social”. Mas, não nos enganemos, cada vez que tentamos dar o salto, uma sombra sai a nosso encontro. Vejamos o que ocorre em algumas destas fronteiras críticas.

Norman Borlaug, batalhador mundial contra a fome, prêmio Nobel da Paz por sua contribuição ao aperfeiçoamento genético do trigo, “pai da revolução verde”, em entrevista no jornal *La Nación* (Buenos Aires, 20 de janeiro de 1996), sustenta que a agricultura é o motivo de crescimento econômico; mas, quando o jornalista Angel Palermo lhe pergunta, se ao produzir mais grãos e mais carne, seriam solucionados os problemas da fome no mundo, o “pai da revolução verde” responde: “Um problema é incrementar a produção – isso pode ser conseguido. Sou pessimista, ao pensar se esse *plus* chegaria aos que mais necessitam dele. Não têm dinheiro para pagar os alimentos e tampouco estradas de ferro ou vias de comunicação para chegar até eles. A distribuição equitativa é um conflito de difícil solução”. Indubitavelmente, tropeçamos aqui com uma barreira de potencial: a sombra dos desamparados do mundo! E vem uma pergunta: o que a técnica, por si só, não pode fazer, poderá fazê-lo a economia?

Economia orgânica do corpo social

Na economia do corpo,
todos têm trabalho
e a seiva do trabalho
circula por todo o corpo.

As teorias econômicas estão em crise. Alcançamos um ponto crítico no desenvolvimento do poder econômico, onde a “riqueza das nações” deriva em “pobreza dos povos”. Nenhum dos sistemas econômicos de nosso tempo, nem a economia capitalista de livre mercado nem a economia planificada do marxismo, deram resposta à necessidade de desenvolvimento da consciência e da vida porque, como diz Mario Kamenetzky, em seus trabalhos sobre “Consciência e Economia”, ambos sistemas se movem dentro “das mesmas estruturas de consciência que deram origem tanto ao capitalismo quanto ao marxismo”: “São estruturas mentais”, diz Kamenetzky, em um número da revista *Relaciones*, “que, em economia, preocupam-se por problemas de preços, receita, tempo livre, produtividade e competitividade, descuidando a qualidade e o sentido da vida individual, familiar e social. São estruturas que puseram o espírito e a natureza fora do ser humano”. Kamenetzky vislumbra o despertar de uma “consciência expansiva”, abrangente, compreensiva, humana, telúrica e cósmica, ao mesmo tempo, que viria substituir (superando-as) tanto a “mão oculta” do mercado (liberalismo econômico), quanto a “mão pesada” do Estado (tipificado no comunismo soviético). E, no final desta reflexão sobre teorias econômicas, damo-nos conta de que voltamos a tropeçar com uma barreira crítica que já não é econômica, mas metafísica: como se passa de uma consciência natural (sociológica, política, histórica), a uma “consciência expansiva” (que estenda a ponte entre o ser, o conhecimento e a vida)?

Na atual escala planetária, os dirigentes políticos, os economistas, os cientistas, os técnicos e também os teólogos, veem-se avassalados pela violenta onda que derruba os castelos teóricos, edificadas sobre a areia. É algo mais que um “desencantamento do mundo”, como diria Max Weber. Trata-se de uma “crise de ininteligibilidade”, que é como dizer que “os poderes que governam os acontecimentos superaram a capacidade intelectual do homem para

compreendê-los”: em escala social, a onda de revolta é cada vez mais difícil de controlar, através da mão política dos Estados nacionais. No entanto, por momentos, escutamos longínquas pulsações de um novo “Corpo” em gestação e pre-sentimos o advento de energias criadoras. Haverá chegado o tempo (recordando novamente Hölderlin) de “passar a balança, do mercador para o anjo”? Mas, eu me pergunto: quem *é* o mercador e quem *é* o anjo? Peter Drucker, destacado economista, diz: a “economia simbólica” (movimento de capital, tipos de câmbio, fluxos de crédito) substitui a “economia real” (fluxo de bens e serviços).

Tentemos penetrar no obscuro labirinto do tempo. Remontando a corrente do rio que desce da montanha, torna-se mais claro para mim o sentido epocal e histórico das “quatro castas”, reveladas na tradição védica: no trono, já não está sentado o sacerdote, tampouco o guerreiro, mas o mercador. Sim, as teorias econômicas estão em crise, mas o mercador continua reinando no mundo. A época técnica que vivemos está subscrita (na consciência coletiva) por um “pacto secreto com os mercadores”. Em um número de *Le Monde Diplomatique*, Ricardo Petrella fala das “novas Tábuas da Lei, de um novo Evangelho”. E particulariza “seis mandamentos”, consignados nestas “novas Tábuas da Lei”, que são outros tantos artigos de fé:

1. *Mundialização* das finanças, capital, mercados, empresas (preceito que se transmite como inevitável e imprescindível).
2. *Revolução científico-tecnológica* (o mandato é adaptar-se ou perecer).
3. *Competitividade* (se não és mais competitivo, outro será – e serás eliminado).
4. *Liberalização* dos mercados nacionais.
5. *Desregulação*.
6. *Privatização*.

Em resumo, de acordo com Petrella, “a lógica destes seis mandamentos não é a criação de empregos e trabalho para todos, mas exclusivamente a busca de novas fontes de lucros”. Até aqui, a crítica ao reino dos mercadores (René Guénon diria “reino da quantidade”); porém, esse “reino” não tem, acaso, uma *função* na dialética da Grande Obra (“o que tens que fazer, faze-o logo”)? A terceira casta, os “mercadores” as forças ocultas do “mercado”, marcam a direção da história. Para onde? Não sabemos muito bem! Mas, e a “expansão de consciência” (da qual fala Kamenetzky) e a “ditadura do proletariado” e a “teologia da libertação”? A nova consciência começa a medir sua verdade com um poder que supera a medida do homem. A gestação do novo “Corpo” unificado não vem somente por uma ideia luminosa que quer encarnar na história (“a poesia não encarna na história”, Octavio Paz), mas por um sacrifício (hoje, em escala global, em escala de “mercado”) que prepara condições para um novo advento.

Advento dos mensageiros que preparam a nova idade do mundo

Alguns já vieram
e foram sacrificados!

Ainda não tomamos consciência do que realmente ocorre no mundo. O poder de sedução dos “meios” (e a mensagem subliminar de “salvação” que a tecnologia transmite) nos ocultam o rosto do poder “real” que nos ameaça. E preferimos a adaptação ao meio (“enfermidade de adaptação”) à consciência desta “nova guerra de liberação”, à qual muitos são chamados (para o sacrifício) e poucos os escolhidos (para a parusia).

Porém, voltemos ao tema do “sacrifício dos mensageiros”. Herodes havia-se dado conta de que seu reino perigava: não

devia ficar um vivo e foi ordenada a matança. A mesma ordem foi dada na Plaza de las Tres Culturas (Tlatelolco, México), em Tiananmen, na serra boliviana, nas ruas de Buenos Aires... e se dá agora, como “leis de mercado”, “mandamentos das novas Tábuas da Lei”. Quebrada a primeira vanguarda da revolução social, já não é tão fácil expulsar os mercadores do templo.

O templo continua ocupado: porque agora, nós mesmos *somos* os mercadores. Nós mesmos assinamos o “pacto” com o mercado: tanto os que acreditam no mercado, quanto os que não acreditam. Expulsar o mercador que temos dentro não é fácil, porque esse “mercador” *é* a balança de nossa própria mente: instrumento que pesa, mede e calcula tudo o que passa diante dos olhos, tudo o que cai nas mãos; o problema já não é econômico, mas humano-estrutural: o que equivale a dizer, que não estamos preparados (estruturalmente) para viver e para ser em um corpo social solidário. Tratarei de explicar-me.

Chamou minha atenção que a *Enciclopédia Britânica* dedicasse um de seus folhetos de atualização, à medicina cubana: “medicina para todos” (1994). Aqui se quebra um dos mandamentos fundamentais das Tábuas: a “privatização” (a empresa privada ao cuidado da saúde). Termina a medicina como pacto econômico (que discrimina: os que podem pagar e os que não podem) e nasce a “medicina para todos”, como função solidária do “corpo” social. De qualquer maneira, fica muito por fazer. No que chamamos de “funções sociais”, não só a saúde, mas também a educação, o trabalho, a segurança, a justiça. Falta uma “teoria” que nos permita passar da política de “direitos sociais” a uma gen-ética de “bens intrínsecos”. Só direito a uma medicina para todos ou responsabilidade individual para gerar saúde? Direito a um “salário digno” ou vontade de participação na Obra? Direito à “segurança social” ou quota de sacrifício adiantado para responder como “corpo social” à patologia do genoma humano? Pelo quê vamos lutar? Pelo direito de todos a

receber benefícios sociais? Ou pelo dever de todos, de transmitir “bens sociais” para todos?

Em síntese: “direito social” ou Obra social (Obra com maiúscula)?

Se privarmos o homem de “funções sociais” (por mandato das “novas Tábuas da Lei”), não haverá mais que “declarações” (com minúscula) de supostos direitos sociais que não podem ser respaldados na prática da vida social.

À medida que as “grandes corporações”, fiéis aos mandatos das “Tábuas”, vão sugando a “mais-valia” dos sobreviventes, o Corpo social languidesce, vai ficando sem defesas. Já não assistimos somente ao “ocaso dos deuses”, à “decadência do Ocidente” (Spengler) ou ao “fim do social” (Baudrillard), mas ao “fim do corpo”. Não é a primeira vez que um “corpo” fica fora da história: conhecemos restos fósseis de civilizações e organismos que tiveram seu esplendor. A interrupção da cadeia de Trans-missão Genética foi fatal para a civilização moderna: perdeu-se um “elo sagrado” no caminho da história. A antropologia evolutiva procura afanosamente o “elo perdido” com o reino animal, mas a gen-ética social necessita, para desenvolver as novas funções, re-descobrir esse outro *elo perdido* (“gene” sagrado, “enzima” de transcrição, “mensageiro” humano) que faça possível a Re-construção do Templo.

Ao chegar a este ponto, surge uma pergunta que já faz tempo que teríamos de haver formulado: o que tem a ver a Re-construção do Templo com a “organização social”?

Porque o Templo é o Código de sentido do Corpo social (voltamos ao “coração sagrado do povo”). E esse “coração sagrado” não pode ser substituído pelo coração mecânico do mercado. Esta “ruptura da tradição” (entendendo “tradição” por trans-missão da palavra fundamental) já não se arruma com um novo pacto político, um novo contrato social, um ecumenismo religioso.

O ano 1945 foi chave. Primeira explosão atômica: sinal pro-fético. Havia sido aberto o recinto atômico da matéria: o

antigo “Corpo” chegava a seu fim. Uma esplendente luz quebrou a noite do mundo; mas, como diria o evangelho de João: “Iluminava o mundo e o mundo não a conheceu”. Veio outra mensagem e falaram outros mensageiros, a mente lunar coletiva se interpôs entre o novo sol e os recém nascidos: e houve eclipse sobre a Terra.

Não existe mensagem sem a palavra do mensageiro. Porém, hoje nos perguntamos: onde estão os mensageiros?

Nós não nos havíamos dado conta, mas os sensores do sistema, muito mais astutos, detectaram a onda profética como força subversiva e ordenaram “aniquilá-la”. Não era a primeira vez, já o dissemos: por medo de que a palavra generativa pudesse infiltrar-se entre os súditos do império, Herodes decretou a matança dos inocentes. E a história se repetiu: os padres operários foram retirados pela hierarquia eclesiástica, o Che foi fuzilado na Bolívia (e lhe cortaram as mãos), também cortaram as mãos de Perón e houve mutilados e desaparecidos.

E agora, quando o claro (“Mais brilhante que mil sóis”, na exclamação de Oppenheimer) se tornou mais escuro que o escuro, voltamos a perguntar: onde estão os mensageiros? Não estão! A onda pro-fética se retraiu sobre si mesma, o signo se inverteu: Trans-missão inversa. Quando as condições externas se tornam adversas, quando já não há nada que dizer porque não ficou ninguém para ouvir, o mensageiro (o *nobre*, como o chama o *I Ching*) se retira, não por covardia, mas para custodiar o “princípio”, o “gene sagrado”. O Evangelho o diz de outra maneira: “Se não vos receberem ou se não escutarem vossas palavras, saindo daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó de vossos pés...” (Mt. 10:14): a corrente de energia sagrada que sustenta por dentro o Corpo Social inverte seu sentido e volta ao Templo, ao seio da Mãe, ao Coração do Povo e o que se havia tornado claro retorna ao mais escuro que o escuro (Re-velaçãoRe-velada).

São “outros” poderes (outros mensageiros) os que entram no mundo, quando foram apagadas as luzes do cenário da história! A própria natureza da guerra é diferente. Mas, ainda não nos demos conta da inversão de signos e continuamos lutando com as velhas armas: mais repressão, mais cárceres, mais hospitais, mais vacinas, mais próteses, mais endividamento, mais desemprego, mais sedução.

Os mensageiros se retiraram!

Voltei a ficar só.

Olho para cima: enigmáticos sinais.

Olho para baixo: “a serpente se oculta na erva”.

A retirada dos mensageiros é fatal: “Pai, por que me abandonaste!”. Aqui, não só cai uma ideia, uma imagem do mundo: cai uma proteção. De repente, ficamos *expostos* a uma escuridão tangível. Por que digo “tangível”? Tratarei de explicar-me. Eu havia conhecido uma “escuridão sensível” (noite escura da alma), mas agora, a escuridão era “tangível”, tocava-me de perto, penetrava em minhas próprias entranhas: “noite escura da matéria”. Passaram-se muitos anos, sem que pudesse compreender absolutamente nada: só um desfile de sombras! Mas, um bom dia, de repente, tudo se fez claro: na escura noite, havia sido *gestado* um “novo ser”. E, desde este novo “estado”, com olhar inocente, voltei a contemplar o mundo:

A terra estava seca.

Os mensageiros do céu já não estavam.

Eu mesmo era mensageiro!

Esta consciência de *ser* mensageiro me deslocou por completo: inflação da personalidade? Delírio místico? Miragem do deserto? Ou algo realmente novo havia nascido em mim que ainda não sabia como nomear?

A terra estava seca, sim: povos massificados pelo empirismo racionalista, o imperialismo político, a sedução do mercado, a usura financeira, a filosofia de bem estar e consumo. Os mensageiros que traziam a água da fonte já não estavam. Mas, eu não estava só. Nos laboratórios secretos do planeta, milhões de seres humanos experimentavam tremendas pressões, com alto risco: os responsáveis pelo programa espacial da União Soviética “temiam que Yuri Gágárin, o primeiro astronauta (1961) enlouquecesse, devido à falta de gravidade e à solidão espacial”, segundo informou a agência EFE, a 28 de fevereiro de 1996. Não passaria muito tempo, até que milhões de seres humanos entrassem no exílio em sua própria terra e que muitos realmente enlouquecessem por falta de gravidade existencial e solidão social. Porém, alguns sobreviveram (sobrevivemos); fomos estrangeiros no mundo, mas trazíamos na mão a preciosa jóia: nós a havíamos incorporado.

Individuação da matéria!

Dar um rosto à pedra.

Não se trata de uma ideia, um conceito, uma teoria da ciência, uma filosofia dos valores. Trata-se de algo “vivo”, algo que *é*, que sou *eu mesmo*, mas que, quando quero nomeá-lo, dar-lhe um nome, isso mesmo que *é* me diz que *não é*; e isto não é um jogo de palavras porque essa coisa *viva* que “é-e-não-é” adquire plena realidade quando eu a dou, entrego, transmito (trans-missão); e se perde, desvanece-se no ilusório, quando fecho a mão e quero retê-la para benefício pessoal.

“Individuação da matéria” é uma “signatura”, um “bem intrínseco”, que pertence à experiência individual do “mensageiro”: é algo assim como a “marca” que os construtores deixavam gravada na pedra, no Caminho de Santiago. É em virtude do potencial “gen-ético” desta

experiência de individuação que a obra do mensageiro fica inscrita no Corpo da Obra. Esta “individuação da matéria” é o “*opus* místico-alquímico” que caracteriza os “ofícios”, “funções” e “ferramentas” do Corpo social em gestação; diferentemente dos “operadores” do antigo sistema que só transmitem (e podem fazê-lo com precisão tecnológica) os valores cunhados por uma raça, uma civilização, uma ciência, uma religião.

A trans-missão deste “imponderável” irá adquirindo cada vez mais importância, à medida que nossa sensibilidade vá descobrindo (por interpenetração de estados) a diferença vibratória entre o vivo e o morto: porque boa parte da terra está seca e muitas coisas que brilham estão mortas. A tecnologia informática de multimídia nos aparece como a grande conquista intelectual da mente humana: mas, não só de informação vive o homem. Sempre foi (e *é*) a palavra viva, a ensinança oral, a trans-missão sagrada, a que deu (e dá) sentido de vida aos povos da Terra. E sempre houve (e há) *custódios-mensageiros* que “custodiam e transmitem” este “gene” sagrado para que não se apaguem as lâmpadas do Templo.

Custódios-mensageiros

Em tempo de penúria, na noite do mundo moderno, os “custódios-mensageiros do Templo” vão de casa em casa, levando na mão a palavra-silêncio que sustenta o fogo da vida. Quem são, que nome têm? Hölderlin tipifica a estirpe destes mensageiros, em linguagem poética:

São como os sagrados sacerdotes do vinho
(Dionísio)
que, de terra em terra, peregrinavam na noite
sagrada.

Mas hoje, no mundo-sem Deus de nosso tempo, podemos reconhecer as pegadas destes divinos mensageiros? “Pelos frutos os conhecereis”, diz o Evangelho (Mt. 7:15). Mas, quais são esses frutos? Trata-se de “bens intrínsecos” ao ser, ao conhecimento, à vida; não só valores ideais, mas bens reais: materiais e espirituais; não só transcendência da alma para entrar no luminoso reino dos céus, mas moléculas da vida para redimir a matéria escura da Terra. Da filosofia política, passamos à gen-ética social. Vejamos algumas destas funções de “transfiguração” que pre-figuram a carta humanográfica do por-vir.

Uma criança que nasce!

Só o resultado de uma sexualidade mecânica, uma combinação de genes ao azar? Ou um pai e uma mãe que se re-unem em um rito sagrado de amor, como “mensageiros” de um sinal dos deuses?

Um ser humano que morre!

Só “morte cerebral”, parada cardíaca, fim da história, “morto o cão, acabou-se a raiva”? Ou uma alquimia de transmutação da experiência da vida, um “mensageiro humano” que leva ao reino dos deuses ultraelementos destilados da matéria?

Um professor de escola!

Só intermediário de informação, presença silenciosa na “sociedade dos poetas mortos”? Ou voz que pré-anuncia o canto dos não nascidos?

Um trabalhador manual!

Só um assalariado, mão de obra barata que equilibra (desde o desamparo) a derrocada da “sociedade opulenta”? Ou “mensageiro” da nobreza do trabalho, da dignidade do ofício, do suor da frente?

Um médico!

Só um técnico reparador de funções danificadas por ignorância, por perversão do sistema de vida? Ou “médico-

sacerdote” que, como “mensageiro” de antigos mistérios, leva em suas próprias mãos a pedra preciosa e a água da fonte?

Um juiz!

Só um magistrado de carreira, um intérprete do direito codificado? Ou um “mensageiro” da Justiça?

Um guerreiro!

Só um oficial das forças armadas que ficaram hoje sem “hipóteses de conflito” e relegadas a poder policial de repressão, contra seus próprios povos? Ou assumindo novamente a função de guerreiro sagrado (como Arjuna na guerra do Mahabharata) que, quando cresce a opressão e a injustiça, ergue-se como “mensageiro de liberação”, à vanguarda de uma guerra ética sem fronteiras, que chama todos os filhos da terra a reverter a força obscura que se oculta na barbárie?

Um sacerdote!

Só um “pastor de almas” (que guarda, guia e apascenta as ovelhas), um “intermediário” da Palavra do livro, um “oficiante” de antigos ritos? Ou um Hierofante de novos mistérios, um Pontífice que renova a Palavra?

Funções nascentes que sempre *foram* e *são*: fundamento espiritual, metafísico e gen-ético de uma nova humanidade.

Uma reflexão:

A chave da revolução que vem não é Informação: é Transmissão. Não é a ciência explicando o homem, mas o homem dando testemunho de si mesmo: trans-missão do sentido do humano. E, se bem que o sentido do humano possa ser transmitido “com” a linguagem da ciência, da filosofia, da religião, sinto que também pode ser transmitido “sem” palavras, desde o silêncio e o sacrifício: onde morrem as palavras da ciência, da filosofia e da religião.

VI. COMO RAIOS QUE MURALHA PARTE!

*É o cajado de Moisés
que fere a rocha do Horeb.*

*É a lança do soldado romano
que atravessa o costado de Cristo.*

*É a espada de Alexandre
que corta de um só golpe o nó górdio.*

*É o laser do Deus desconhecido
que hoje quebranta nossos sonhos.*

PONTE GEN-ÉTICA

ENTRE A ÁRVORE DO CONHECIMENTO E A ÁRVORE DA VIDA

Outro início. Outra função. Outro destino.

O homem do Quarto Reino, dos quatro pontos cardeais, dos quatro elementos, da geometria quadridimensional de espaço-tempo, este homem enraizado na química do carbono de quatro valências só pode ver as sombras do mundo que foi: vê a muralha que se parte, mas não pode ver o Raio que a partiu. Algo disto me faz recordar a visão de Dante à entrada do Purgatório, mas não vou falar aqui da “entrada” no Purgatório e sim, da “saída” do Egito. Tentarei guiar-me, não pela aparência dos fatos, mas pela voz da alma dos fatos.

Divino nascimento

Outra estrela marca o rumo aos peregrinos da Terra: não me refiro a um sol que ilumina, mas a uma criança que nasce³. Vivemos uma hora de divino nascimento, mas nossos olhos, acostumados à escuridão da caverna, não conseguem reconhecer a presença que se oculta por trás do véu.

A resposta aos problemas fundamentais de nosso tempo já não vem pela palavra dos doutores da lei, mas pelo “canto” dos recém nascidos. Dito de outro modo, a “chave” para a Re-construção do Templo não é uma nova ciência do homem,

³ No original em espanhol este subtítulo seria “Divino *alumbramiento*”, palavra que, nesse idioma, pode significar tanto *iluminação*, quanto *nascimento*, *parto*. (N.T.)

mas um novo código da vida: Nascimento essencial, que antecipa os traços fundamentais da era por-vir.

Porém, o que é esse Nascimento/Iluminação?

A tradição espiritual da humanidade simboliza o nascimento das ideias mãe que marcam o princípio e o fim das idades do mundo, com

o nascimento de um Deus: Krishna, oitavo avatar de Vishnu, nasce por imaculada concepção, de sua mãe Devaki e leva aos homens uma mensagem de liberação; Cristo nasce também de Virgem-mãe: “Deu à luz seu primogênito, envolveu-o em fraldas e deitou-o em um presépio” (Lc. 2:1). Tudo isto é maravilhoso, mas não confundamos as imagens, as alegorias, os símbolos, com o *acontecimento* real e efetivo de um divino nascimento/iluminação na noite do mundo.

Fermento na massa

Ontem, guiados pela Estrela, vieram os magos adorar o menino e, “abrindo seus cofres, ofereceram-lhe como dons, ouro, incenso e mirra” (Mt. 2:11). Hoje, guiados pela Mesma estrela (mas, em outro cenário histórico) vêm os sábios-místicos entregar ao recém nascido os frutos da Árvore do Conhecimento e os dons da Árvore da Vida. Mas, quem *é* o recém nascido? Se pergunto *quem é*, digo “não sei”. Mas, se pergunto *como* vem, animo-me a responder: vem como “fermento na massa”.

O portador da ideia mãe não vem hoje como predador e sim, como “levedura” que transforma e eleva a massa. Cristo diz a seus discípulos: “O reino de Deus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e joga sobre três medidas de farinha, até que a massa fermenta toda” (Lc. 13:21); e, em outra passagem, faz-lhes uma advertência: “Guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes” (Mt. 8,15).

Hoje como ontem, nas fronteiras do tempo, o raio do céu ressoa na matéria terrestre como as trombetas de Jericó, mas há muitos que têm ouvidos e não ouvem. Em troca, os custódios da “sociedade de massa” (que “faz massa”, como diz Baudrillard), esses *sim* ouvem e puseram seus sensores em estado de alerta máximo; a consigna é categórica: aniquilar todo “fermento” que possa induzir a uma transformação “perigosa” da massa; expulsar do sistema todo sinal anunciador de mudança radical; talvez possa ser aceita uma parte da mensagem nova, mas é preciso disfarçá-la com atraentes vestes, para que passe inadvertida; e o mais importante: é preciso oferecer sempre novos produtos de consumo, novas filosofias de esperança: o “mercado” é a mãe de todos e trará bem estar para todos.

Herodes ordenou a matança dos inocentes, mas não pôde aniquilar o “fermento” que já havia penetrado no coração. E hoje, em outra volta do tempo, ocorre o mesmo, ainda que sejam outros (os mesmos) personagens históricos. O “fermento dos fariseus” e o “fermento de Herodes” também decretaram a matança de milhões de “inocentes” (por razões de economia de mercado, política de segurança nacional, tecnologia de salvação), mas não puderam aniquilar a mensagem que se havia adiantado ao tempo: antes que as hostes de Herodes viessem para torturar a carne dos recém nascidos e arrojá-los em tumbas sem nome, muitos se haviam retirado ao deserto para temperar as cordas da alma e morrer de morte mística. E voltaram: não é um, são muitos.

O “fermento” já não está entre nós: está *em* nós. Mas então, quem é este “fermento” privilegiado que vem transformar a massa e que escapa à astúcia dos “fariseus” e ao poder de Herodes? É um *primogênito* (Gene primordial): ontem foi o “recém nascido, salvo das águas”, o “menino no presépio, adorado pelos magos”; hoje é o Mesmo “gene sagrado” (primo-gene) in-corporado nas moléculas da vida.

Canto de “gesta”

O que vem à luz
não é um novo princípio metafísico,
mas o “canto de gesta” de um recém nascido:
chave de poder espiritual
que parte as águas da vida.

Ruptura da barreira cósmica

Um caminho que se abre, uma porta que se fecha.

A partir de 1945, a casa que habitávamos ficou sem sustento. O mesmo “raio” que partiu o átomo quebrou a estabilidade das moléculas da vida; de repente, o centro de gravidade da consciência ficou deslocado para um chakra mais elevado (de mais alta energia, na escala de funções da Árvore da Vida); enquanto para cima nasciam funções novas, as que ficaram por baixo continuaram funcionando, mas com energia degradada. A Serpente Emplumada, em seu veloz ascenso em direção ao cume do monte, apontava novos caminhos para a evolução do homem. A tradição bíblica, utilizando como analogia um acontecimento histórico, simboliza esse salto evolutivo da consciência como “cruzamento do Mar Vermelho”: epopéia cosmogônica e humana, ao mesmo tempo. “Moisés estendeu sua mão sobre o mar e Yahvé fez soprar sobre o mar um fortíssimo vento” (Êx. 14:1).

A ciência moderna não fala de “raio que a muralha parte” nem de “mão que se estende sobre o mar”, nem muito menos do “fortíssimo sopro de Deus que divide as águas”; fala sim, de “rupturas de simetria”, “transições de fase”, “bifurcações evolutivas”. Porém, o que acontece em meio ao Mar Vermelho? O texto bíblico nos diz que, quando o povo de Israel cruzou o mar, as águas voltaram a se fechar e o exército do faraó ficou preso em meio às águas: duplo movimento de abertura e fechamento (mas o texto só concede

destino histórico ao “povo eleito”: esquece-se dos egípcios). Também os cosmólogos modernos falam de “regiões apresadas”: zonas do espaço cósmico onde a luz é “apresada” por campos gravitacionais da matéria (mas se esquecem da matéria humana que fica presa em “campos antigravitacionais da luz”). O que quero dizer com tudo isso?

Quero dizer que a própria Luz que desce sobre a árvore sagrada Bodhi, o mesmo Vento fortíssimo que parte as águas do Mar Vermelho, o mesmo Fogo que ilumina o Sinai e marca as Tábuas da Lei, o mesmo Verbo que se faz carne e habita entre nós... dito de outro modo, a mesma Força que renova a vida nos caminhos do tempo – “volta” hoje a nós, mas de mãos dadas com “outro” mensageiro. A Revelação espiritual é também a Revelação da ciência, mas não confundamos as imagens, os símbolos, as interpretações objetivas da Revelação, com o próprio “acontecimento” que se Re-vela na matriz espiritual da humanidade. A própria “ideia” de Revelação, tal como foi cunhada pela metafísica do Ocidente, entrou em crise (junto com o pensamento de objetivação do mundo) e, quando hoje nos aproximamos timidamente de querer desvelar o mistério de uma Revelação que pre-sentimos antes de compreender, cuidemos de não confundir a vontade de poder do último homem terrestre, com a consciência expansiva do primeiro homem cósmico.

Ponte gen-ética entre a árvore do conhecimento e a árvore da vida

É “outro” Mensageiro. É o homem cósmico recém nascido, que opera como “molécula mensageira” entre os ramos da Árvore do Conhecimento e a raiz da Árvore da Vida. É o “fermento na massa”. Aqui, o mensageiro *é* a Mensagem: “Raio invisível que quebra a barreira cósmica”. Mas, todas estas formas de linguagem são demasiado

poéticas ou demasiado metafísicas e não chegam a desvelar o terreno, o marco histórico, a natureza da guerra; que é como dizer: não chegam a desvelar o “lugar” e o “como” da irrupção do fogo cósmico na matéria do mundo. Aqui, tropeçamos com uma barreira da mente racional: a “função” do fermento na massa não pode ser esclarecida por explicação e sim, por testemunho (dito de outro modo: não se pode dizer o que *é* o fermento, sem haver-se transformado em fermento: e o fermento simplesmente opera e não necessita de palavras para explicar-se a si mesmo). Esse “outro” mensageiro escapa às categorias do pensamento e às determinações do tempo, mas irrompe no tempo e quebra a continuidade da história: é a estratégia de um “guerreiro sagrado”.

Nas fronteiras do tempo, o “guerreiro sagrado” se mede com o poder dos gigantes

Sempre foi assim nos umbrais de máximo perigo evolutivo: quando o homem está a ponto de conquistar o mundo e perder sua alma; mas o fogo da Alma se adianta ao tempo e derruba o poder dos gigantes. Em épocas remotas que esquecemos, “quando os homens começaram a multiplicar-se sobre a Terra”, “existiam então os gigantes” (Gên. 14). Também hoje, quando acreditávamos haver alcançado o máximo desenvolvimento científico e tecnológico, topamos com os gigantes. Mas, quem são os gigantes?

Homero nos fala de Polifemo: o gigante com um só olho; Hesíodo, dos Titãs; a Bíblia, de Gog e Magog. Os gigantes de nosso tempo têm outros nomes: chamam-se “poder atômico”, “droga”, “AIDS”, “poder financeiro”, “terrorismo”; não necessariamente os grandes poderes, também os pequenos: as bactérias assassinas que desafiam os antibióticos, os “vírus mentais” da sedução, que tomam de assalto a maquina

racional do homem. Hoje, como ontem, trata-se da Mesma vontade de poder para dominar a Terra, mas cada vez entendemos menos a natureza do Poder.

Quando dizíamos que, a partir de 1945, com a liberação da energia atômica, tudo foi diferente, só entendemos “a metade” da fórmula. Sim, veio a revolução tecnológica, a conquista do espaço, a informática, a engenharia genética (era só “a metade” da fórmula); mas, os problemas sociais se multiplicaram e vieram os “outros” gigantes: o desemprego, a fome, a corrupção, o narcotráfico... e os recursos econômicos das nações não foram suficientes para manter a segurança social. O que aconteceu? Não havíamos entendido nada! Ainda mais, quando a partir de 1989, com a queda do muro, acreditávamos que a “dissuasão pelo terror” havia terminado com a Guerra Fria e que já não havia hipóteses de conflito, equivocamo-nos pela segunda vez: o conflito de poderes viera para ficar, tornou-se autônomo (em termos técnicos, diz-se hoje que o desemprego é estrutural), nós mesmos éramos (somos) o conflito e o conflito se alimenta das teorias do conflito, para gerar mais conflito. Mas, em quê nos havíamos equivocado?

Equivocamo-nos ao interpretar a ruptura dos recintos atômicos da matéria como resultado da experimentação científico-técnica. Não conseguimos ver que se havia rompido uma barreira cósmica e que a Alma da humanidade ficava constelada em uma nova ordem de sentido. Sabíamos, pelos relatos de antigas cosmogonias, que no final dos tempos se desencadeia uma guerra arquetípica: o novo Deus instaura sua própria ordem temporal e o homem é desafiado a vida ou morte, pelos gigantes. A guerra secreta do mundo de hoje também é arquetípica, mas nós não nos demos conta e continuamos lutando com as velhas armas.

O Raio partiu a muralha, mas eu não me dei conta. O povo cruzou o Mar Vermelho e eu fiquei no Egito. Os astronautas saíram ao espaço e eu fiquei na Terra. E quando, desde o terraço do supermercado, contemplo o céu estrelado,

pergunto-me uma e outra vez: qual é a mensagem de liberação?

Uma voz “silenciosa” me responde: “Só podes vencer o poder do grande, com a astúcia do pequeno”.

Ao grito de guerra do gigante Golias, o jovem David (filho mais novo de Isaí, “que apascentava as ovelhas de seu pai”) o enfrenta, mas não vai a ele com a pesada armadura que lhe é oferecida pelo rei Saul, senão que, tomando na mão seu cajado e sua funda, arroja certa pedra sobre a fronte do filisteu e o derruba em terra (Sam. 17:12). São duas épocas que se enfrentam, duas estirpes, duas concepções do mundo. Quando um ciclo cósmico-histórico terminou (os quarenta dias de idas e voltas do filisteu: final do “quarto reino”) não vem outro gigante combater contra os gigantes: vem um menino, um “guerreiro sagrado” (David, “quase um menino”, pega na correnteza “cinco pedras”: é o recém nascido do “quinto reino”). E vem a nosso encontro uma pergunta: por que “na frente”? E como pôde uma só pedra “fazer cair de bruços o gigante”? Há aqui uma chave hermética.

Hoje, na era informática, a guerra que vivemos sem compreender é mais parecida com a guerra do Mahabharata e com a confrontação entre David e Golias que com as guerras raciais, políticas, econômicas, religiosas, sociais, que conhecemos no transcurso destes últimos dois mil anos. Até ontem, podíamos identificar, quase com nome e sobrenome, os protagonistas históricos das guerras, mas hoje é a própria Guerra (seu código secreto de antissentido) a que escolhe os mensageiros simbólicos da guerra.

Em uma guerra de símbolos, todas as nossas chances são de perder, porque já não sabemos quem é o amigo ou o inimigo nem onde está o bem ou o mal (Baudrillard interpreta que hoje se dá uma guerra “do mal contra o mal”); lutamos contra “mensageiros simbólicos” que são mutantes, como as bactérias assassinas que, ao verem-se atacadas pelos antibióticos, transferem sua informação genética a outras bactérias mais astutas. A cada passo, ao menor descuido,

posso tornar-me acessível ao poder dos gigantes e ser devorado por eles: doenças de autoimunidade. Porém, atenção! Eu também posso ser escolhido pelo Poder, como “guerreiro sagrado” para vencer os gigantes.

Qual é o signo *arkhetípico* da revelação revelada?

Só poderíamos simbolizar a unidade da Revelação, o princípio e o fim do Conhecimento e da Vida, por um hieróglifo: geometria sagrada da Palavra. O Sopro de fogo no cume do monte gera uma onda de energia inversa nas águas da vida. A Mesma luz que ilumina a inteligência na aurora do mundo, deixa-nos em trevas na noite sem estrelas. O mesmo Raio que parte a muralha do castelo fecha a porta em direção à terra escura. A tradição espiritual representa este “giro” do tempo por analogia com acontecimentos críticos do drama histórico: quando Moisés desce do Sinai, levando em suas mãos as tábuas do testemunho, escritas pelo dedo de Deus, encontra o povo adorando o bezerro de ouro (Êx. 32); enquanto Jesus agoniza, os soldados ao pé da cruz lançam sortes sobre sua túnica (Jo. 19:24).

“Não se anuncia impunemente a verdade Divina a uma humanidade que não quer recebê-la”, diz Claude Tresmontant, em seu estudo *El Problema de la Revelación*.

Por que impunemente? Porque o profeta corre então, o risco de ser sacrificado. O evangelho de João o diz de outra maneira: “Veio aos seus, mas os seus não o receberam” (Jo. 1:11) e foi sacrificado. Porém, este “anúncio não recebido” (e sacrificado) se converte em Chave de Poder: é a mensagem das revoluções perdidas.

A Luz que ingressa pode “não ser recebida” pela inteligência humana, mas quando seu Código gen-ético penetra na terra e desce aos infernos,

“gera” uma nova configuração de forças na ordem sagrada da vida.

E volto à pergunta: qual é o signo Arkhetípico da nova Revelação? Já não é um signo, é uma

CON-STELAÇÃO DE SIGNOS!

Penso que sempre foi assim, tanto no cume do Sinai quanto ao pé da Cruz: estamos falando da Trans-posição do próprio Verbo ao cenário histórico-geográfico dos povos. Em cada um dos pontos terrestres, onde o Deus desconhecido assenta seu pé, desencadeia-se uma

“guerra de mundos”.

E nasce uma “nova ordem de sentido”.

O Fogo que toca a terra é sempre o Mesmo, mas o drama histórico é diferente.

Qual é então a con-Stelação de signos de nosso tempo?

Que tipo de “guerra de mundos” se desencadeou na alma do homem? E que “nova ordem de sentido” palpita em seu coração?

Não é fácil responder a cada uma destas perguntas. Talvez já não seja necessário responder a elas: porque *antes* de tentar respondê-las, o Raio divino partiu a muralha. Estamos vivendo uma “guerra de mundos” em escala planetária, mas nos escapa das mãos a “chave” da nova ordem de sentido.

Chave energética do coração

É a chave de poder do homem cósmico que nasce: a chave de ouro-e-prata que governa as forças da vida.

O cruzamento da barreira cósmica se inicia por dentro, no próprio corpo, quando o guerreiro sagrado toma em suas mãos as poderosas forças que ascendem pela Árvore da Vida e as leva em oferenda à Câmara da Rainha: é o poder atômico do Coração.

Lugar de poder, recém descoberto: chave secreta que pode mover o mundo.

Junto com os que voltam
eu volto para ocupar *meu* lugar
na atual guerra de mundos.

Não é fácil descobrir esse “meu” lugar, em um mundo ocupado pelos gigantes. E se chego a descobri-lo, não é fácil reconhecê-lo e mantê-lo como “centro” de poder. Era mais fácil no passado, quando os gigantes tinham nome e sobrenome. Tratarei de explicar-me.

Retrocedamos no tempo, voltemos a Alexandria: século II da era cristã. Também ali se desencadeou uma guerra de mundos: poderosa síntese cultural entre o cristianismo nascente, a sabedoria do mundo antigo e a filosofia grega; um grande ciclo histórico morria ali, a biblioteca que guardava os tesouros do Oriente havia sido incendiada e Hypatia, a jovem sábia pagã, arrastada pelas ruas e lapidada ignominiosamente. Porém, algo novo nascia: rumo a Florença, Roma, Chartres, Compostela.

Hoje, já não estamos em Alexandria, mas não sabemos muito bem qual é nosso chão nem onde está nossa casa. Teilhard de Chardin, comovido pela primeira explosão atômica na terra da América, exclama profeticamente: “Pela primeira vez, ardeu sobre a Terra um fogo cósmico”. Mas, qual era a chave espiritual que se ocultava por trás do véu desse fogo cósmico? Também ali, em outro ponto da geografia simbólica da Terra, havia se desencadeado uma nova guerra de mundos. O Raio que partia a muralha não vinha confrontar-se com a filosofia grega e a tradição

mágico-mítica do Oriente: vinha dar força e sentido à revolução científico-técnica e à revolução social. A Aliança recém nascida vinha com “outra” linguagem, mas os magos do Ocidente não souberam interpretá-la: ou melhor, leram a nova mensagem com a antiga mente. A energia espiritual liberada (o fogo sagrado que se ocultava por trás do resplendor atômico) ia mudar a face do mundo: mas o homem ficou à intempérie.

O Raio havia partido a muralha do antigo mundo: o céu era “outro”, o homem terrestre foi investido com o sacro poder da técnica, mas pela fissura recém aberta, entraram poderes subterrâneos que superaram o poder do homem. Uma Estrela (Stella) havia liberado um terrível Poder sobre a Terra: e todos ficamos, de uma ou de outra maneira, comprometidos em uma guerra de

ConStelação de signos.

Pouco é o que posso dizer aqui. Houve muitas revoluções no que já passou do século e o grande Ortega y Gasset havia antecipado o “Ocaso das Revoluções”, que hoje vivemos com maior desolação ainda – o que ele chamava de “uma época de alma desiludida”. E, não posso menos que repetir o que o próprio Ortega assinalava como epílogo para seu ensaio profético, *El Tema de Nuestro Tiempo*:

Talvez, o nome que melhor se enquadre ao espírito que se inicia, por trás do ocaso das revoluções, seja o de espírito servil.

Sim, os que viveram com o espírito da Revolução, os que deram sua vida em oferta e foram sacrificados, já não estão. E o que fica para trás do ocaso da revolução é “o espírito servil”.

De qualquer modo, “nem tudo está perdido”, como canta Mercedes Sosa. Nosso coração nos diz que a Revolução não está perdida, mas temos que reconhecer que

ficamos sem teoria da Revolução.

O “código secreto” da atual guerra de mundos ultrapassa nossa capacidade intelectual para compreendê-lo. Não só a esquerda política ficou sem teoria da revolução; também as forças armadas ficaram sem hipóteses de conflito; os sindicatos operários ficaram sem teoria para defender o direito ao trabalho; as universidades ficaram sem teoria para o desenvolvimento da consciência; as religiões (velhas e novas) ficaram sem teoria da Revelação (que é como dizer: sem *theoria* para a transfiguração espiritual da vida).

O desafio é demasiado grande: e a matéria humana demasiado fraca para medir-se com o poder dos gigantes das antigas raças. Eu procuro o ideal de sentido, mas eles operam com uma química de antissentido.

Na atual guerra de mundos, corro o máximo perigo:

ser devorado pelos gigantes.

Mas (recordo Hölderlin): “Ali onde está o perigo, também está o que salva”.

O perigo é ficar vulnerável; que é como dizer “perigo de ser escolhido”: ser escolhido para a droga, para as bactérias assassinas, para a informação, para o mercado... para o lixo. Mas, atenção! Eu posso ser escolhido para vencer os gigantes: minha própria sombra (o mais astuto de todos os gigantes). E surge a pergunta chave: com qual poder?

E cheguei a dar-me conta de que, na guerra de mundos que vivemos sem compreender

já não é suficiente retirar-se

ao deserto,
à montanha,
à selva,
à academia:
“em busca
do certo”.

Tive que penetrar nas próprias “entranhas” da Terra. Para voltar transfigurado: com outra mente, outra energia, outro corpo. Outro coração, com outra “chave”: para manejar de outra maneira as forças da vida. Liberar-se para liberar? Talvez sim: voltar ao Egito para resgatar os que ficaram prisioneiros do campo gravitacional da antiga Terra.

E ao encerrar-se a última batalha sobre a Terra, pediria aos deuses uma última graça.

“Não me enterres no Egito”

Jacob desce ao Egito,
habita no Egito, mas não
fica no Egito: “Vou reunir-
me com meu povo;
sepultai-me com meus
pais, na caverna que está
no campo de Efrón” (Gên.
49:29).

O fermento entra na massa, mas não-é a massa. De qualquer modo, já não temos mais tempo: acabou-se o argumento.

VII. ONDE MORREM AS PALAVRAS

NASCE UM NOVO SOL

Cheguei até *aqui*. Ou melhor, acabo de chegar e ainda não parti. As palavras, que no caminho de *ida* pareciam querer dizer-me algo, no caminho de *volta* terminam por não dizer-me nada. RevelaçãoRe-velada – que pelo “dito” (a palavra certa) nos levava à “clareira” do bosque – pelo “não dito” (o silêncio da palavra) nos traz de volta ao seio “obscuro” da Língua Mãe. E Re-construção do Templo – que ao primeiro ouvido soava como mensagem dos construtores – ao segundo ouvido re-soa como missão dos criadores.

A enigmática palavra “Revelação” guiou meus passos até *aqui*, ao lugar onde cheguei, sem haver saído, a *meu* lugar; no transcurso, algo tive que dizer, mas agora que cheguei ao fim do discurso, dou-me conta de que a própria palavra “Revelação” desmorona com todo seu poder semântico. E com ela, caíram todas as palavras, todos os conceitos, todas as representações: “catástrofe de significados”.

Caíram as imagens que havíamos formado da Revelação (“A Revelação não veio na forma que havíamos imaginado”). Dito de outra maneira, caíram as interpretações da Revelação, mas ficou intacta a experiência da Revelação.

E volto à pergunta condutora. O que *é* que ocorreu “aqui” (o quê *me* ocorreu?) no recinto sagrado do Templo, no espaço essencial do Ser, no Silêncio da palavra?

Minha alma ficou “exposta” ao *sopro do poderoso vento solar*! Não se trata de “iluminação” (uma nova imagem do mundo, uma nova teoria científica, uma nova religião revelada), trata-se de Co-moção das entranhas de minha própria vida: A-sombro inicial. Como explicar com palavras o silêncio criador da palavra? Como fazer acessível à inteligência o que pertence ao Arcano da vida?

Só um sinal!

Só uma “marca” na genética molecular, como esses traçados radiativos gravados nas rochas, que marcam a direção do campo magnético da Terra.

A alma da humanidade se encontra hoje “orientada” (encaminhada) para des-velar um novo Mistério. Dito em outras palavras, o fundamento da civilização que vem já não deve ser buscado em ruínas de antigos templos, raízes de línguas desaparecidas, princípios metafísicos, teorias científicas, filosofias políticas, contratos sociais, senão que se revela como “gestação” da luz no seio da matéria escura: é o Filho que amamos, antes de conhecê-lo.

É o homem cósmico que nasce!

A mensagem não vem hoje de academias, vem do deserto. Já não vem das claras especulações da inteligência, mas das escuras entranhas da vida. Já não vem somente do martírio dos poucos santos e heróis que houve no mundo, senão que vem do sacrifício de todos os peregrinos da Terra: sacrifício coletivo dos inocentes.

Um novo reino!

A nota chave que transfigura a história não vem pela velha política das nações, mas por um novo in-pulso *genético* da vida. Os condutores que hoje governam o mundo não têm resposta para o homem porque a mensagem se adiantou aos mensageiros: a envolvente corrente que quebrou as muralhas do antigo *imperium* terrestre, abriu o caminho à nova morada cósmica.

E volto ao A-sombro!

A “catástrofe de significados” por fora, eu a vivo como “desmoronamento de funções” por dentro; não só colapsam as construções do pensamento, senão que o próprio cérebro racional fica deslocado como servomecanismo, em zonas profundas da árvore da vida: o antigo *Homo rationalis* fica de repente fora do sistema, para dar passagem a uma nova mente, novo instrumento noomagnético de ressonância cósmica.

Mas, posso voltar a pensar com este novo cérebro? Sim, mas de “outra maneira”. A “Revelação”, que até ontem havia interpretado como “palavra” privilegiada do profeta, fica hoje a descoberto como “função pro-fética”, dentro de mim mesmo: uma nova “fisiologia” humana fecha o circuito das funções cósmicas da vida.

Posso caracterizar de alguma maneira esta função emergente, que ilumina com novo resplendor a paisagem da antiga Terra? O ritmo da vida é diferente; o instrumento do saber é outro; o pensamento se volta sobre si mesmo e se faz silêncio; a palavra afunda suas raízes no sangue do coração e volta transmutada como sentir profundo: reversibilidade de valores, ruptura de simetria do verbo. O caminho já não é caminho: estou *aqui* de novo, onde cheguei sem haver saído, no seio da Mãe, onde morrem todas as palavras e onde uma nova Palavra é concebida. E dou-me conta de que *aqui*, todas as perguntas con-vocam a Mesma resposta, todas as palavras ocultam o Mesmo silêncio. E a terra e o céu, os homens e os deuses, os vivos e os mortos, a sociedade e a história, todos pertencemos ao Mesmo reino.

O que chamamos de “dessimbolização do mundo” é uma expressão demasiado intelectualizada, talvez demasiado poética, para representar a crise de nossa *Humanitas*, nesta acelerada era técnica. Os teóricos do pós-modernismo falam de “alienação”, “brecha metafísica”, “vazio existencial”, “desmesura”, perda do “cânon sagrado” (Luca Paccioli, humanista da corte de Ludovico o Mouro, de Milão, teria dito que perdemos a “divina proporção”). Porém, todos estes termos – que não deixam de ter valor quando são aplicados para desmitificar o mundo que criamos por fora – estes termos são insuficientes para nomear a “catástrofe de funções” que vivemos por dentro.

Afunda um velho mundo, nasce um novo Sol. Mas, não é somente um Sol que ilumina: é um Sol que nasce. E nasce no coração do homem e nas entranhas da terra.

Um Sol que se entranha!

Um germe de luz toca a matéria,
parte as águas,
chama à vida.

Deixa-o Ser!

Para que possamos navegar na grande corrente
e habitar um novo mundo.

BIBLIOGRAFIA

- BÄR, Nora, artigo em *La Nación*, Buenos Aires, 13 de abril de 1996.
- BATESON, Gregory, *Notes on an Emerging Planet*, New York, Harper and Row, 1977.
- BAUDRILLARD, Jean, *El Crimen Perfecto*, Barcelona, Anagrama, 1996.
- *El Paroxista Indiferente*, Barcelona, Anagrama, 1998.
- *La Transparence du Mal*, Paris, Galilée, 1990.
- BECCACECE, Hugo, “Los Dioses Corruptos”, *La Nación*, Buenos Aires, 30 de junho de 1996.
- BORLAU, Norman, entrevista em *La Nación*, Buenos Aires, 20 de janeiro de 1996.
- CABRERA, Napoleón, “Por qué es difícil la música moderna”, *La Nación*, Buenos Aires, 29 de outubro de 1995.
- CASTANEDA, Carlos, *Journey to Ixtland*, New York, Simon and Schuster, 1972.
- *Tales of Power*, New York, Simon and Schuster, 1974.
- CASTRO, Jorge, “Las Múltiples Guerras de la Posguerra Fria”, *La Nación*, Buenos Aires, 12 de janeiro de 1997.
- CUATRECASAS, Juan, *Ramón LLul, Médico y Filósofo*, Barcelona, Roca, 1977.
- DESCHNER, K., *Amerikanisierung der Welt*, Stuttgart, Weitbrecht, 1992.
- FRANKL, Viktor, *El Dios Inconsciente*, Buenos Aires, Plantin, 1955.
- GARCÍA VENTURINI, Jorge, “El Tiempo Apocalíptico”, *La Nación*, Revista, Buenos Aires, 28 de novembro de 1996.
- GEBSER, Jean, *Ursprung und Gegenwart*, Schaffhausen, Novalis Verlag, 1989.
- “The Foundation of the Aperspective World”, *Main Currents*, 29,2, 1972.

- GUEVARA, Ernesto, “Carta a Aníbal Quijano”, *Marcha*, Montevideú, 12 de março de 1965.
- HEGEL, Friedrich, *Fenomenología del Espíritu*, La Habana, Instituto Cubano del Libro, 1972.
- *Ciencia de la Lógica*, Buenos Aires, Solar, 1976.
- HEIDEGGER, Martín, *Unterwegs zur Sprache*, Stuttgart, Neske, 1997.
- *Lecciones de M. Heidegger, semestre de verano de 1934*, Madrid, Anthropos, 1991.
- HEISENBERG, Werner, *Encuentros y Conversaciones con Einstein y otros ensayos*, Madrid, Alianza, 1985.
- I Ching*, Buenos Aires, Sudamericana, 1978.
- JUNG, C. G., *El Yo y el Inconsciente*, Santiago de Chile, Época, 1920.
- *Respuesta a Job*, México, Fondo de Cultura Económica, 1992.
- KAMENETZKY, Mario, artigo em *Relaciones*, Montevideú, janeiro-fevereiro, 1993.
- KRISHNAMURTI, J., *The Awakening of Intelligence*, New York, Avon Books, 1973.
- *Biografía*, Madrid, Sirio, 1990.
- KUSCH, Rodolfo, *América Profunda*, Buenos Aires, Bonum, 1986.
- LU TZU, *Il Mistero del Fiore*, Papua, Mediterranée.
- MARÓTHI, János, “Ritmo y rito. Dagli Schemi Comportamentali alle Struttere Musicale”, *Musica/Realtà*, XV, 47, 1995.
- MEAD, Margareth, *Adolescencia y Cultura en Samoa*, Buenos Aires, Abril, 1945.
- MUNÑOZ SOLER, Ramón P., “La Egoencia del Ser”, *Cuadernos de Cultura Espiritual*, 2, Buenos Aires, ADCEA, 1969.
- *Universidad de Síntesis*, Buenos Aires, Depalma, 1984.
- *Gérmenes de Futuro en el Hombre*, Buenos Aires, Arayú, 1967.

- *El Camino de la Egoencia: de la angustia existencial a la mística del corazón*, Buenos Aires, Arayú, 1969.
- NIETZSCHE, Friedrich, *Así Habló Zarathustra*, Madrid, Aguilar, 1932.
- OBIETA, Adolfo de, *Tiempo de Profecías II*, Buenos Aires, Corregidor, 1992.
- ORTEGA Y GASSET, José, *El Espectador*, Madrid, Revista de Occidente, 1928.
- *El Tema de Nuestro Tiempo*, Madrid, Revista de Occidente, 120 edição, 1956.
- ORTOLANI, Valerio, *Personalidad Ecológica*, Puebla, Universidad Iberoamericana, 1984.
- PAZ, Octavio, *El Arco y la Lira*, México, Fondo de Cultura Económica, 1956.
- *Corriente Alterna*, México, Siglo Veintiuno, 1969.
- *Los Signos en Rotación y otros ensayos*, Madrid, Alianza, 1971.
- PICHT, Georg, *Refletions au Bord du Gouffre*, Paris, Robert Laffont, 1970.
- Popol Vuh*, Buenos Aires, Seix Barral, 1998.
- PRIGOGINE, Ilya, *¿Tan Sólo una Ilusión?*, Barcelona, Tusquets, 1983.
- REICH, Charles, *The Greening of America*, New York, Random House, 1970.
- SÁBATO, Ernesto, *Antes del Fin*, Buenos Aires, Seix Barral, 1998.
- *Memorias*, Buenos Aires, Seix Barral, 1999.
- SCHURÉ, Édouard, *Los Profetas del Renacimiento*, Buenos Aires, Futuro, 1945.
- THOMPSON, William Irwin, *Notes on an Emerging Planet*, New York, Harper and Row, 1979.
- SCHWEITZER, Albert, *El Pensamiento de la India*, México, Fondo de Cultura Económica, 1952.
- SRI AUROBINDO, *The Synthesis of Yoga*, New York, Sri Aurobindo Library, 1953.

TRESMONTANT, Claude, *El Problema de la Revelación*,
Barcelona, Herder, 1972.

UBALDI, Pietro, *La Grande Síntesis*, México, Voz
Informativa, 1959.